

**XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre
Mulher e Relações de Gênero**

**II Seminário Nacional “O Feminismo no Brasil, Reflexões
Teóricas e Perspectivas”**

LIVRO DE RESUMOS

Grande Hotel da Barra / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
04 a 07 de novembro
Salvador – BA
2008

**Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM
Universidade Federal da Bahia**

**XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre
Mulher e Relações de Gênero**

**II Seminário Nacional “O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e
Perspectivas”**

REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER – NEIM

EQUIPE RESPONSÁVEL

Diretora do NEIM
Cecília M. B. Sardenberg

Vice-Diretora do NEIM
Ângela M. F. de Souza

COORDENAÇÃO

Cecília M. B. Sardenberg
Márcia dos Santos Macêdo
Léa Menezes de Santana
Rita Lessa Costa

EQUIPE DE APOIO

Jéssica Torres Costa e Silva
Rogério de Andrade Barros
Sintia Araújo Cardoso

ILUSTRAÇÃO

Fast Design

EDITORACÃO

Léa Menezes de Santana
Rogério de Andrade Barros
Sintia Araújo Cardoso

APOIO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO NEIM - PPGNEIM
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA - UNEB
SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES – SPM
PATHWAYS OF WOMEN’S EMPOWERMENT – DFID / UK

APRESENTAÇÃO

Saudamos a todas/os as/os participantes do **II Seminário Nacional “O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e Perspectivas** e **XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero** em um momento tão marcante da trajetória do NEIM, que completa 25 anos de lutas e realizações. Nada mais justo que comemorar um quarto de século de existência realizando eventos que possibilitem congregar pesquisadoras/es, estudantes, especialistas, profissionais, militantes e demais pessoas interessadas/os e atuantes nos estudos feministas – como foi com a recente realização do **Colóquio Nacional sobre as Mulheres e a Constituição: reflexões feministas sobre o legado jurídico-político do Lobby do Batom 20 anos depois** – articulando, assim, um espaço para a troca de experiências e conhecimentos que incentive reflexões e propostas conjuntas para estudos e pesquisas, tanto sobre a trajetória como sobre as perspectivas do feminismo no Brasil na sua relação com o campo político. Um pouco dessa história merece ser retomada.

Em 1988, por ocasião do seu quinto aniversário, o NEIM promoveu o **I Seminário Nacional: O Feminismo no Brasil, Reflexões Teóricas e Perspectivas**, que reuniu 40 mulheres, feministas, atuantes nas universidades, órgãos do governo, e nos movimentos sociais. Foram quatro dias de intensos debates em torno de questões pertinentes a relação Memórias do Feminismo, Feminismo e Estado, Feminismo e Movimentos Sociais, Práticas Feministas e Identidade, dentre outros. Os resultados desse evento foram publicados, tanto em forma de Anais, internamente, como em trabalhos acadêmicos sobre o Feminismo no Brasil. Nas duas décadas desde a realização daquele evento, o feminismo em nosso país avançou consideravelmente, com mudanças importantes nas relações com o Estado, outros movimentos sociais e a sociedade civil como um todo. De fato, testemunhou-se o desenrolar de um processo marcante de institucionalização do Feminismo, com o surgimento de mecanismos estatais importantes de promoção da equidade de gênero, tais como, os conselhos, secretarias, coordenadorias da mulher, etc. Além disso, verificou-se a “profissionalização” do feminismo, com o surgimento de organizações não governamentais – ONGs feministas, e proliferação de redes de articulação feministas, tanto de ONGs como acadêmicas, a exemplo da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulheres e Relações de Gênero - REDOR, Rede Brasileira de Estudos Feministas – REDEFEM, a Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB, o Fórum de Organizações de Mulheres Negras. Por outro lado, o movimento feminista diversificou-se consideravelmente, com a articulação de movimentos de “identidades feministas” distintas, tais como o de mulheres negras, lésbicas, mulheres rurais, etc.

Em 1995, por sua vez, reconhecendo a necessidade de estreitar laços entre profissionais atuantes em torno da temática mulher e relações de gênero no Estado da Bahia e, assim, avaliar o 'estado da arte' no âmbito estadual, o NEIM promoveu o **I Simpósio Baiano de Pesquisadoras (es) sobre Mulher e Relações de Gênero**. E, desde então, vem promovendo esses simpósios anuais, cada um enfocando uma temática específica e reunindo, a cada ano, um número progressivamente maior de pesquisadoras (es) de diferentes universidades do Estado. Dentre as/os participantes, tem-se destacado também a presença de aluna/os dos cursos de graduação e pós-graduação dessas universidades. Nesse particular, esses simpósios estaduais promovidos pelo NEIM vêm-se tornando um importante instrumento de formação para estudantes, oferecendo-lhes um espaço para apresentarem trabalhos à comunidade científico-acadêmica baiana. Na verdade, trata-se, atualmente, de um evento que faz parte, não apenas da programação anual do NEIM, mas também da agenda do campo de estudos sobre mulher e relações de gênero na Bahia como um todo. Sem dúvida, isso atesta o crescente interesse em torno da temática em questão no Estado, tornando-se fundamental garantir, também este ano, um fórum para o debate e intercâmbio das (os) pesquisadoras (es) que vêm desenvolvendo estudos e pesquisas nesse campo.

Assim, ao comemorar os seus 25 anos de teoria e praxis feministas na academia, o colegiado do NEIM asseverou ser pertinente articular esses dois importantes fóruns de permuta de experiências de âmbito nacional e estadual, possibilitando o fortalecimento de espaços que levem a reflexões sobre as conquistas, tensões e perspectivas do feminismo no Brasil. Nessa direção, o evento conjunto – **II Seminário Nacional** e o **XIV Simpósio Baiano** – pretende identificar os desafios existentes a respeito de questões pertinentes ao feminismo no Brasil, seja no campo da pesquisa, como da ação política; estabelecer parcerias entre ativistas, pesquisadoras/es e instituições, na perspectiva da ampliação de estudos sobre o feminismo no Brasil e na Bahia; articular um espaço de reflexão teórica e analítica que incentive o debate e o intercâmbio entre pesquisadoras/es, desenvolvendo estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero na Bahia e no Brasil; promover uma articulação de âmbito regional entre os núcleos universitários, instituições de pesquisa e pesquisadoras/es, que lidam com a temática de mulher e relações de gênero; contribuir para a formação de jovens pesquisadoras/es neste campo de estudos.

A Equipe do NEIM espera, portanto, que nestes quatro dias de encontro, essas expectativas se realizem e se multipliquem pelos anos vindouros.

Salvador, novembro de 2008

A Coordenação do Evento

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO

QUADRO DOS GTs

GT – CULTURA E IDENTIDADE

GT - GÊNERO E EDUCAÇÃO.....

GT - FAMÍLIA E GERAÇÃO.....

GT- GÊNERO E HISTÓRIA.....

GT – INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GT – LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS.....

GT – POLÍTICA E FEMINISMO

GT – GÊNERO, RAÇA E ETNIA

GT – SAÚDE, SEXUALIDADE E DIREITOS REPRODUTIVOS

GT – TEORIA FEMINISTA

GT – TRABALHO E MOVIMENTOS SOCIAIS.....

GT - GÊNERO E VIOLÊNCIA.....

XIV SIMPÓSIO BAIANO DE PESQUISADORAS (ES) SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO

II SEMINÁRIO NACIONAL “O FEMINISMO NO BRASIL, REFLEXÕES TEÓRICAS E PERSPECTIVAS”

04 a 07 de novembro de 2008, Salvador, Bahia

PROGRAMAÇÃO

MESAS: Grande Hotel da Barra / **GTs:** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH)

04/11, TERÇA-FEIRA	05/11, QUARTA-FEIRA
	8:00-10:00h - Mesa I - Caminhos e Memórias do Feminismo no Brasil Coordenadora: Márcia Macedo (NEIM) Expositoras: Luzinete Simões (REF), Mary Ferreira (UFMA), Albertina Costa (FCC), Maria José Araújo (IMAIIS) Debatedoras: Jaqueline Pitanguy (Cepia – a confirmar), Valdecir Nascimento (SEPROMI)
	10:15 - 12:15h - Mesa II - Feminismos e Movimentos Coordenadora: Maria de Lourdes Scheffler Expositoras: Vera Soares (USP), Vera Lucia (MST- a confirmar), Maria Amélia Teles (União de Mulheres), Matilde Ribeiro (ex-Ministra da SEPPIR) Debatedoras: Eleonora Menicucci (UFPaulista) , Ana Alice Costa (NEIM)
16:00 - 18:00h Credenciamento Recepção	14:00-18:00h - Apresentação de trabalhos em sessões simultâneas (Local: FFCH)
18:30-19:00 h Solenidade de Abertura 19:00-20:30 h Mesa: 25 Anos de NEIM - Alda Motta, Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg 20:30h - Homenagem às nossas pioneiras 21:00-21:30h Lançamento de Livro	18:30 -20:30h - Mesa III Feminismo e Mecanismos Estatais Coordenadora: Eulália Azevedo (NEIM) Expositoras: Ministra Nilceia Freire (a confirmar), Terezinha Barros (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres-Lauro de Freitas), Vanda Menezes (Ex-secretária da Mulher de Alagoas), Maria Helena Silva (ex-superintendente, SPMulheres Salvador) Debatedoras: Jussara Prá (UFRGS)

06/11, QUINTA-FEIRA	07/11, SEXTA-FEIRA
8:00 - 10:00h - Mesa VI - Feminismo Acadêmico Coordenadora: Ângela Freire (NEIM) Expositoras: Tânia Swain (UNB), Adriana Piscitelli (PAGU), Lucila Scavone (UNESP-Araraquara), Jussara Prá (UFRGS) Debatedoras: Hildete Melo (UFF- a confirmar)	8:00-10:00h - Apresentação de trabalhos em sessões simultâneas (Local: FFCH)
10:15 - 12:15h - Mesa IV - Feminismos nas ONGs Coordenadora: Iole Vanin Expositoras: Marlene Libardoni (AGENDE), Jurema Werneck (Criola), Nilsa Iracy (Geledes), representante SOS Debatedoras: Rhubia Abs (Themis)	10:00-12:00h - Apresentação de trabalhos em sessões simultâneas (Local: FFCH)
14:00-18:00h - Apresentação de trabalhos em sessões simultâneas (Local: FFCH)	13:30 - 15:30h- Mesa VI : Lutas Feministas da Atualidade Coordenação: Maria Eunice Kalil (Fórum de Combate à Violência) Expositoras: Sílvia de Aquino (NEIM-Observatório Lei Maria da Penha); Gilberta Soares (CUNHÃ), Representante da LBL, Debatedora: Sílvia Lúcia Ferreira (NEIM), Márcia Gomes (NEIM-Observatório LMPenha) 15:30 - 17:30h - Mesa VII - Perspectivas para o Feminismo no Brasil Coordenação: Cecília Sardenberg (NEIM), Ana Regina Reis (Espaço Feminista), Cristina Buarque (Secretaria da Mulher - Pernambuco) Debate Aberto 17:30 - 18:00h - Encerramento
Noite livre	20:30h : Baile dos 25 Anos do NEIM

GT – CULTURA E IDENTIDADE

Coord.: Márcia Macêdo

- O futebol é feminino. O “jogo”, masculino: “um pouco” da trajetória das mulheres baianas. Anália de Jesus Moreira
- Repensando o “feminino” e o “masculino” para além do paradigma da modernidade. Carolina Ribeiro Santana
- Gênero e poder no pentecostalismo em Feira de Santana: 1950-2000. Dalila dos Reis Dantas da Silva
- Teologia feminista e questões de gênero. Elizabete da Conceição Paiva de Oliveira
- A construção de gênero nas experiências de vida e trabalho das pescadoras em Ilhéus- BA, 1980-2007. Fabiana de Santana Andrade
- As relações de gênero na festa de São Bartolomeu. Fernanda Reis dos Santos
- Lideranças femininas nas Igrejas Pentecostais de Manaus. Heloisa Lara Campos da Costa Kathyursia Ribeiro
- Reflexões sobre feminismo em música: saindo do ‘genérico’ para avaliar sons, ações e possibilidades. Laila Rosa
- As relações sociais de gênero enquanto elemento do processo de formação identitária da Polícia Militar. Laudicéia Soares de Oliveira
- Compassos e descompassos: representações a cerca da conduta de mulheres em Feira de Santana (1960-1979). Maria Carolina Silva Martins da Silva
- Dançarinas eróticas brasileiras em Nova York: trajetórias transnacionais. Suzana Moura Maia
- Análise comparativa das antigas e novas configurações dos estereótipos de gênero. Sheyla C. S. Fernandes Conceição

GT - GÊNERO E EDUCAÇÃO

Coord.: Ângela Freire

- Iluminismo e Educação Feminina no Século XVII: entre a emancipação e a conformação social. Alexnaldo Teixeira Rodrigues
- De volta às aulas: as professoras-estudantes do PROLE -História/Ufba 2005-2008: histórias de vida de professoras que viraram estudantes. Andrea da Silva Cunha
- Escola lilás: quando a universidade leva a discussão de gênero para alunos (as) e professores (as) do ensino fundamental e médio. Andréa Pacheco de Mesquita
- Políticas públicas de equidade de gênero em educação: uma breve contextualização histórica. Ângela Maria Freire de Lima e Souza
- Radiografia da mulher discente em cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2005. Anna Chaisuk Barouchel
- Pesquisa (auto)biográfica e estudos de gênero: Reflexões iniciais sobre epistemologias feministas e itinerários metodológicos. Cecília Maria de Alencar Menezes
- Da casa à escola, da escola à maré: representações femininas acerca da família e da educação formal na comunidade pesqueira de Acupe (Santo Amaro-Bahia). Claudia Cristina Santos de Andrade
- Miradas femininas: representações de mulheres em vídeos de uso didático. Denise Bastos de Araujo
- Do tempo da uniformização ao tempo da alteridade: a lei 9.795 e a perspectiva de gênero na educação ambiental brasileira. Dione Márcia da Silva Brandão
- A escola inclusiva: lugar da construção das identidades de gênero. Fabiana da Silva Guimarães
- As manifestações de gênero na prática pedagógica nas séries iniciais. Gabrielle Pellucio
- Existem meninas “gênias”? : um diálogo entre gênero e matemática. Gicele Sucupira
- Educação, sexualidade, gênero: perspectivas de debate no curso de formação inicial de professores em EAD. Graciene Rocha de Jesus Guimarães
- Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso sobre gênero, música, educação
- História da educação feminina na Bahia no século XX. Josenilda Pinto

Mesquita

- Fotografia e roxo: metodologia de trabalho com mulheres. Maria Elizabeth da Silva
- Gênero, poder e escola: uma análise histórica. Rita de Cássia Costa Moreira
- Aos meninos, álgebra, às meninas, prendas domésticas: história da educação das práticas pedagógicas diferenciadas entre meninos e meninas em São Luís (1900-1930). Tatiane da Silva Sales
- Mulheres em trânsito: um estudo de caso acerca das representações de gênero no curso de condutores da escola pública de trânsito. Tatiane de Jesus Chates
- A desconstrução dos gêneros na prática pedagógica: uma análise sobre os discursos docente. Tatiane de Lucena Lima

GT - FAMÍLIA E GERAÇÃO

Coord.: Alda Britto e Eulália Azevedo

- Mulheres idosas: feminismo e gerontologia. Alda Britto da Motta
- Significados do tornar-se mãe no contexto acadêmico. Ana Maria de Oliveira Urpia

Tempos de Mudança, vidas em mutações: o empoderamento de mulheres na Bahia através de gerações. Carolina Santana

- Dados sobre as pessoas solteiras e que moram sozinhas no Brasil contemporâneo: uma leitura geracional e de gênero. Darlane Silva Vieira Andrade
- A transição para o trabalho entre adolescentes aprendizes – um estudo de caso com adolescentes de Salvador. Elsa de Mattos
- Em movimento (con)fundem-se limites de idade: mulheres embarcam neste bonde. Eulália Lima Azevedo
- Meninas de Apipucos. Isadora Browne Porciuncula de Moraes Ribeiro
- As mulheres chefes de família e seus filhos. Jane de Jesus Soares
- Como viviam os idosos baianos na segunda metade do séc XIX: uma retrospectiva histórica. Kátia Jane C. Bernardo

- O discurso de falantes idosas numa perspectiva temporal. Marcela Moura Torres Paim
- Mulheres chefes de família de classes médias: na trama das interseccionalidades. Márcia dos Santos Macedo
- Mulheres idosas de classes populares: provedoras e cuidadoras. Marcia Queiroz de Carvalho Gomes
- Sexo, afeto e solteirice: intersecções de gênero, raça e geração entre mulheres de classe média. Márcia Santana Tavares
- Cidadania sexuada e maternidade: uma leitura feminista acerca do Programa Bolsa Família. Silvana Aparecida Mariano
- De Jece Valadão à Brad Pitt: percepção do homem carioca sobre as novas formas de organização da vida familiar. Victoria Romeo Tomaz
- Divisão etária e sexual do trabalho: um estudo de caso envolvendo uma unidade produtiva de calçado em Ipirá-BA. Zilmar Alverita da Silva

GT- GÊNERO E HISTÓRIA

Coord.: Iole Vanin

- Mulheres e resistências: uma abordagem de gênero sobre o período militar (Pernambuco, 1964-1979). Andréa Bandeira
- A sexualidade e a honra de crianças e jovens na cidade do Salvador, 1940-1970: os crimes contra os costumes. Andrea da Rocha Rodrigues
- É melhor casar para não ser preso, ou ser preso para não casar?: uma análise dos processos de defloramento encontrados em Santo Antonio de Jesus de 1900-1940. Andréia da Silva Correia
- Aqui jaz! Beatriz Kushnir
- A ginecologia e os paradigmas de feminilidade em Salvador. Caroline Santos Silva
- Mulheres honestas, homens honrados: a honra sexual entre o tradicional e o moderno – Feira de Santana (1940-1960). Cristiane Lima Santos
- “E elas faziam vida...”. A geografia do prazer e os códigos de gênero na terra do petróleo. Daniela Nunes do Nascimento
- Em defesa da honra: defloramento, adultério e concubinato na Bahia na

primeira metade do século XVIII. Daniele Santos de Souza

- Historiografia das mulheres e estudos de gênero no Brasil: uma reflexão crítica. Diva do Couto Gontijo Muniz
- Repensando as relações de gênero nos processos crimes em Uberlândia - 1970/1980. Dulcina Tereza Bonati Borges
- A resistência inventiva das mulheres charuteiras. Elizabete Rodrigues da Silva
- Memórias de prostituição. Heliane Celestino Pitágora
- Representação da civilidade feminina na Bahia do século XIX: a revolta das recolhidas do Santo Nome de Jesus em 1858. Ivani Almeida Teles da Silva
- “Decahidas” na Feira de Santana “cultas e adiantadas” (1920 – 1940). Luiz Alberto da Silva Lima
- Investigação de paternidade: para quê? E para quem? Marinete dos Santos Silva
- Herdeiras e senhoras de seu destino: Mulheres de juazeiro – 1850/1891. Mônica Sepúlveda Fonseca
- Reclusão feminina na Bahia: o estatuto dos recolhimentos a partir do estudo do recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões (séc XVIII e XIX). Patrícia Mota Sena
- Notas de uma história que não contaram: visibilizando as mulheres em movimentos de moradia em Salvador de 1940 a 1980. Renato Macedo Filho
- O asilo Filhas de Ana - relações de gênero no processo de normatização feminina. Sidnara Anunciação Santana Souza
- Entre agulhas, linhas e tecidos: costureiras e chapelistas na Salvador oitocentista. Silmária Brandão
- Branca, nativa e proprietária ou negra, migrante e sem terra: o status nas relações cotidianas da vila de Uibaí, Xique-Xique, década de 1950. Taiane Dantas Martins
- Ser operária/o uma questão de gênero e classe: o cotidiano e as lutas operárias na Bahia - Salvador (Primeira República – 1892/1919). Vanessa Cristina Santos Matos

GT – INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Coord.: Alexnaldo Rodrigues e Marta Leone

- Mulheres, mentalidades e comportamento: a segregação feminina nos bailes sociais em uma cidade do interior da Bahia. Aleí dos Santos Lima
- A emancipação feminina nas páginas do jornal Folha do Norte (Feira de Santana) na década de 1930. Aline Aguiar Cerqueira
- A relevância do projeto fomento ao consumo sustentável para um grupo de mulheres da comunidade Parque Santana (Fortaleza-CE): um olhar sobre suas percepções. Aline Maria de Castro Almeida
- Sexualidade de adolescentes e jovens vivendo com HIV/AIDS. Andréia Silva Rodrigues
- Escritoras baianas negras. Antonio Marcos Pinto Coelho
- Traços feministas nos movimentos das artesãs de Massarandupió. Arlete Oliveira dos Santos
- Caracterização do feminicídio no estado do Ceará. Fabiana Ximenes Barros
- Programa pró-eqüidade de gênero: oportunidades iguais para todos e todas? Estudo de práticas efetivas na 1ª edição. Hairam Machado
- Autobiografia, formação e identidade: descobrindo gênero. Hilmaria Santos
- Feminismo em movimentos sociais. Johanna Brígida Rocha Ribeiro Meyer
- Cunhã, maraneyma, ecobé aé ecoaba: uma análise institucional do programa de resgate da medicina tradicional. Júlia Ribeiro Simon Cavalcanti Thomaz
- A essencialização de homens e mulheres no âmbito acadêmico: um estudo intercultural. Júlia Rodrigues Lobo
- Estudo da interseccionalidade entre “raça”, gênero e sexualidade entre mulheres lésbicas e bissexuais. Layla Vitorio Peçanha
- Mulheres envolvidas com o fenômeno das drogas na comunicação de massa. Márcia Rebeca Rocha de Souza
- Violência contra mulheres lésbicas no Brasil: construindo debates. Maria do Carmo Braga de Oliveira
- Diálogos entre a Universidade do Estado da Bahia e os movimentos sociais: relato de experiência no enfrentamento à violência contra as mulheres em Conceição do Coité-ba. Raphaella Silva Pereira de Oliveira

- A tutela jurídica da prostituição. Samira Oliveira Noronha
- O canto feminista do movimento de mulheres trabalhadoras rurais de Inhambupe. Sandra Freitas de Carvalho
- Por uma pedagogia feminista. Silvana Correia dos Santos
- Gênero e (auto)biografia: construindo o processo de conscientização. Tatiana Badaró
- Características sócio-demográficas de puérperas usuárias de uma maternidade pública de Salvador, Bahia. Tatiane Oliveira Souza
- Uso de preservativo em relações homossexuais grupais: desafios para a prevenção do HIV/AIDS. Tâmara Costa

GT – LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

Coord.: Ivia Alves

- Miradas femininas: participação das mulheres na imprensa de salvador. Ana Fernanda Campos de Souza
- Prosa afro-feminina: Uma tessitura de (des) silenciamentos, identidades e práticas feministas. Ana Rita Santiago da Silva
- Mulher macho sim senhor! As variedades de cangaceiras no cinema brasileiro. Caroline Lima Santos
- As mulheres e o discurso do imaginário sobre o Brasil. Cassiana Gabrielli
- O jogo do cuidado em O Lugar Escuro de Heloisa Seixas. Clarice Costa Pinheiro
- As “swingueiras” do papai: o imaginário masculino sobre a mulher nas letras de pagode baiano. Clebemilton Gomes do Nascimento
- Mulher negra como esteio de comunidade: figuras de memória, história, oralidade. Cristiane Batista da Silva Santos
- Corisco e Dadá e a representação da mulher nordestina no cinema nacional. Dalila Carla dos Santos
- Estudo da Narração Feminina no romance Dias e Dias, de Ana Miranda. Edjande da Costa Souza Azevedo
- As baianas, cartão-postal da Bahia: os usos dos estereótipos femininos na construção da baianidade. Elisângela Sales Encarnação

- De "Rosa" ao rap "Só as cachorras" onde andam Emílias e Amélias? Movimentos de mulheres e música popular brasileira. Elza Dely Veloso Macedo
- Para as "esposas e mães do futuro neste meu Brasil": representações sobre o feminino na revista Fon-Fon (1920-1924). Fabiana Francisca Macena
- A mulher negra sob a ótica de escritoras afro-brasileiras. Francineide Santos Palmeira
- A construção da imagem "ideal" da mulher na mídia contemporânea. Helena Miranda dos Santos
- Um filme uma história – quantas Virgins? Iracilda Pimentel Carvalho
- Mulheres em Séries VI: As novas policiais do século XXI; um olhar sobre as séries televisivas Life, The Closer, In Plain Sight, The Women's Murder Clube outras. Ivya Alves
- De quem é a mão que nos escreve? Trânsitos feministas na literatura e no movimento de trabalhadoras rurais do território do sisal. Jailma dos Santos Pedreira Moreira
- Repensando as prisões de gênero a partir de uma "Visita Íntima": do enredo fílmico para a vida. Jesana Pereira Batista
- Mulher, identidade e discurso: a (des)construção de gênero na prosa de Helena Parente Cunha. Léa Costa Santana Dias
- Mulheres em conflito nos contos de Helena Parente Cunha. Lílian Almeida de Oliveira Lima
- O conto Darling ou do Amor em Copacabana : uma análise sob a perspectiva de gênero. Lilian Santana da Silva
- Miradas femininas: mulheres em transe. Linda Oliveira Rubim
- Uma leitura feminista das personagens dos seriados de TV dos anos 70. Lúcia Tavares Leiro
- Periodismo e Imprensa: A escritura feminina na Bahia. Márcia Maria da Silva Barreiros Leite
- Miradas femininas: mulheres no muro: grafites e grafiteiras em Salvador. Margarida Morena Strauch de Souza
- Inês Sabino nas páginas da imprensa feminina brasileira e portuguesa. Maria da Conceição Pinheiro Araújo

- Gênero e poder: imagens e representações das vivandeiras na mídia impressa. Maria Meire de Carvalho
- Corpo: estudos exploratórios. Nancy Rita Ferreira Vieira
- Noite ilustrada e babado: homossexualidade e gênero na mídia impressa. Paulo Sérgio Rodrigues de Paula
- Miradas femininas: o mundo de Antonia. Priscila Lima
- Miradas femininas: a presidente do La Nación. Renata Inah de Almeida Vidal
- Corpos em evidência: imagens de mulheres nas propagandas de cerveja. Sabrina Uzêda da Cruz
- Imprensa feminina na Bahia – 1860-1917. Simone Ramos Marinho
- Vozes-mulheres: dissidência política e legado matrilinear na poética de Conceição Evaristo. Tatiana Sena

GT – POLÍTICA E FEMINISMO

Coord.: Ana Alice Costa e Salete Maria da Silva

- Mulheres na política: sociabilidades e exercício do poder. Anna Christina Freire Barbosa
- A dimensão do enfoque de gênero no programa bolsa família: ranços e avanços na promoção do empoderamento das mulheres nos municípios baianos. Bárbara Maria Santos Caldeira
- Análise histórica sob os direitos políticos das mulheres no Brasil. Camilla Lima Batista
- Relações de gênero e planejamento urbano: Por uma equidade entre os gêneros na cidade. Claudia Andrade Vieira
- Presença feminina na política: cidadania e os espaços “público e privado”. Claudia de Faria Barbosa
- Feminização do poder: considerações iniciais. Denise Pini Rosalem da Fonseca
- A “CPI da mulher”: o feminismo de Ana Oliveira. Ediane Lopes de Santana
- Pensamento político brasileiro e contrato sexual. Marina Basso Lacerda

- A Mulher e o Poder: Um estudo da participação feminina no Partido dos Trabalhadores do Estado do
- Rio de Janeiro. Sana Gimenes Alvarenga Domingues
- O Feminismo da Bahia no contexto da década de 1930: limites e possibilidades. Tatiana Lima de Siqueira

GT – GÊNERO, RAÇA E ETNIA

Coord.: Antônia Garcia

- São mulheres e são negras: relato de experiência com mulheres negras que estão cumprindo pena em regime aberto ou semi-aberto. Adriana Severo Rodrigues
- “Trajetórias, feminismo negro e narrativas sobre a solidão afetiva entre mulheres negras ativistas e não-ativistas em Salvador, Bahia”. Ana Cláudia Lemos Pacheco
- Sexualidades de mulheres negras: em uma discussão inicial. Fabiana Leonel
- A presença da policial feminina com características afro-descendentes na polícia militar da Bahia. Genivaldo Silva das Neves
- Relações de gênero dentro da Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos. Luciana Falcão Lessa
- Movimentos e experiências das mulheres do INEGRA. Maria Aparecida Silva
- Caminhos traçados na escolarização percebida por mulheres negras empregadas domésticas em Uberlândia. Marta Helena Rosa da Silva
- Movimento de mulheres negras feministas em Salvador: experiências e perspectivas (1978-2001). Silvana Santos Bispo
- Repensando os feminismos negro brasileiro e norte-americano. Tatiana Raquel Reis Silva
- Mulheres negras no sistema bancário: subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo. Vanessa Santos do Canto

GT – SAÚDE, SEXUALIDADE E DIREITOS REPRODUTIVOS

Coord.: Enilda Rosendo

- Comportamento dos homens na sexualidade durante a gravidez. Ângela Costa de Queiroz
- Gravidez na adolescência: um conceito de problema. Carla Denari Giuliani
- Direitos sexuais e direitos reprodutivos, um desafio ao acesso nos serviços de saúde. Emanuelle Freitas Góes
- Dar pinta na praia é lutar por cidadania? Fabio Pessanha Bila
- A pessoa usuária de drogas: uma imagem estereotipada. Jeane Freitas de Oliveira
- Evolução dos conceitos de saúde sexual e reprodutiva na graduação em enfermagem. Joise Magarão Queiroz Silva
- Mulheres negras: um ensaio de como se dá a dinâmica de trabalho das agentes comunitárias de saúde do programa saúde da família de Mesquita – Rio de Janeiro. Jussara Francisca de Assis
- Elas por ela: ser parteira, “lugares de significados” e relações de gênero. Lucia Helena Rodrigues Costa
- Representações sociais de homens e mulheres, com de mais de 50 anos, sobre práticas sexuais: implicações na vulnerabilidade ao HIV/AIDS. Lucineide Santos Silva
- Climatério e sexualidade feminina: um recorte de gênero. Sabrina Gonçalves Silva Pereira
- Linhas cruzadas nos processos migratórios: rotas do tráfico de mulheres para Portugal e Espanha. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

GT – TEORIA FEMINISTA

Coord.: Cláudia Pons

- A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista. Adriana Vidal de Oliveira
- O feminismo e a construção do conceito de gênero. Gleidsmara dos Santos Cardozo Franzoni

- Uma visão crítica do debate entre Tilly e Scott. Gustavo do Rego Barros Brivio
- O patriarcado metamórfico e o conceito de gênero. Rita de Cássia Almeida Santos
- Epistemologias feministas, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos das mulheres. Simone Andrade Teixeira

GT – TRABALHO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Coord.: Petilda Vazquez e Maria de Lourdes Scheffler

- Pontos e pespontos: a influência da gestão organizacional na qualidade de vida no trabalho feminino no setor de costura numa empresa de estofados. Alessandra Oliveira de Carvalho Silva
- O trabalho de participação comunitária – TPC no conjunto mutirão e a organização das mulheres na efetivação de seus direitos. Maria Olívia da Silva Monteiro
- Relações de gênero e informalidade na dinâmica recente do mercado de trabalho. Ângela M. C. Araújo
- Mulheres que trabalham ou mulheres que ajudam? Resignificações do trabalho das mulheres para a agenda das políticas públicas. Berlindes Astrid Küchemann
- Movimentos de mulheres rurais em rede. Berenice Gomes da Silva
- Filhas da globalização: trabalho doméstico e sua interface com o contexto do lazer. Cláudia Veronese
- Gestação na adolescência: um estudo com as jovens grávidas do movimento sem teto de Salvador. Helaine Pereira de Souza
- Políticas públicas trabalho informal e gênero. Iracema Brandão Guimarães
- Alimentação e trabalho doméstico: responsabilidades de mulher em assentamentos rurais. Ivana Leila Carvalho Fernandes
- A mulher pescadora na bóia do Iguape/Bahia. Jeruza Jesus do Rosário
- Gênero nos movimentos de luta pela terra: mulheres sem terra, mulheres sem teto. Luciana da Luz Silva
- Caprichos e trapiches: concepções em torno do trabalho feminino, evidenciado a partir de um olhar sobre a atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA. Margarete Nunes Santos Gomes

- Feminismo, militância e metas políticas dos movimentos sociais: o caso do MST. Maria de Lourdes Novaes Scheffler
- Relações de gênero, desenvolvimento local e participação das mulheres na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda/SE. Mônica Cristina Silva Santana
- Trabalho familiar, composição doméstica e pertencimento entre os "negros da Jurema". Renata Cytryn Alves Nascimento
- Catando chumbinho: estratégia de sobrevivência das marisqueiras de Salinas da Margarida (1960-1990). Rosana Costa Gomes
- Mulheres negras e trabalho fabril em São Gonçalo dos Campos. Rosana Falcão Lessa
- O processo de mobilização das trabalhadoras rurais de Feira de Santana vinculadas ao sindicato (1989-2002). Tatiana Farias de Jesus

GT - GÊNERO E VIOLÊNCIA

Coord.: Márcia Queiroz Gomes

- Mulheres que abortaram em decorrência da violência doméstica: um estudo de representações sociais. Bárbara Angélica Gómez Pérez.
- Intersecções entre o poder judiciário e o movimento feminista brasileiro. Elizabeth Bittencourt.
- Rompendo o silêncio: o reconhecimento da violência conjugal pelas mulheres e suas expectativas frente a denúncia. Gleide Regina de Sousa Almeida.
- Os equipamentos públicos de apoio às mulheres vítimas de violência: experiências no Cariri. Joselina da Silva.
- Lei Maria da Penha e o conceito de violência doméstica e intrafamiliar. Maria Eduarda Ramos
- Lei Maria da Penha – uma breve reflexão. Mirian Possamai Barbosa.
- As bases constitucionais da Lei Maria da Penha. Salete Maria da Silva.
- A gênese antropológico-jurídica da violência contra a mulher no panorama brasileiro: um estudo à luz dos Direitos Humanos e das relações de gênero. Valnêda Cássia Santos Carneiro.

GT – CULTURA E IDENTIDADE

O FUTEBOL É FEMININO. O “JOGO”, MASCULINO: “UM POUCO” DA TRAJETÓRIA DAS MULHERES BAIANAS

Anália de Jesus Moreira
PPGE FAGED/UFBA

O Futebol no Brasil conserva-se androcêntrico. Parto da constatação de que apesar das boas apresentações em competições internacionais, entre elas a conquista de medalhas de ouro pela seleção feminina nos jogos Pan-americanos de Santo Domingo (2003) e do Rio de Janeiro (2007) e a recente conquista de medalha de prata nos jogos Olímpicos de Pequim, o incentivo esportivo dirigido à categoria de mulheres continua subalternizado culturalmente e economicamente. Um dos argumentos que mais influenciam o preconceito está na leitura da biologia sobre a suposta fragilidade física e natureza materna da mulher. Desta forma, no Brasil o futebol é sexualizado. Desvelar essa face do machismo possibilita compreender que ao “calçar as chuteiras”, as mulheres transgrediram uma das áreas de maior representação do empoderamento masculino e que traduz o espaço público como “do homem”: os campos de futebol. E assim, trocando os saltos por birros, as mulheres botaram os dois pés na rua, impondo ao mundo masculino do futebol momentos de rara igualdade de gênero, proporcionados pela técnica e pela ginga porquanto sejam estes fatores sem sexo. Na década de 80, a performance de mulheres baianas foi decisiva para a valorização do futebol feminino em nível mundial e no Brasil. Mas há pouca memória. Enquanto no futebol masculino, astros que “penduraram as chuteiras” são imortalizados pela mídia e pelos órgãos de fomento sob o pretexto de construir memória, às mulheres cabe o anonimato e a marginalização. Destarte, deixamos de reconhecer que as mulheres trabalhadoras, majoritariamente negras e de periferia, ajudaram a construir através do futebol, uma história de enfrentamento e superação.

REPENSANDO O “FEMININO” E O “MASCULINO” PARA ALÉM DO PARADIGMA DA MODERNIDADE

Carolina Ribeiro Santana
Erico Araújo Bastos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Refletindo acerca da construção do pensamento moderno por meio de uma crítica do paradigma da modernidade propomos a análise das razões que contribuíram para intensificar a separação entre “masculino” e “feminino”. A estrutura do pensamento moderno, baseada na exclusividade da razão, desenvolve-se a partir de dualismos (separação sujeito/objeto, natureza/cultura, corpo/psique). Tais dicotomias plasmaram uma maneira dividida de ver o mundo para conhecê-lo e, principalmente, dominá-lo. Transplantando tais dicotomias às relações de gênero observamos a cisão entre supostos “masculino” e “feminino”; este associado ao plano da natureza e dos afetos; aquele ao plano cultural, ao corpo, à razão. Desta cisão decorreram efeitos deletérios para homens e mulheres. A idéia do feminino associado apenas ao plano da natureza, como objeto a ser dominado, serviu à opressão direcionada à mulher e a atribuição de importância menor aos afetos, frente à razão instrumental, impediu que os homens vivenciassem plenamente sua afetividade, implicando em um mal-estar e, em certa medida, também uma opressão, na convivência familiar e social. Passando a valorizar a apreensão do real por meio dos afetos e da intuição decorre uma necessária reflexão: afetos, valorização dos sentimentos e intuição, circunscrevem-se ao universo feminino? É preciso problematizar o “masculino” e o “feminino” na

medida em que ambos são construções culturais, contingentes e que, portanto podem ser questionadas, desconstruídas e repensadas.

GÊNERO E PODER NO PENTECOSTALISMO EM FEIRA DE SANTANA: 1950-2000

Dalila dos Reis Dantas da Silva
UEFS

Esta proposta de trabalho surgiu nas discussões do Grupo de Estudos Mulher, Gênero e História filiado ao *Mulieribus/UEFS*. A escolha do tema partiu do interesse acerca da inclusão das mulheres protestantes no campo da historiografia. O estudo referente às mulheres na religião protestante tem sido um grande desafio para os (as) pesquisadores (as) desta área, mediante as especificidades de cada grupo social de determinada religião e também pela ausência de fontes, por tratar-se de um campo, ainda pouco estudado numa perspectiva teórica. O objetivo principal deste trabalho é estudar as mulheres no universo protestante pentecostal que se apresentam enquanto matrizes construtoras de representações, orientando suas atividades e práticas cotidianas, divergentes e conflitantes, mas que se impunham como realidade concreta. Pretendo abordar a questão do machismo teológico e institucional, no qual as mulheres desempenham as atividades ministeriais informais, mas são excluídas do sacerdócio e do poder eclesiástico, exclusivamente masculino em muitas denominações protestantes. Compreendemos o ministério feminino numa perspectiva histórica, mostrando como as mulheres lutaram pela sua efetiva participação nos cultos protestantes, onde eram proibidas de falar em reuniões, testemunhar da fé, ensinar e pregar. Neste sentido, pretendemos abordar como as relações de poder se articulam no interior de três igrejas pentecostais em Feira de Santana, são elas: A Assembléia de Deus, Cristã do Brasil e a Quadrangular. Entre 1950-2000, e como essa relação influenciou e foi influenciada pela sociedade feirense.

TEOLOGIA FEMINISTA E QUESTÕES DE GÊNERO

Elizabete da Conceição Paiva de Oliveira
NEIM/ UFBA

Este trabalho busca investigar como a teologia tradicional elaborou o discurso sobre as relações de gênero dentro do mundo religiosos coadunando com a realidade vivida no mundo secular. A reflexão sobre Deus situada no cotidiano não é considerada como tema maior da teologia tradicional, esta, encarrega-se de temas universais. É na Teologia da Libertação que estes temas irão emergir como exigência da realidade. Novas bases de análise teológica, pautadas no cotidiano, buscam compreender as experiências de Deus e o caminho feito pelos sujeitos históricos nas mais variadas categorias sociais, estabelecendo um contraponto à Teologia Tradicional. O caminho teórico-metodológico seguido pauta-se na teologia feminista, a partir dos estudos sobre relações de gênero nos textos bíblicos. Neste trabalho, busca-se compreender o texto em diálogo com as experiências do cotidiano a partir dos conflitos presentes e as questões da comunidade na disputa do poder de visões de sociedade distintas. Tendo como caminho interpretativo as ações dos corpos que se apresentam com um potencial de resistência no qual as relações de poder se constituem como opção libertadora. Para tanto, é feito um mapeamento do discurso das relações sociais de gênero, tendo claro que na arte de compreender um texto emerge, simultaneamente, a pluralidade de sentidos que lhe é própria e a mediação para a auto-revelação de quem empreende a leitura. Os debates hermenêuticos têm apresentado a teologia como um empreendimento cultural e histórico condicionado, evidenciando que não apenas a teologia, mas também a revelação de Deus na Escritura é expressa em linguagem humana e compartilha de conceitos e

problemas culturais. Esta compreensão tem longo alcance, quando se considera, no ensino religioso, que a Escritura e a teologia expressam a verdade em linguagem sexistas.

A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E TRABALHO DAS PESCADORAS EM ILHÉUS- BA, 1980-2007

Fabiana de Santana Andrade
UEFS

Esse trabalho discute a relação existente entre as experiências femininas e masculinas no cotidiano da pesca, buscando relacionar as práticas históricas do passado com as atuais. A pesca, quase sempre, está associada à atividade do alto mar, provavelmente porque o principal produto da sua captura, o peixe, é simbolizado pelo pescador, no barco, em mar aberto. Essa idéia contribui para que as atividades desenvolvidas pelas mulheres no setor pesqueiro não sejam abordadas pelos estudiosos, ou apareçam como uma prática de complemento à renda familiar. Segundo Joan Scott, as teorias com as suas generalizações tendem a reduzir o sentido de complexidade dos papéis sociais e do simbolismo nas várias sociedades e épocas. Através dos relatos orais o trabalho apresenta breves considerações sobre as relações de gênero na pesca em Ilhéus.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FESTA DE SÃO BARTOLOMEU

Fernanda Reis dos Santos
UFBA

Este trabalho pretende analisar as relações de gênero na festa de São Bartolomeu na cidade de Maragogipe, a partir da segunda metade do século XIX. Para tanto, vamos nos basear no compromisso da irmandade do referido patrono, no qual, são os homens que ocupam as mais altas funções hierárquicas, limitando às mulheres atividades secundárias, não atuando nas decisões dentro da instituição. Vale salientar, que no contexto estudado, evidenciamos que o ideal de mulher naquela sociedade seguia os padrões europeus. Bem como, restringia-se ao espaço privado, ou seja, presente somente nos rituais religiosos (ortodoxos), inclusive apenas como espectadora. Nesse sentido, notamos em jornais locais que no momento em que a mulher supera a limitação do privado e vai ao espaço público é vista como indigna, julgada como amoral, não sendo então um exemplo a ser seguido. Dessa forma, ressaltamos que a lavagem de rua da festa do padroeiro denota o lugar onde tudo é permitido ou aceito, momento de legitimação e justificação da subordinação feminina e da violência masculina. Nesse sentido, utilizaremos jornais locais e o compromisso da irmandade de São Bartolomeu para pensar como se processam as relações de gênero em Maragogipe.

LIDERANÇAS FEMININAS NAS IGREJAS PENTECOSTAIS DE MANAUS

Heloisa Lara Campos da Costa
Kathyursia Ribeiro
Universidade Federal do Amazonas

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as formas de recrutamento, formação e atuação das lideranças femininas e masculinas nas Igrejas Pentecostais: Universal do Reino de Deus (IURD), Assembléia de Deus (AD) e Ministério Internacional da Restauração (MIR) em Manaus. Para isso buscamos analisar os princípios éticos e religiosos dessas denominações, a fim de

compreender os elementos norteadores da atuação de suas lideranças e os requisitos necessários demandados em cada uma, para tomar assento em cada patamar. Ainda buscamos analisar e descrever as visões de seus principais dirigentes, quanto ao processo de recrutamento, formação e normas de atuação de suas lideranças, e sobretudo, como os líderes em geral vêem a condução de tais processos, dentro de uma epistemologia de gênero. Das três Igrejas selecionadas encontramos semelhanças e distanciamentos quanto à visão estabelecida sobre liderança masculina e feminina em suas denominações, umas mais conservadoras e outras mais libertárias, porém todas restritas ao discurso bíblico.

REFLEXÕES SOBRE FEMINISMO EM MÚSICA: SAINDO DO ‘GENÉRICO’ PARA AVALIAR SONS, AÇÕES E POSSIBILIDADES.

Laila Rosa
UFBA

Este artigo defende uma perspectiva teórica feminista para pensar sobre músicas, sons e performances dentro do campo da etnomusicologia, área classicamente definida como “antropologia da música” (MERRIAM, 1964). Embora a etnomusicologia esteja ‘antenada’ com teorias contemporâneas sobre estudos de música e políticas públicas culturais, com raras e valiosas exceções, ainda se baseia num discurso ‘genérico’ e universalista sobre os diversos contextos musicais que se propõe estudar e suas relações de gênero. A partir dos anais dos últimos encontros da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET) como fonte de análise, pretendo discutir o perfil geral da área que vem se consolidando recentemente nas universidades brasileiras. Embora esteja ciente de que nem tudo seja ‘uma questão de gênero’, situo a minha fala a partir da premissa feminista de se construir um conhecimento situado que resulte em ação social (SARDENBERG, 2002 e 2004; SCHIEBINGER, 1999). Proponho a busca pela construção de teorias que tratem das diferentes inserções de homens e mulheres gays ou heterossexuais nos diversos contextos musicais, e que tratem também dos conflitos geralmente neutralizados pelo discurso de música neutra e universal, considerando também a interseccionalidade das categorias de raça e etnia, classe, geração e também sexualidade.

AS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO ENQUANTO ELEMENTO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA POLÍCIA MILITAR

Laudicéia Soares de Oliveira

Este trabalho trata das relações sociais de gênero num contexto que abrange policiais militares. Tem como referência de análise as relações de gênero no interior da Instituição Militar, buscando desvendar as representações sociais das identidades de gênero. Elegendo como cenário um espaço que abriga homens e mulheres esta pesquisa propõe-se a entender de que maneira gênero, ao fazer parte de uma trama social, nos permite lançar um olhar comprometido sobre os processos sociais construídos e constituintes dos sujeitos envolvidos nessa “trama”. Mais especificamente, como a questão de gênero perpassa a formação identitária dos membros da Polícia Militar. Para tanto, busca-se entender de que maneira os agentes sociais que compõem a instituição militar incorporam papéis, definições, símbolos, signos, significados, que concretizam a comunicação do mundo no qual esses sujeitos são construídos e constroem suas identidades. Daí a necessidade de entender a “cultura militar” através do universo de signos que permitem a comunicação de homens e mulheres no interior da instituição, a fim de identificar como as/os polícias inculcam a construção de gênero que perpassa a sua formação identitária. A análise de discurso é utilizada como forma de captar

essas representações. A pesquisa é, então, qualitativa, utilizando-se como técnicas de trabalho a entrevista, a observação, análise de material documental na perspectiva de gênero, a fim de estabelecer um diálogo entre o discurso oral e escrito e as ações práticas.

COMPASSOS E DESCOMPASSOS: REPRESENTAÇÕES A CERCA DA CONDUTA DE MULHERES EM FEIRA DE SANTANA (1960-1979)

Maria Carolina Silva Martins da Silva
NEIM/UFBA

O objetivo deste trabalho é compreender, através da análise das fontes orais (entrevistas), as representações feitas por mulheres da camada popular de Feira de Santana, sobre o casamento, os namoros e as normas de conduta estabelecidas, entre 1960 e 1979, e, nesse sentido, suas vivências e experiências. As regras de uma moral sexual, nessa cidade, perpassaram o cotidiano de todas as mulheres, porém essas normas se imbricam com as particularidades de cada indivíduo, e, a partir dessa combinação se constroem suas histórias, resistindo e reproduzindo-as, por meio do discurso, em um movimento de contradição. Assim, as vozes de algumas mulheres, serão analisadas a fim de perceber os compassos e descompassos diante as normas de conduta de uma época.

DANCARINAS EROTICAS BRASILEIRAS EM NOVA YORK: TRAJETORIAS TRANSNACIONAIS

Suzana Moura Maia
City University of New York / PPGA-UFBA

Na apresentação ora proposta eu examinarei a trajetória social de mulheres brasileiras que trabalham como dançarinas eróticas em Nova York. Apesar de reconhecer as motivações econômicas que impulsionam a imigração dessas mulheres e a sua inserção na indústria sexual, meu enfoque recai particularmente nas transformações das relações de gênero e sexualidade. Mais precisamente, importa examinar como tais relações têm se transformado com os processos de globalização e trocas transnacionais, que se dão tanto ao nível material quanto simbólico. A maioria das mulheres consideradas pela pesquisa são provenientes das classes médias brasileiras, têm educação de nível superior, e quanto à raça, tendem a se auto-denominar como "morenas". A partir de pesquisa de campo realizada em bares noturnos de Nova York, entre os anos de 2004 e 2006, e de acordo com os achados de outros pesquisadores do campo, busca-se uma perspectiva mais multifacetada de como se constitui o mercado sexual global. Dessa forma, a pesquisa desafia a representação comum das "trabalhadoras do sexo" como meras vítimas de transações internacionais. De fato, a maioria dessas mulheres não se denominam como "trabalhadoras do sexo", não porque não tenham consciência dessa categoria, mas porque vêem essa atividade como temporária e secundária à sua formação identitária. Assim, a pesquisa se ocupa em investigar que outros fatores são significativos nos processos de identidade e posicionamento social daquelas mulheres tanto na sociedade brasileira quanto na americana, e como esses fatores agem na flexibilização de corpos a nível transnacional.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS ANTIGAS E NOVAS CONFIGURAÇÕES DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Sheyla C. S. Fernandes

Conceição Bruna S. Nascimento
Vanuzia Costa

Considerando a construção do gênero como um processo dinâmico e multifacetado, estruturado a partir de oposições e de relações de poder, estabeleceu-se como objetivo principal desse trabalho realizar comparações entre as antigas e novas configurações dos estereótipos de gênero. Para tanto, contou-se com uma amostra de 120 sujeitos de 20 a 56 anos de idade e com profissões variadas, residentes em uma capital do nordeste brasileiro, os quais responderam a um questionário aberto acerca das representações das relações de gênero, além de um conjunto de questões sócio-demográficas. Os principais resultados indicam uma forma preconceituosa de perceber as mudanças ocorridas nas relações de gênero (ex.: homens sensíveis e mulheres despudoradas). Contando com o arsenal teórico e demais pesquisas que contemplam o referido fenômeno, as discussões são levantadas.

GT – GÊNERO E EDUCAÇÃO

ILUMINISMO E EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XVIII: ENTRE A EMANCIPAÇÃO E A CONFORMAÇÃO SOCIAL

Alexnaldo Teixeira Rodrigues
NEIM-UFBA/UNIFACS

A respeito da educação no século XVIII, muitos(as) estudiosos(as) da educação têm apontado para pouca ou quase inexistente produção acadêmica que alie, consubstancialmente, o conhecimento filosófico à história da educação. Mesmo em obras como a de Francisco Cambi (1999), que ambicionava a valorização da pluralidade metodológica do fazer histórico, no âmbito educativo, em vários planos (história da pedagogia, história da infância, história das mulheres etc.), percebemos que a sua ambição se nos apresenta como promessa: a pensada realização de uma arqueologia foucaultiana sobre as estruturas e as rupturas, para demonstrar os sentidos internos e autônomos que as épocas históricas adquirem, é malograda. Nesse sentido, o presente trabalho procura analisar, a partir de uma perspectiva filosófica e feminista, como a questão da conveniência da instrução para as mulheres e a reivindicação do direito de serem cidadãs e expressarem publicamente suas opiniões por meio da escrita é impugnada com discursos médicos e filosóficos zombeteiros, que rechaçam a possibilidade das mulheres ilustradas alcançarem notoriedade pública. Porquanto fosse de se esperar uma modificação das estruturas sociais e uma nova configuração das relações e dos papéis entre os sexos — baseados nos ideais democráticos de igualdade, liberdade e fraternidade —, vemos uma atitude reacionária no que diz respeito à questão do saber das mulheres, pois, é, certamente pela via do ocultamento ideológico e de uma linguagem não política que vislumbramos um conjunto de idéias organizadas dogmáticamente como um instrumento de luta contra a universalização dos direitos políticos de “metade”, ou melhor, da maior parte da espécie humana.

DE VOLTA ÀS AULAS: AS PROFESSORAS-ESTUDANTES DO PROLE- HISTÓRIA/UFBA 2005-2008: HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS QUE VIRARAM ESTUDANTES

Andrea da Silva Cunha
NEIM/UFBA

Este trabalho objetiva analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, a dinâmica das relações de trabalho, estudo e maternidade, bem como as repercussões físicas e psico-sociais, do conjunto dessas atividades, na vida profissional e no âmbito afetivo e familiar das professoras-estudantes durante o curso de formação e capacitação para professores(as), oferecido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em convênio com a UFBA. É um estudo qualitativo, utilizando o método da História de Vida, tendo como escopo mostrar o cotidiano das professoras-estudantes durante o curso. Identificaremos os elementos positivos e negativos, dessa dinâmica, que em primeira análise revela uma sobrecarga de atividades, pois as professoras-estudantes acrescentaram mais uma atividade num dia a dia já tão repleto, no qual elas elaboram aulas, testes, provas, administram a casa e cuidam dos filhos.

ESCOLA LILÁS: QUANDO A UNIVERSIDADE LEVA A DISCUSSÃO DE GÊNERO PARA ALUNOS (AS) E PROFESSORES (AS) DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Andréa Pacheco de Mesquita
Laís Luciani de Oliveira Lessa
Nayhana Calandrine Souza Soares
UFAL

O Projeto de extensão intitulado ***Escola Lilás: quando a Universidade leva a discussão de Gênero para alunos (as) e professores (as) do ensino fundamental e médio*** tem como objetivo capacitar os (as) alunos (as) das disciplinas de Gênero e Serviço Social e Fundamentos Histórico, Teórico e Metodológico do Serviço Social III para o trabalho em comunidade, bem como levar para o interior das escolas públicas a temática das construções sociais de gênero. O curso de serviço social é eminentemente feminino e trabalha em sua maioria com mulheres o que exige conhecimentos na área da violência contra a mulher, pois esta é uma realidade que encontramos cotidianamente nas ruas, nos bairros e nas comunidades onde desenvolvemos nossas atividades profissionais. Neste sentido é fundamental trabalhar a Lei Maria da Penha a qual coíbi a violência doméstica. Contudo, sabemos que romper com a cultura desta forma de violência baseada no machismo e patriarcalismo presente em nossa sociedade requer discutir a questão de gênero no interior das escolas enquanto lócus privilegiado da formação de crianças e adolescentes. No primeiro momento, realizamos uma capacitação da equipe através de estudos sistemáticos das questões teóricas. No segundo momento, realizamos oficinas, palestras, cursos e seminários sobre a temática junto aos professores (as), alunos (as) e comunidade. Pretendemos na renovação deste projeto elaborar uma cartilha para trabalhar as questões de gênero e a violência contra a mulher com crianças e adolescentes nas escolas, produzidas a partir desta experiência pelos próprios participantes.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EQUIDADE DE GÊNERO EM EDUCAÇÃO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Ângela Maria Freire de Lima e Souza
Tatiane de Lucena Lima
UFBA

No cenário dos direitos humanos, algumas políticas públicas que fazem referência a gênero e educação foram produzidas no Brasil e no mundo nas últimas décadas, configurando-se ferramenta de enfrentamento às discriminações sexistas ainda existentes. Expressas em documentos e legislações com o objetivo de promover as relações democráticas, podemos citar as seguintes propostas que este trabalho pretende evidenciar: o Relatório da Conferência Mundial “Educação para Todos”; o Projeto Milênio da ONU; a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96; os Referenciais Curriculares Nacionais; os Parâmetros Curriculares Nacionais; o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres; o Plano Nacional de Educação, entre outras. Portanto, este trabalho, fruto de uma pesquisa de mestrado em educação realizada em 2007, objetivou realizar uma breve revisão bibliográfica acerca das políticas públicas em gênero e educação, com vistas a refletir sobre o atendimento às questões de gênero no currículo cultural, escolar e acadêmico, pois, só deste modo poderemos preparar as pessoas para uma participação ativa na vida de cidadã/cidadão, devendo ser esta um fator de coesão, se levar a efeito a diversidade de identidades e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social. Apesar da existência destas propostas, conclui-se que as mesmas só poderão ser postas em prática quando os profissionais de educação e pessoas em geral desenvolverem uma consciência de gênero, capaz de indignar-se com as opressões materiais e simbólicas contra a mulher que se naturalizou

rapidamente no seio da nossa sociedade e parece, a despeito de falsas pistas sobre uma libertação das mulheres de todas as formas de opressão, se perpetuar no mundo globalizado.

RADIOGRAFIA DA MULHER DISCENTE EM CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, NO ANO DE 2005.

Anna Chaisuk Barouchel

A presença da mulher no mercado de trabalho, ocupando espaços profissionais, culturais e políticos tradicionalmente reservados aos homens, tem sido explicada como resultado da emancipação feminina e da busca de realização profissional. O objetivo geral deste artigo foi analisar e apresentar quais são os cursos com maior demanda feminina na Universidade Federal da Bahia, no ano de 2005. Trata-se de estudo de caso e foi adotada a metodologia quali-quantitativa. Para a coleta de dados recorremos à pesquisa documental e o principal instrumento foram os Formulários disponibilizados pela UFBA. A análise dos dados mostrou que, apesar de haver importantes mudanças na inserção das mulheres no mercado de trabalho, grande parte concentra-se ainda em ocupações tradicionalmente femininas: serviços pessoais, de alimentação, educação e saúde. Assim, concluímos que as preferências profissionais das mulheres continuam sendo aquelas que fortalecem o estereótipo de gênero: elas ainda ingressam em maior número nos cursos do cuidar e do servir, que são os cursos de Secretariado Executivo, Pedagogia, Decoração e Nutrição.

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E ESTUDOS DE GÊNERO: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS

Cecília Maria de Alencar Menezes
UFBA

Neste trabalho, buscamos apresentar questões teórico-metodológicas relacionadas epistemologias, abordagens autobiográficas e de história de vida num enfoque acerca da educação com ênfase na pessoa do(a) professor(a), sinalizando seu valor heurístico para a investigação das relações de gênero, bem como entre história social e história individual. No momento atual, questionamentos acerca da neutralidade, emoção, subjetividade, e uma pluralidade de condições teóricas e sociais que nos leva a admitir a possibilidade de repensar estes novos contextos, considerando a subjetividade e a emoção na produção do conhecimento de forma construtiva. O objetivo é refletir sobre as aproximações entre as epistemologias feministas e o método de história de vida, no sentido de evidenciar como a subjetividade se constitui idéia nuclear e articuladora dessas novas formulações teóricas, buscando fundamentos que possibilitem o discernimento necessário aos itinerários a serem percorridos para reconstituir a história de vida de Carmen Teixeira. Esta educadora destacou-se no cenário educacional e no espaço público destinado ao sexo masculino na sociedade baiana, e, no entanto, a ausência de trabalhos sistematizados sobre sua obra denuncia marcas de gênero em sua trajetória pessoal e profissional. Tomamos os estudos sobre autobiografias referenciados por Bueno; Catani; Sousa (1998); Ferrarotti (1988); Finger (1988); Nóvoa (1982); Pineau (1988), Souza (2003), bem como de Scott (1995), Rago (1995), Beauvoir (1974), Breman (1997), Jaggar; Bordo (1997), Harding (1999) sobre gênero e as epistemologias feministas. O diálogo entre diferentes tempos e espaços de formação, entre o individual e o sócio-cultural permitirá identificar relações de gênero, decorrentes da dominação masculina, hierarquias e desigualdades.

DA CASA À ESCOLA, DA ESCOLA À MARÉ: REPRESENTAÇÕES FEMININAS ACERCA DA FAMÍLIA E DA EDUCAÇÃO FORMAL NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE ACUPE (SANTO AMARO-BAHIA)

Claudia Cristina Santos de Andrade

Este estudo insere-se na linha de pesquisa “Família e sociedade” e tem por objetivo compreender o lugar que a família, a escola e o trabalho ocupam na construção da identidade da mulher marisqueira. Traz como pressuposto a idéia de que o mundo do trabalho, da escola e da família são instâncias determinantes de formação e transformação de identidade. Elegeu-se, sobretudo, a compreensão das representações da educação formal nesta comunidade, tendo, para tanto, sido realizada pesquisa de cunho etnográfico, entre 1996 e 2007, com mulheres marisqueiras, com idades entre 15 e 60 anos, freqüentadoras de uma escola pública no distrito de Acupe, em Santo Amaro, na Bahia. A necessidade de análises relativas à concepções de mães marisqueiras sobre o papel da educação formal se justifica na medida em que a escola passa a ser a vista como principal via de acesso para melhoria da qualidade de vida de seus filhos. A pesquisa evidenciou que a maré, principal sustento das famílias da região, está longe de ser concebido como um trabalho gratificante, não apenas por conta das condições precárias do desenvolvimento da atividade, mas porque a elas estão atreladas concepções negativas que se colam às mulheres que delas dependem. Estar na escola, diferentemente da maré, significa para as marisqueiras participar de um espaço social capaz de construir regras de convivência que se opõem ao mundo monótono da catação dos mariscos. Nesse sentido, este trabalho foi dividido em quatro partes: a primeira trata da negação, por parte das mulheres, da mariscagem como atividade gratificante; a segunda refere-se à representação que fazem da escola ou da educação formal; a terceira preocupa-se com os valores culturais e familiares a partir dos sentimentos de pertença existentes na comunidade; a quarta parte está relacionada às representações sociais do trabalho de mariscagem naquela comunidade.

MIRADAS FEMININAS: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM VÍDEOS DE USO DIDÁTICO

Denise Bastos de Araújo
PPGNEIM/ UFBA/ CULT/ IAT

Este trabalho é parte da pesquisa “Representações de Mulheres em Vídeos Didáticos” que realizo a nível de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Sabedora de que a mídia é um dos sujeitos conformadores da sociedade contemporânea, este artigo busca investigar as representações das mulheres no programa Essa gente brasileira, buscando experimentar categorias, refinar as metodologias e as técnicas deste estudo. Esse programa é o primeiro dos oito que compõem o DVD 11, encontrado na videoteca do Instituto Anísio Teixeira (IAT) e tem duração de 16 minutos e 20 segundos. O vídeo trata da formação do povo brasileiro buscando visibilizar os preconceitos e discriminações referentes às questões dos negros, índios e imigrantes. Para este estudo, foram selecionadas seis cenas onde as mulheres aparecem através de imagens ou falas, sendo também registradas suas ausências. Este material didático foi distribuído pelo Ministério da Educação e Cultura para as instituições públicas de ensino.

DO TEMPO DA UNIFORMIZAÇÃO AO TEMPO DA ALTERIDADE: A LEI 9.795 E A PERSPECTIVA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA

Dione Márcia da Silva Brandão
Necea

Fundamentado nos pressupostos teóricos que definem a educação ambiental como uma ação político-pedagógica comprometida com a eco-cidadania e alicerçado nos aportes teóricos feministas que discutem as questões de gênero enquanto dinâmicas sociais historicamente estabelecidas, este trabalho examina o alcance da Lei 9.795/99, no que tange às implicações sócio-ambientais decorrentes das históricas relações desiguais de poder. Este percurso é traçado no mapa das teorias feministas que alertam sobre a degradação ambiental provocada pela violência de gênero, articulando-se com o pensamento ambientalista que combate a fragmentação produzida pelo racionalismo, apresentando uma nova forma de entender a vida a partir da equidade. O Estado brasileiro, no que tange à educação ambiental, silencia sobre os graves dilemas sócio-ambientais produzidos pelas relações desiguais de poder, provocando a invisibilidade pedagógica sobre problemática de gênero e educação ambiental. Apresentando um claro contraditório entre a legislação nacional e o discurso assumido internacionalmente, o Estado se omite e não observa as proposições da Agenda 21. Deste modo, dilui as reivindicações feministas e perpetua as velhas estruturas patriarcais que orientam a educação tradicional, ainda em voga. Portanto, ao olhar o futuro sob a ótica da legislação que fundamenta a educação ambiental no Brasil atual (Lei 9.795/99), é notória a urgência da inserção da perspectiva de gênero também na educação ambiental. O que requer políticas públicas específicas, destinadas a abarcar a equidade como pressuposto imprescindível à organização social fundada na verdadeira sustentabilidade.

A ESCOLA INCLUSIVA: LUGAR DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Fabiana da Silva Guimarães
FACIBA

A presente pesquisa versou sobre a construção das identidades de gênero masculino e feminino na escola inclusiva para investigar a legitimação e reprodução dessas identidades no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, identificou-se relações de poder de um gênero sobre o outro, consubstanciadas em práticas estruturadas sobre a apropriação e reprodução de um modelo social e cultural instituído como padrão. Nessa perspectiva, a pesquisa foi pertinente por investigar a influência do contexto social, familiar, cultural e educacional sobre o desenvolvimento das identidades de gênero masculino e feminino na perspectiva da educação inclusiva. Analisou-se, também, a formação dos indivíduos em âmbito escolar na organização curricular, sob a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e em práticas pedagógicas que desenvolvem, constituem e reproduzem as identidades e desigualdades de gênero. Assim, identificam-se as bases dessa desigualdade, analisam-se suas influências e fomenta-se o desenvolvimento de práticas pedagógicas para a formação do ensino inclusivo com equidade entre os gêneros. Conclui-se que as desigualdades manifestas socialmente entre homens e mulheres em níveis de renda, acesso à escolarização, emprego e violência são reproduzidas na escola inclusiva através da apropriação de um modelo padronizado para a formação das identidades de gênero masculino e feminino que constituem as relações sociais.

AS MANIFESTAÇÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS SÉRIES INICIAIS

Gabrielle Pellucio
UFRO/UFSC

O trabalho desenvolvido é resultado de uma pesquisa de conclusão de curso, realizado em uma escola comunitária, localizada na periferia de Porto Velho, que atende crianças de baixa renda. Na pesquisa nos propusemos a verificar como as relações de gênero estão se manifestando entre @s atores/atrizes do processo educativo: a professora e alun@s da 2ª série do Ensino Fundamental. Realizou-se observações das crianças e da professora, além da análise do livro didático. Sabemos que este, muitas vezes é único material de que educador@s e alun@s têm acesso, é ele quem muitas vezes dita qual e como determinado conteúdo será trabalhado, acompanha pessoas por sua vida escolar e contribui para a formação de alun@s como cidadãos e cidadãs. Pensando que o livro é um instrumento eficaz para a educação de homens e mulheres quanto a maneira como devem agir em sociedade é que se realizou a análise deste documento (livro didático). Por outro lado, sabemos que se o livro estiver distorcendo a realidade e não refletindo-a, ou se manifestando de forma que discrimine algum dos sexos é @ profess@r quem pode direcionar o enunciado, a ilustração, os símbolos e a representações discriminatórias para um olhar crítico, a fim de que alun@s extingam idéias que exaltem um sexo e subestime outro, para que, independente de serem homens ou mulheres, possam realizar as atividades que desejarem sem sofrer discriminações, e consequentemente viveremos em sociedade de forma mais prazerosa, sem discriminar, ajudando-se mutuamente.

EXISTEM MENINAS “GÊNIAS”? : UM DIALOGO ENTRE GÊNERO E MATEMÁTICA.

Gicele Sucupira
Universidade Federal de Santa Catarina

Neste texto pretendo apresentar parte do trabalho de conclusão do curso de ciências sociais para o qual, no ano de 2008, observei os treinamentos para as olimpíadas de matemática e fiz entrevistas com estudantes de matemática que os ministravam. Os treinamentos, situados na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, são realizados durante o período letivo seguindo o calendário olímpico e são destinados a estudantes de ensino básico. Neste estudo, a categoria gênero é utilizada para pensar as representações d@s entrevistad@ em sua interface com o campo da educação (LOURO, 2003) e os trabalhos na área de gênero e ciência (LOPES, 2006). As representações dess@s estudantes de matemática estão marcadas pela escolha do curso de matemática, pelo o que entendem por está ciência e parecem apontar para uma noção de genialidade como própria apenas de meninos, contraposta à dedicação e esforço de meninas.

EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE, GÊNERO: PERSPECTIVAS DE DEBATE NO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM EAD

Graciene Rocha de Jesus Guimarães
Universidade Federal da Bahia
Railda Maria Bispo de Jesus
UNIFACS

O presente artigo trata de um estudo de caso comparativo desenvolvido entre turmas do curso de Pedagogia em Educação à Distância (EAD), 1º e 5º semestres, da Universidade Salvador –

UNIFACS, cujo foco é a discussão dos temas Educação, Sexualidade e Gênero. Sua construção parte do princípio de que a educação processada na escola, espaço social por excelência, ainda exerce influência sobre meninos e meninas, homens e mulheres. Dessa forma, a escola pode, então, contribuir, direta ou indiretamente, para a construção da identidade sexual e da identidade de gênero, de educandos e educandas, seja reforçando, seja rompendo com estereótipos socialmente construídos. Assim, considera-se importante instrumentalizar os/as profissionais de sala de aula, para lidar com tais questões, principalmente em cursos de formação inicial, dado o percurso formativo ser mais longo e intenso. Utiliza-se, no estudo, aportes teóricos que tratam da discussão sobre sexualidade, gênero e a formação de professores, com destaque para EAD, ao tempo em que são apresentadas as categorias construídas a partir das respostas obtidas nos questionários aplicados junto às turmas envolvidas no processo. A análise toma como referência a disciplina Educação e Sexualidade – EDSEX, contemplada na matriz curricular do curso supracitado, ministrada no 4º semestre, e, apesar de incipientes, apontam para um olhar crítico e diferenciado sobre os temas, quando da passagem das turmas pela mesma.

GANHADEIRAS DE ITAPUÃ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE GÊNERO, MÚSICA, EDUCAÇÃO

Harue Tanaka

Projeto de pesquisa de doutorado cujo intuito é investigar um coro de mulheres negras – as Ganhadeiras de Itapuã, em Salvador (BA), cujo foco analítico constitui a participação feminina nas questões referentes à educação e suas práticas musicais dentro de um processo de ensino e aprendizagem no contexto comunitário itapuãzeiro. O grupo é formado por ganhadeiras, crianças/adolescentes, músicos e pessoas que fazem parte da administração. Senhoras e crianças, espíritas, católicas e do candomblé cujas diferenças etárias ou religiosas não interferem na simbiose musical e coreográfica mostradas (CONDÁ, 2007). “O nome [ganhadeiras] vem das escravas que, em combinação com os seus senhores, dedicavam-se à venda de peixes, frutas e tecidos, nas ruas da cidade. Elas entoavam música para vender seus produtos” (CASA VIA MAGIA, 2008). O projeto usa procedimentos de pesquisa qualitativa e está em fase inicial. Tende a observar como ocorre a transmissão dos conhecimentos musicais, como se articulam tais conhecimentos entre o público-alvo e as ministrantes e como ocorrem as *pontes* educacionais entre os atores envolvidos no contexto em foco. Serão coletados dados sobre a atuação educativa/artística das Ganhadeiras de Itapuã, usando primordialmente os itens da abordagem *pontes* (OLIVEIRA, 2001) como parâmetros para a coleta e a análise: a) positividade; b) observação; c) naturalidade; d) técnica; e) expressão; e) sensibilidade. Este estudo é um dos pioneiros no sentido de abarcar o trinômio: gênero, educação e música, conexamente às discussões encampadas pela Educação Musical, a partir de um grupo de manifestação popular.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA NO SÉCULO XX

Josenilda Pinto Mesquita
IAT

Observa-se através de estudos a emergência de interesse, desde a década de 1960, pelas memórias individuais e coletivas. Esta pode ser compreendida como diversas capacidades, desde o decorar algo ou fazer algo, como também o recordar fatos vivenciados no passado e/ou aprender através deles. Assim trataremos a utilização da memória enquanto instrumento para compreensão da reprodução social feminina, através do diálogo entre a história e a memória de mulheres que no século XX permearam as salas de aula na Bahia. Em meio à emergência burguesa e a educação informal, percebemos o crescimento de cursos primários oferecidos por

colégios e educandários na Bahia, com educação mista ou especializados na preparação exclusiva de meninas. Dentre as instituições de educação do interior destacamos o Colégio Aliança, em Barreiras, a Escola Normal de Feira de Santana, o Colégio Santíssimo Sacramento, em Alagoinhas e a Escola Normal de Vitória da Conquista, com educação voltada para as “boas maneiras”, pois a conduta moral e social foi fator importante para o ensino, em que objetivavam uma “moça bem educada”; que conseqüentemente não traria questionamentos à manutenção do sistema. Em meio ao saber formal e informal do século XX é necessário compreender a inserção feminina nestes, suas contradições e a forma como reproduziram sua existência nas diversas localidades da Bahia, observando a instituição escolar enquanto um significativo espaço de memória, mas uma memória que tem como temática central, a aquisição de conhecimentos sistematizados, escolhidos por um grupo social.

FOTOGRAFIA E ROXO: METODOLOGIA DE TRABALHO COM MULHERES

Maria Elizabeth da Silva

Coletivo de Mulheres do Mandato da Deputada Estadual Neusa Cadore

Acabo de concluir monografia do Curso de Especialização em Metodologias e Práticas de Ensino em Gênero e Outros Temas Transversais, promovido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - julho de 2008, discutindo a criação de uma metodologia de trabalho com mulheres, utilizando arte contemporânea: retratos e intervenções visuais em roxo e lilás, que desejo apresentar no XIV Simpósio Baiano e II Seminário Nacional do NEIM, a ser realizado de 04 a 07 de novembro de 2008. A experiência analisou esta cor carregada de significados dramáticos na civilização ocidental devido a sua relação na antiguidade com a noção de poder, associada aos retratos de mulheres em ambientes de trabalho de gênero feminismo, contribuindo na criação de um novo olhar, considerando a milenar história da fotografia com as pesquisas que desenvolveram o sistema ótico que a precedeu, construindo o olhar ocidental exclusivamente masculino até o final do século XIX, quando aparece a primeira retratista e 100 anos depois, a fotografia digital, oportunizando às mulheres construir o seu próprio olhar sobre a imagem de si e sobre o mundo. Metodologia exigente quanto a transformação da educação de base, incluindo a perspectiva de gênero, difundindo a concepção da importância da construção do mundo considerando a mulher, compreendendo e ultrapassando a exclusiva perspectiva androcêntrica, que configurou tanto o mundo, quanto o olhar dela.

GÊNERO, PODER E ESCOLA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA

Rita de Cássia Costa Moreira

UFBA

Este artigo tem como objetivo discutir numa perspectiva de estudos de gênero, as relações históricas entre homens, mulheres, educação e poder, tendo como suporte para análise a linguagem, as interpretações e representações do ser masculino e do ser feminina ao longo da história da humanidade. Sendo a palavra feminina, marcadamente ideológica e fonte de inúmeros e sempre atualizados conflitos sociais, reveste-se de grande importância um estudo sobre os sentidos dos discursos que permeiam a educação e o ambiente escolar, no que diz respeito, às relações de gênero. Discursos que podem representar construções acerca de controle, manipulação, ação sobre o outro, poder, identidade. E que, interpretados à luz dos dispositivos de análise construídos com base na Análise do Discurso de linha crítica e dos estudos feministas, poderão se constituir em rico material de ampliação para as investigações sobre gênero e

discurso. Esta reflexão é particularmente interessante, quando se pensa no processo de formação das representações de gênero que têm se perpetuado através da educação e contribuído para a determinação de assimetrias, que privilegiam homens em detrimento das mulheres.

AOS MENINOS, ÁLGEBRA, ÀS MENINAS, PRENDAS DOMÉSTICAS: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIFERENCIADAS ENTRE MENINOS E MENINAS EM SÃO LUÍS (1900-1930)

Tatiane da Silva Sales
UFBA

Este trabalho tem por meta analisar o processo educacional voltado para as mulheres nos vinte primeiros anos do século XX, observando as pedagogias destinadas às diferenciações de gênero e percebendo a reação social em relação à educação feminina, uma vez que muitos homens reforçavam a idéia da incapacidade intelectual da mulher. No início de século XX a educação brasileira atravessava momentos importantes, inclusive de investimentos governamentais, e este fator pode ser percebido a partir das constantes abordagens feitas pelos jornais da época. Muitas dessas melhorias destinadas à educação referiam-se a estruturas mais adequadas para as escolas, ampliação do número de vagas, política de formação de professores e aprimoramento da prática pedagógica em sala de aula, mas o que chama atenção é que diante das relações de gênero, que envolvem a esfera do social, o fazer pedagógico variava entre as aproximações e as significativas diferenças, pois a sociedade de São Luís ainda baseava-se na divisão dos papéis entre homens e mulheres. Mesmo com algumas resistências, a educação feminina deste período registrou uma significativa melhoria, pois a oferta educacional do ensino primário aumentou; as escolas com educação mista também e mais profissionais da educação foram contratados. Com essas mudanças a instrução feminina foi alvo constante de debates e polêmicas em São Luís.

MULHERES EM TRÂNSITO: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO CURSO DE CONDUTORES DA ESCOLA PÚBLICA DE TRÂNSITO

Tatiane de Jesus Chates
PPG-NEIM/UFBA

O trânsito situa-se como um espaço eminentemente masculino, onde as diversas visões de mundo se entrelaçam, mediante uma determinada base ideológica, em que o acesso ao poder se mostra compartimentado e desigual. Os estigmas associados ao papel social, desempenhado pelas mulheres no trânsito urbano, trazem novas interpretações feministas no que concerne à atuação cidadã em mais um espaço de poder. As ideologias, assim como as representações a elas subjacentes, ajudam o(a) pesquisador(a) a desvelar os estigmas e estereótipos associados a um determinado grupo social, localizado em um tempo e um espaço específicos. O objeto deste estudo é, portanto, o trânsito soteropolitano sob uma óptica interseccional de raça/gênero/geração, contextualizado pela história de criação da Escola Pública de Trânsito de Salvador. As imagens produzidas remontam tanto às práticas pedagógicas adotadas pela escola quanto ao conhecimento prévio que os atores sociais já possuem sobre o trânsito, na visão particular dos(as) condutores(as) de veículos automotores que aparecem nas imagens do manual do candidato à primeira habilitação. Faz-se um estudo qualitativo e quantitativo das imagens contidas no manual do candidato à primeira habilitação, quanto à análise das representações associadas às mulheres que dirigem. As imagens foram catalogadas, classificadas, contextualizadas e analisadas,

permitindo visualizar as práticas pedagógicas constituídas. A identificação do sexismo institucional é apontada como um caminho para a superação das desigualdades de gênero, e inserção plena das cidadãs nas esferas públicas de poder.

A DESCONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DISCURSOS DOCENTE

Tatiane de Lucena Lima
Universidade Federal da Bahia

Esta comunicação tem como objetivo central apresentar as narrativas das/os professoras/es sobre as identidades feminina e masculina, refletindo, de modo crítico, sobre a necessidade de construção democrática das identidades na prática pedagógica. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em educação, realizada em 2007, com estudantes de Pedagogia de uma Faculdade particular localizada na região Metropolitana de Salvador. Foi utilizado o grupo focal com a amostra de 10 estudantes para coleta de dados, sendo todas/os professoras/es dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Durante os encontros, foi apresentada a película “Sonho Impossível” (TV Escola), a fim de que as/os estudantes expressassem suas opiniões a partir da identificação da tradição machista imperiosa, representada na película, com as suas histórias de vida e formação. Sob a noção de consciência utilizada por Freire (1971) e sua tipologia, os resultados evidenciam que 5 estudantes, isto é, 50% da amostra apresentou uma consciência ingênua sobre gênero, enquanto os demais 50% demonstraram uma *consciência crítica* sobre as relações de poder que envolvem o gênero, sendo que 2 deles (20%) encontram-se ainda na fase da *consciência ingênua intransitiva*, caracterizada como primeiro degrau para a consciência crítica, já que os estudantes são capazes de questionar a realidade, mas, não apresentam compreensão lógica dos mecanismos de poder que coíbem a cidadania feminina e instauram as assimetrias. Como os discursos não são neutros, não são imparciais, são ideológicos e políticos, e exprimem não só acontecimentos como também projetam desejos, as narrativas críticas das/os professoras/es traduzem o desafio de uma práxis anti-sexista, sob pena de comprometermos a proposta da educação igualitária para as gerações futuras.

GT – FAMÍLIA E GERAÇÃO

MULHERES IDOSAS: FEMINISMO E GERONTOLOGIA

Alda Britto da Motta
NEIM/UFBA

A idosa é uma personagem em suspensão. Não existe por inteiro, nem corretamente sintonizada, em quase nenhum lugar social, inclusive no campo científico. Se não, vejamos: O feminismo sempre a ignorou, solenemente, tanto nos seus estudos sobre relações de gênero, como nas suas propostas de luta. A velha não tem merecido sequer ser objeto de crítica. Já a Gerontologia a admite, recorrentemente, como personagem saindo de cena, sem muitos recursos próprios, vivenciando perdas e necessitando, por fim, de cuidados. Como os homens velhos. (Aparentemente, sem diferenças de gênero. Mas, embora eles sejam, talvez, ainda menos conhecidos que as mulheres, são mais positivamente referidos). Ironicamente, elas não deixam de ser vistas como cuidadoras, “destino” clássico e persistente de todas as mulheres. Essa imagem/papel, alternativo ou simultâneo, de cuidadora e cuidada, é também refletida nas relações cotidianas e materializada na figura ambígua da avó, a que vive ajudando a família e/ou considerada como “pesando” sobre a família. Somente a pesquisa “descomprometida” das Ciências Sociais – e, eventualmente, a literatura - “junta os pedaços”, reconstrói esse ser integral – ainda que heterogêneo em suas várias dimensões identitárias – do sexo feminino, avançada na trajetória das idades, vivenciando, individualizadamente, os resultados do percurso existencial, porém segundo o que o contexto social lhe facultou.

SIGNIFICADOS DO TORNAR-SE MÃE NO CONTEXTO ACADÊMICO

Ana Maria de Oliveira Urpia
Sônia Maria da Rocha Sampaio
UFBA

Estudos recentes sobre as mulheres nas universidades brasileiras indicam uma tendência ao predomínio do sexo feminino na educação superior. No entanto, apesar de as mulheres serem hoje maioria entre os universitários, o progresso na carreira científica ainda revela-se problemático. Isto em decorrência, muitas vezes, das dificuldades que elas encontram para conciliar família e vida acadêmica, especialmente quando se tornam mães, posto que, mesmo nos dias de hoje, ainda são elas as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos cuidados parentais. Diante desse contexto e da escassez de trabalhos nacionais sobre esta temática, o presente trabalho propõe-se a investigar os desafios e possibilidades que se desenharam para jovens mulheres que experienciam o processo de transição para a maternidade ainda nos primeiros passos da formação acadêmica: *as jovens universitárias*. Com esse propósito, trabalhamos a partir do método biográfico interpretativo, fundamentado nos pressupostos da psicologia cultural do desenvolvimento, que dialoga, nessa pesquisa, com a abordagem do self dialógico e a perspectiva de gênero. Os resultados dessa investigação, construídos com base na análise das narrativas das participantes acerca de suas experiências, revelam as ambigüidades vividas por essas jovens, não somente ao descobrirem-se grávidas e durante a gravidez, como após o nascimento do bebê, ao tentar conciliar demandas da maternidade e da vida acadêmica. Consideramos que esses resultados podem oferecer contribuições importantes para discussões sobre as condições estruturais e culturais que envolvem, hoje, a participação da mulher no contexto acadêmico e na carreira científica.

TEMPOS DE MUDANÇA, VIDAS EM MUTAÇÕES: O EMPODERAMENTO DE MULHERES NA BAHIA ATRAVÉS DE GERAÇÕES

Carolina Santana
Cecília M.B. Sardenberg
Fernanda Capibaribe
UFBA

Este trabalho volta-se para a análise de mudanças nas vidas de mulheres baianas através das gerações, e em que medida e de que forma tais mudanças têm contribuído para processos de empoderamento feminino. Baseia-se, para tanto, em pesquisa sendo realizada com 400 mulheres residentes no Subúrbio de Plataforma (Salvador), valendo-se de diferentes estratégias metodológicas e analíticas para melhor compreender, empírica e conceitualmente, como mudanças positivas acontecem nas vidas das mulheres, como tais mudanças podem ser melhor mensuradas e o que se pode apreender de tais processos, no tocante ao empoderamento das mulheres. Entendemos por “empoderamento” o processo da conquista de maior autonomia por parte das mulheres, um processo que tem aspectos tanto coletivos como individuais (Sardenberg, 2006). Mas concordamos com Kabeer (1999) em que empoderamento implica na expansão dos limites de se fazer escolhas estratégicas, num contexto no qual isso era antes impossível/proibido/negado. Seguindo Kabeer (1999) consideramos para investigação e análise três dimensões distintas, embora interrelacionadas: recursos (pré-condições existentes), agenciamento (o processo de agir dentro dessas possibilidades), e resultados (as realizações). Procuramos, assim, desvendar, de que forma e em que medida, mulheres baianas de diferentes gerações, grupos de cor e classes sociais têm se valido dos recursos e condições de que dispõem para fazer escolhas estratégicas, e em que medida elas próprias identificam processos de “expansão dos limites de se fazer escolhas” em suas vidas no que se refere a: a) oportunidades educacionais; b) inserção no mercado de trabalho; c) participação política; d) relações familiares e; e) exercício da sexualidade. Embora ainda seja cedo para fazermos generalizações sobre os resultados da pesquisa em discussão, os primeiros achados nos revelam processos tanto de *empoderamento*, quanto de *desempoderamento* em curso, o que nos leva a considerar a necessidade de aprofundarmos as reflexões em torno de *forças contraditórias* que operam simultaneamente em aspectos diferentes da vida das mulheres. Por exemplo, enquanto, por um lado, parece haver avanços no tocante ao exercício da sexualidade através das gerações, por outro, a situação de desemprego acentua a dependência das mulheres mais jovens e, conseqüentemente, restringe a conquista da sua autonomia, o que se agrava ainda mais nos casos de maternidade precoce. Da mesma forma, a valorização da educação para as mulheres acontece junto com o crescimento do desalento em relação às possibilidades de ascensão social, o que pode gerar acomodação e, assim, a reprodução dos modelos de desigualdades de gênero vigentes. As mudanças observadas, portanto, se fazem ao lado das permanências – ou até mesmo dos recuos –, o que torna difícil pensarmos o empoderamento como processo crescente e contínuo.

DADOS SOBRE AS PESSOAS SOLTEIRAS E QUE MORAM SOZINHAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA LEITURA GERACIONAL E DE GÊNERO

Darlane Silva Vieira Andrade
NEIM/ UFBA

Este trabalho contém elementos para o estudo das pessoas adultas solteiras de classes médias e que moram sozinhas em Salvador na atualidade, que serão o foco da construção da minha tese de doutorado no PPG-NEIM/UFBA. Os elementos serão postos a partir de dados da demografia

apontados por censos dos anos de 1970 e 1980 (BERQUÓ & CAZENAGHI, 1988) e dos anos de 1991 a 2000 (NERI, 2005), no Brasil. Estes dados ilustram mudanças na composição das famílias e lares brasileiros com tendência ao crescimento da população composta por pessoas solteiras e que moram sozinhas, prevalecendo neste quadro, mulheres mais velhas. A perspectiva de geração aqui é trazida como fundamental para a leitura dos grupos de idade, juntamente com a categoria de gênero, dentro da abordagem feminista. Considerando que estas categorias juntamente com as de raça e classe são dimensões constitutivamente mais básicas na análise das relações sociais e importantes para reflexão sobre a emergência de um estilo de morar sozinho/a em grandes centros urbanos.

A TRANSIÇÃO PARA O TRABALHO ENTRE ADOLESCENTES APRENDIZES – UM ESTUDO DE CASO COM ADOLESCENTES DE SALVADOR

Elsa de Mattos

Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ UFBA

O texto aqui apresentado compreende parte de um estudo que investigou as experiências de transição para o trabalho de adolescentes aprendizes moradores da periferia de Salvador. O estudo explorou suas percepções sobre o trabalho e a interação entre trabalho e outras dimensões da vida das jovens, tais como a escola e a família. A transição para o trabalho é uma transição desenvolvimental relevante pela qual passa um contingente significativo de adolescentes que entram no mercado de trabalho para ajudar no próprio sustento e no de suas famílias. Pesquisas demográficas recentes indicam que a transição para o trabalho é o tema que mais interessa e preocupa os jovens maiores de 15 anos. Participaram deste estudo cinco adolescentes com idades entre 17 e 18 anos egressas de um programa de aprendizagem direcionado a jovens moradores de periferias e implantado por uma ONG sediada em Salvador. A coleta de dados incluiu entrevistas abertas, análise de documentos e inserção ecológica no contexto. Os resultados indicam que as adolescentes percebem a transição para o trabalho em termos de mudanças, desafios e oportunidades. Entre as mudanças mais significativas, destacam-se: a aprendizagem de novos conhecimentos e habilidades, as relações com colegas no ambiente de trabalho e o aumento da auto-confiança. O maior desafio apontado foi a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. A análise do caso de uma das jovens ilustra como suas trajetórias se apresentam como “caminhos compartilhados”, caracterizados pela forma como as jovens negociam oportunidades, compromissos e sonhos de maneira compartilhada com suas famílias.

EM MOVIMENTO (CON)FUNDEM-SE LIMITES DE IDADE: MULHERES EMBARCAM NESTE BONDE

Eulália Lima Azevedo

PPGCS/ UFBA

No curso da ação coletiva dos velhos/as trabalhadores/as, os direitos previdenciários são evocados como direitos de cidadania, representados como direitos universais que dizem respeito a toda a sociedade. Além disso, a proposta de mudança cultural sustenta a motivação de idosos/as para participarem de atividades, tanto de cunho político e social quanto voltado à sociabilidade, à recreação, ao cuidado com o corpo, à novos aprendizados, à assistência em Instituições específicas. Estas últimas atraem basicamente as mulheres muito animadas com a possibilidade de ruptura dos pressupostos da ideologia da velhice, que lhes vem propiciando a oportunidade de realizações que se fizeram impossíveis na juventude pelos constrangimentos de gênero. A

superação da imagem tradicional da velhice, cujo suporte está fincado na imagem de todo/a velho/a como aquela pessoa dependente, que não tem mais controle sobre seu corpo e suas emoções, com suas habilidades mentais e intelectuais comprometidas, vem sendo reivindicada pela ação coletiva dos idosos/as. Considerando o contexto atual, no qual vários atores coletivos se movimentam por diversos e ambíguos caminhos, procuro pensar neste trabalho como vem se desenvolvendo a estratégia do movimento dos idosos no sentido de mobilizar as mulheres para se integrarem à luta mais ampla de defesa de direitos constantes da ordem, tanto política quanto social, visto que elas já estão engajadas na ordem do cultural. Procura-se compreender, nesse processo, a dinâmica que permite materializar, tanto no âmbito público quanto no privado, a nova representação do velho/a, elaborada a partir do reconhecimento da sua condição de sujeito, capaz de defender seus interesses por si próprio, abrindo espaço para a categorização da ação coletiva dos aposentados/as, pensionistas e idosos/as como movimento social, ou não.

MENINAS DE APIPUCOS

Isadora Browne Porciuncula de Moraes Ribeiro

Esta comunicação trata de mais um capítulo da busca de elementos que ofereçam pistas de caminhos e documentos que permitam traçar um panorama da presença da menina enquanto sujeito histórico e, portanto, em suas variáveis de classe e de etnia e na sua singularidade de gênero, na História do Brasil. Voltamos à obra *Intérpretes do Brasil*, um dos marcos das comemorações dos 500 Anos do dito Descobrimento, reunindo 12 clássicos considerados essenciais para a compreensão da cultura nacional. Dentre estes, esta comunicação trata das três obras selecionadas de Gilberto Freyre, que cobrem a história do país desde a condição de colônia até as primeiras décadas do regime republicano. A garimpagem dá-se nas obras *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados & Mocambos* e, por fim, *Ordem & Progresso*. Crianças nascem, brincam, crescem, morrem, e muito, ao longo de todas as três obras, as categorias de classe e etnia largamente identificadas. No entanto a categoria de gênero só de quando em vez é considerada. O termo *crianças*, assim como o *meninos* são usados de forma genérica. O termo *menina* aparece bem pouco. No entanto, é possível que estes indícios, inclusive por serem acompanhados sempre de referências e abundantes notas complementares, indiquem fontes para estabelecer a história da diferença entre meninos e meninas no Brasil.

AS MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E SEUS FILHOS

Jane de Jesus Soares
Mestranda - UEFS

A discussão a ser apresentada versa sobre mulheres de cor chefe de família no censo de 1855, na freguesia da Sé e a relação com os filhos. A mulher viúva ou solteira na Bahia do século XIX era um grupo social visto com reservas pela sociedade. Elas eram responsáveis pela criação e sustento dos filhos na falta do pai. Essa mulher ultrapassou o limite entre o público e o privado, pois a atribuição imposta à mulher naquela época não permitia as mulheres trabalharem, mas no caso das negras esta regra não era seguida, e elas iam para rua a procura do seu sustento e de sua família como ganhadeiras, lavadeiras, quituteiras. A análise do censo deixa diversas indagações à cerca de como eram sustentados os filhos dessas mulheres, pois dentre as 221 famílias encontradas, 26 chefiadas por mulheres de cor, apenas sete apareceram com profissão. Os viajantes e memorialistas deixaram vestígios de como eram criadas essas crianças, muitas desde cedo acompanhavam a mãe no trabalho e as maiores já ajudavam no serviço, poucas eram as que freqüentavam a escola, apesar da legislação permitir o acesso aos livres e libertos.

COMO VIVIAM OS IDOSOS BAIANOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Kátia Jane C. Bernardo
UNEB/UFBA/UNIJORJE

Este trabalho tem como objetivo identificar o lugar atribuído ao velho e à velhice, na segunda metade do século XIX, na cidade de Salvador. Para traçarmos o perfil da população idosa existente na cidade de Salvador durante a segunda metade do século XIX, recorreremos a documentos da Santa Casa de Misericórdia da Bahia (Livros de Registros de Entrada e Saída de Doentes do Hospital da Caridade, Livro de Registro de Enterramentos do Campo Santos, Livro de Registro de Entrada dos Presos para o Hospital, Livro de Registro de Entrada e Saída de Soldados de Polícia, Livros de Registro Clínico do Hospital), jornais que circulavam pela cidade durante o período pesquisado, falas dos governadores e presidentes da província, entre outros. A percepção que a sociedade da época tinha da velhice estava associada à decadência, ao feio, ou à decrepitude, como apontam as causas de morte de muitos registros do cemitério do Campo Santo ou a poesia veiculada pelo Correio de Noticias do dia 19 de agosto de 1900 sobre “A Valsa”. De acordo com o poeta a valsa é a rainha dos bailes, tem alguma coisa de fantástica: “fatiga o corpo e refresca a alma”. Se dançada com uma jovem o cavalheiro esquece tudo, inclusive as dívidas. Contudo, dançada com “uma velha enrugada, olhos mortiços, lábios caídos, faces rebocadas de carmin e pós d’arroz (...) é o mesmo que apanhar uma cacetada á traição”. Dentre os idosos brasileiros da segunda metade do século XIX, muitos eram escravos alforriados ou abandonados por seus senhores. A prática de alforriar escravos velhos e incapacitados para o trabalho já era comum no final do século XVIII (VILHENA, 1969) e continua durante todo o século XIX. Este é o caso de Benedicta, uma “africana velha” encontrada no largo de Sant’Anna e levada ao Hospital da Caridade vindo a falecer com desinteria e que se dizia escrava abandonada por seu senhor (Livro 1059, p. 226v). No outro extremo estava a classe alta ou a elite, representada pelos Catarinos, Calmons de Sá, Bittencourts, Magalhães, Correias da Silva, etc. Dentre os homens que construíram grandes fortunas nos oitocentos e que ultrapassaram a marca dos 70 anos de idade, temos conde Pereira Marinho, membro fundador e primeiro presidente do Banco da Bahia que morreu de tétano em abril de 1887.

O DISCURSO DE FALANTES IDOSAS NUMA PERSPECTIVA TEMPORAL

Marcela Moura Torres Paim
UFBA

Este trabalho investiga como a linguagem de falantes idosas apresenta nas narrativas pessoais as marcas lingüísticas temporais específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquéritos do Projeto NURC. A metodologia empregada consistiu na realização das seguintes etapas: 1) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; 2) escolha e formação do *corpus*, constituídos de inquéritos do NURC; 3) análise do *corpus* a fim de verificar marcas lingüísticas transmissoras da construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária. O termo identidade está sendo aqui concebido como “identidade social” que segundo Ochs (1993, p.288) é entendido “como um termo que pode abranger uma gama de *personae* sociais que um indivíduo pode reclamar para si ou atribuir aos outros ao longo da vida. Os resultados das análises dos inquéritos selecionados evidenciam a presença de recursos lingüísticos reveladores do estereótipo “os tempos antigos eram sempre melhores” e que transmitem a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária. Dessa forma, os recursos lingüísticos encontrados nas entrevistas demonstram que a identidade de faixa etária depende basicamente

da categoria tempo, pois esta atua nessa linguagem como elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos – o antes e o agora – visando às aposições desejadas entre passado e presente típico dos discursos narrativos pessoais pertencentes a mulheres de uma faixa etária mais avançada.

MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA DE CLASSES MÉDIAS: NA TRAMA DAS INTERSECCIONALIDADES

Márcia dos Santos Macedo
NEIM/ UFBA

Neste trabalho, recém-concluído como tese de doutoramento, busco entender a realidade ainda pouco conhecida das mulheres chefes de família de classes médias em Salvador-Ba, visto que a grande maioria dos estudos sobre chefia feminina vem insistindo na homogeneidade desse grupo social, associando sua expansão à ampliação dos processos de pauperização, contemporaneamente sintetizado na idéia de uma *feminização da pobreza*. Assim, através de estudo qualitativo, proponho discutir as experiências de 32 mulheres soteropolitanas de classe média, face à condição de chefia dos seus núcleos doméstico-familiares, a partir do entendimento da articulação interseccional de seus pertencimentos sociais de classe, gênero, raça/etnia e idade/geração, dando ênfase, portanto, às possíveis interconexões entre sistemas de opressão. Nessa perspectiva, arrisco apontar como as experiências dessas mulheres e sua expansão nas classes médias, longe de significar processos de vulnerabilidade social, podem ser lidas como sinal de uma melhoria significativa nas dimensões da *sobrevivência* e da *existência* desses sujeitos, principalmente quando analisadas a partir do encontro entre volição e oportunidades.

MULHERES IDOSAS DE CLASSES POPULARES: PROVIDORAS E CUIDADORAS

Marcia Queiroz de Carvalho Gomes
NEIM/UFBA

O fenômeno da chefia domiciliar feminina vem, nas últimas décadas, se expandindo e ganhando visibilidade social. Estudos sócio-demográficos vêm apontando a diversidade de arranjos familiares em que a mulher ocupa a posição de chefe ou responsável pelo domicílio como resultante de transformações sociais, econômicas, culturais e comportamentais, tais como: entrada da mulher no mercado de trabalho, aumento do número de divórcios, aumento da expectativa de vida, viuvez, dentre outros. Dados do IBGE (2007) revelam que os grupos etários com maior número de mulheres chefes de família encontram-se entre 25 a 39 anos e, de certo modo surpreendente, entre as mulheres de 60 anos e mais de idade (26,7%). O interesse desse trabalho é discutir as relações que mulheres idosas chefes de família mantêm com outros membros da família, especialmente os/as filhos/as, assim como, o papel das políticas sociais nesse contexto, a partir de dados de pesquisa de campo com idosas de classes populares de Salvador – Bahia.

SEXO, AFETO E SOLTEIRICE: INTERSECÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E GERAÇÃO ENTRE MULHERES DE CLASSE MÉDIA.

Márcia Santana Tavares
Universidade Tiradentes – SE

Este artigo aborda as vivências sexuais de duas mulheres solteiras pertencentes às classes médias, com idade de 33 e 67 anos, residentes em Salvador-Ba, a partir de resultados obtidos através de pesquisa desenvolvida para elaboração da minha tese de doutorado, na qual me debrucei sobre as percepções e práticas da solteirice de homens e mulheres oriundos das classes

médias de Aracaju/SE e Salvador/BA. Neste texto busco analisar como a intersecção entre os recortes de gênero, raça e geração incidem sobre suas práticas sexuais. Para tanto, retomo seus relatos de vida, em que reconstituem sua trajetória e escolhas no campo afetivo-sexual. Pode-se concluir que, para essas mulheres, o casamento não é colocado como condição para terem uma vida sexual ativa que, no entanto, permanece condicionada a um envolvimento emocional com o parceiro. Além disso, o fato de serem independentes financeira e emocionalmente, faz com que as mulheres imprimam seletividade ao desejo, o parceiro amoroso deve ser alguém que não ameace sua liberdade e escolhas individuais, com quem possam compartilhar seus projetos de vida no âmbito pessoal e profissional. Daí porque se recusam a cultivar relacionamentos descartáveis e, quando sem par, optam por sublimar o desejo, exercitar a sexualidade com ex-namorados, agora amigos ou solitariamente. Finalmente, o pertencimento a um determinado grupo étnico e/ou faixa etária reduz ainda mais as chances da mulher no mercado amoroso. O bailado erótico, pelo menos entre as mulheres entrevistadas, não tem tecido aproximação, mas dessintonia, na medida em que o um não se faz dois, pois os passos se mostram cada vez mais dis-par-atados.

CIDADANIA SEXUADA E MATERNIDADE: UMA LEITURA FEMINISTA ACERCA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

Silvana Aparecida Mariano
Universidade Federal de Uberlândia

A relação das mulheres com a cidadania e com o Estado passa pela associação das mulheres à maternidade. Enquanto os homens adentram o espaço público com o *status* de indivíduo, cidadão e trabalhador (todas qualidades da esfera pública), as mulheres freqüentemente se incluem a partir de questões do mundo doméstico, questões essas associadas às tarefas de reprodução, o que afirma seu estatuto político em razão das funções maternas e de cuidado. É a mulher, mãe e cuidadora a figura feminina mais recorrente no espaço público, com destaque para o debate sobre a “questão social”. Os marcadores de gênero, a exemplo dos marcadores de classe e raça/etnia estruturam a construção da cidadania e a efetivação de direitos no Ocidente, bem como estruturam a relação de homens e mulheres com o Estado. O fundamento da cidadania sexuada está em uma perspectiva biologizante e essencialista que fixa as funções sociais vinculando o sexo do indivíduo às formas de pertencimento à sociedade. Esse processo interfere diretamente na relação entre as mulheres e o Estado. Um ponto de ilustração a esse respeito é o modo como os grupos de mulheres estão sujeitos a obrigações impostas pelo Estado e que geram efeitos para o tempo e o trabalho femininos. Este fator deve ser levado em consideração quando nos dedicamos a investigar o modo de inclusão das mulheres nas ações estatais, a exemplo dos programas de transferência condicionada de renda no Brasil, notadamente o Programa Bolsa Família.

DE JECE VALADÃO A BRAD PITT: PERCEPÇÃO DO HOMEM CARIOCA SOBRE AS NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DA VIDA FAMILIAR

Victoria Romeo Tomaz
UERJ

Na sociedade contemporânea as questões relacionadas à família, conjugalidade e masculinidade estudadas por diversos autores, tem destacado a conclusão de que o processo de individuação do mundo moderno vem reconfigurando a organização familiar e as formas de conjugalidade, flexibilizando as representações de papéis de gênero. Procurando analisar as questões sobre a

flexibilização dos arranjos conjugais e as relações de poder dentro das relações de gênero, o objetivo do trabalho é mostrar como essas questões são vivenciadas, através da percepção do universo masculino nas camadas médias urbanas do Rio de Janeiro. Quais as representações masculinas sobre o modelo ideal de união, como (e se) esse modelo tem sido aplicado as suas vidas. Como se dá o convívio entre pais e filhos dentro dos novos arranjos familiares? Nesse contexto, será que podemos (e como podemos) perceber a permanência da dominação masculina? Qual o tipo de relacionamento desejado pelo homem contemporâneo e quais as diferenças de percepções entre homens de diferentes idades acerca destas questões. Constituem-se assim como objetos de pesquisa, as características das flexíveis relações da sociedade líquida (Bauman,2000), as percepções e representações que os homens têm de si mesmos e da masculinidade dentro desse contexto e como vêm sendo estabelecidas as relações de poder e gênero a partir da composição e da organização do núcleo familiar.

DIVISÃO ETÁRIA E SEXUAL DO TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO ENVOLVENDO UMA UNIDADE PRODUTIVA DE CALÇADO EM IPIRÁ-BA

Zilmar Alverita da Silva
PPGNEIM/UFBA

Este estudo busca compreender como o sexo e a idade, os mais antigos critérios de divisão social do trabalho, vem sendo utilizados pelo capital em crise, no contexto atual, de acumulação flexível. Nossa análise sobre a divisão etária e sexual do trabalho tem como universo empírico uma unidade produtiva de calçado, de matriz gaúcha, implantada no Município de Ipirá-Ba. Através da produção de dados quantitativos e qualitativos, identificamos uma força de trabalho jovem, predominantemente solteira e com escolaridade igual ou superior ao segundo grau incompleto. Este perfil é expressão da flexibilidade do tipo interna, através da qual a 'empresa flexível' reduz custos inovando no uso da mão-de-obra, utilizando-a de forma multifuncional e nivelando, por baixo, os salários de homens e mulheres, independentemente das funções realizadas na produção e do tempo na empresa, bem como através da fragmentação das férias e do uso de banco de horas. Assim, a divisão etária do trabalho se expressa através da exclusão dos/as trabalhadores/as mais velhos, vistos como 'herdeiros da cultura fordista', e da inclusão precarizada dos/as mais jovens, os quais são formados para uma nova cultura de trabalho, multifuncional e flexível. A divisão sexual das atividades produtivas mostra-se através da concentração das mulheres na realização de atividades manuais e operando máquinas consideradas mais leves enquanto que os homens encontram-se ocupados no trabalho avaliado como "pesado e grosso", realizado com ou sem máquinas. Desse modo, esta nova cultura de trabalho faz uso de velhas práticas sociais geracionais e de gênero com vistas à reprodução do capital.

GT – GÊNERO E HISTÓRIA

MULHERES E RESISTÊNCIAS: UMA ABORDAGEM DE GÊNERO SOBRE O PERÍODO MILITAR (PERNAMBUCO, 1964-1979)

Andréa Bandeira
Universidade de Pernambuco

A narrativa destaca a atuação das mulheres em diversos momentos do processo da ditadura militar, quando elas ocuparam um novo lugar na estrutura econômica, política e social brasileira, como resultado e marca do avanço do capitalismo para o arquétipo neoliberal e pós-moderno. Adotamos a hipótese que as mulheres participaram desses movimentos de resistência mais como portadoras de uma nova ordem social, que modificaria as relações entre os sexos, do que transformando as relações de Gênero, pois esta exigiria uma mudança nas relações de poder advindas apenas com uma revolução na estrutura econômica. Isso se explica porque se observou que estas lutas femininas se travaram mais no campo das ações objetivando suas participações nos espaços públicos, resistindo aos modelos impostos e às desigualdades de sexo/gênero na práxis social e menos no campo das desigualdades de classe.

A SEXUALIDADE E A HONRA DE CRIANÇAS E JOVENS NA CIDADE DO SALVADOR, 1940-1970: OS CRIMES CONTRA OS COSTUMES

Andréa da Rocha Rodrigues
UESC

Esta comunicação tem o intuito de informar os resultados de uma pesquisa de doutorado realizada para o programa de pós-graduação em história da Universidade Federal da Bahia, em qual o objetivo central consistiu em analisar representações e práticas relativas à sexualidade infanto-juvenil em Salvador, de 1900 a 1970. Neste trabalho, partiu-se do pressuposto de que a os conceitos de infância, adolescência, sexualidade e honra são construídos a partir parâmetros sociais e históricos. Buscou-se, por conseguinte, avaliar os elementos simbólicos que emergiram, no período estudado, para representar a sexualidade e as duas fases da vida humana – infância e adolescência. A sexualidade das crianças e jovens soteropolitanas, por outro lado, foi avaliada a partir das questões de gênero, raça e classe com as quais estava diretamente associada. Reconheceu-se, portanto, que as práticas relacionadas à infância e a adolescência adquiriram significados diferentes em diversos segmentos da sociedade soteropolitana do período e, por conta disso, tornou-se imprescindível avaliar as questões de poder e resistência elaboradas por diferentes grupos sociais no que tange a apropriação de regras e práticas sociais. Da mesma forma, foi de suma importância investigar a violência sexual exercida sobre os corpos de crianças e adolescentes através do estudo de crimes contra os costumes e da legislação que regulava sua punição. Procurou-se igualmente analisar os vínculos entre o conceito de honra e o controle da sexualidade feminina.

É MELHOR CASAR PARA NÃO SER PRESO, OU SER PRESO PARA NÃO CASAR?: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE DEFLORAMENTO ENCONTRADOS EM SANTO ANTONIO DE JESUS DE 1900-1940

Andréia da Silva Correia
UNEB

A legislação, presente no código penal vigente no período estudado, previa, como é sabido, em casos de defloração a prisão do acusado, caso fosse provado o defloração e caso o mesmo se recusasse a “reparar a honra” da deflorada casando com a mesma. Desta maneira, o

casamento ou a prisão seriam desfechos comuns nestes casos. Entre os processos analisados tão comum quanto o casamento era a prisão do acusado. Nestes casos nos perguntamos: se os acusados fossem condenados a prisão, como reparar a honra destas mulheres por eles defloradas? Seria a prisão do acusado uma forma, socialmente aceita, de reparo a honra perdida? Sabiam as jovens, antes das suas denúncias, desta possibilidade? Era preferível estar preso numa cela ou preso a um casamento, numa época em que não facilmente se concedia o desquite? Assim, tomando por base a legislação e os processos de defloramento localizados em Santo Antonio de Jesus no período de 1900 a 1940, este trabalho objetiva problematizar a cerca das formas judicialmente e socialmente aceitas para reparar a honra feminina, discutindo as estratégias encontradas pelos homens para livrarem-se do casamento, em alguns casos, bem como o contrário: O incentivo às denuncia para obrigar as famílias a aceitarem a união entre jovens.

AQUI JAZ!

Beatriz Kushnir
UFF/UNICAMP

Esta pesquisa focalizou um grupo de homens e mulheres judeus oriundos da Europa Oriental. As mulheres, conhecidas como *polacas*, exerceram a prostituição no baixo meretrício de diversas cidades pelo mundo entre fins do século 19 até a década de 1960. Em comum, a identidade religiosa, a atuação no comércio da prostituição estrangeira e a fundação de sociedades de ajuda mútua em cada cidade onde viveram. Nelas buscavam construir e exercitar uma identidade cultural e religiosa. Esta pesquisa localizou cinco: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Buenos Aires e Nova York. Das duas primeiras localizou-se uma documentação inédita até então: o material produzido no interior deste complexo administrativo – atas de assembléias, livros-caixa, estatutos, etc. –, além de entrevistas com descendentes e funcionários. Baseado nas perspectivas de uma História da Cultura e na busca etnográfica de fragmentos de um mundo até então perdido e sufocado por uma narrativa oficial, buscou-se visualizar e compreender o mundo privado de mulheres tidas como públicas. Assim, desfazendo os densos estereótipos que aprisionam esse universo a uma única narrativa – a do perigo –, apresentarei um mundo solidário. “Aqui jaz uma confusão” foi o título da matéria publicada na Revista dominical do jornal *O Globo*, de 4/11/2007, discutindo a disputa pelo terreno do Cemitério Israelita de Inhaúma, numa tentativa de usurpar um terreno comprado em 1912, pelos sócios e sócias da Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita (ABFRI), para imputar uma ordem moral aos mortos ali enterrados: os condenando após seus falecimentos e os cercando num muro, como impõe as normas judaicas para os suicidas e as prostitutas.

A GINECOLOGIA E OS PARADIGMAS DE FEMINILIDADE EM SALVADOR

Caroline Santos Silva
UNEB

A figura feminina ocupou por diversos momentos os papéis secundários desenhados pela ótica historicista. Contudo, os debates acerca de uma nova forma de pensar a História, bem com a posterior ascensão da *Escola dos Annales* fizeram emergir uma diversidade de novos sujeitos, entre eles a mulher. Por conseguinte, o próximo passo viria quando Joan Scott ao fundar o conceito de gênero, destacou as diferentes formas de sociabilidades femininas e masculinas, bem como a construção de subjetividades oriundas dessas relações. A partir de então se inaugurou um leque de temáticas, inclusive relacionados à sexualidade, haja vista que desde os primórdios da História, as identidades femininas foram forjadas a partir de uma ótica biologizante. No contexto de

nascimento da República baiana, ideologias higienistas e eugenistas apoiadas por um projeto medicalizante publicizavam um paradigma de mulher voltada para o lar e maternidade. Tendo em vista um caráter mais específico, este trabalho visa uma análise do papel da ginecologia em Salvador (1875-1912), tendo como contexto a fundação da primeira enfermaria para parturientes na Santa Casa de Misericórdia e a construção da Maternidade Climério de Oliveira em 1910. Para tanto, estão sendo utilizadas como fontes, as teses médicas da Antiga Faculdade de Medicina da Bahia, exemplares da Gazeta Médica, jornais da época, memórias dos médicos da faculdade, entre outros. Portanto, o estudo do discurso médico deverá ser percebido em suas entrelinhas, onde em meio à linguagem técnica e científica delineiam-se indícios acerca dos aparatos de disciplinarização e aprisionamento dos corpos femininos.

MULHERES HONESTAS, HOMENS HONRADOS: A HONRA SEXUAL ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO – FEIRA DE SANTANA (1940-1960)

Cristiane Lima Santos
UNEB

Partimos da análise dos interesses e perspectivas que perpassavam a relação: moralidade social, honestidade feminina e honra masculina na cidade de Feira de Santana nos anos de 1940 a 1960, para tanto (re) visitamos o cotidiano de mulheres e homens, estabelecendo uma discussão entre as narrativas dos preceitos jurídicos (Código Penal Brasileiro de 1940 e o Decreto-Lei n. ° 2 848, de 07 de dezembro de 1940), os depoimentos dos processos-crime de sedução do período em estudo (total de vinte) e as narrativas dos jornais (especificamente Jornal Folha do Norte). O que nos permitiu concluir que Feira de Santana viu muito pouca alteração em seu sistema de hierarquias sociais e suas relações de poder ainda que seguramente, as mulheres daquelas décadas apontassem para os primeiros desafios às noções de honra, virgindade e família.

“E ELAS FAZIAM VIDA...”. A GEOGRAFIA DO PRAZER E OS CÓDIGOS DE GÊNERO NA TERRA DO PETRÓLEO

Daniela Nunes do Nascimento
UCSAL

A presente comunicação integra o segundo capítulo de minha monografia, intitulada As Damas do Petróleo: Prostituição e códigos de gênero na modernização de Candeias (1949/64), que foi apresentada para obtenção do título de bacharel em História pela Ucsal. Nesta, busco apreender como se desenrolaram as vivências no mundo da prostituição entre as décadas de 1950/60, na cidade de Candeias (BA), período em que a localidade passou por profundas mudanças sócio – políticas –econômicas, com a implantação da Refinaria de Mataripe nas suas imediações, que resultou em transformações também nos costumes e valores da população local. Investigamos, especificamente, os efeitos provocados pelo incorporar de novos atores sociais, os migrantes que foram atraídos a Candeias pela notícia da riqueza gerada pelo “ouro negro”, no caso os trabalhadores da Petrobrás vulgarmente denominados “petroleiros”, e as prostitutas que passaram a habitar na localidade devido ao fluxo de dinheiro e de homens provenientes das atividades petrolíferas. Com o surgimento de bares e casas de prostituição que se desenvolveram como novos espaços de mobilidade social. No capítulo apresentado, delimitamos de que forma se circunscreveu e funcionou a geografia do prazer em Candeias durante as décadas de 1950 e 1960, ao investigar, especificamente, dois prostíbulos: o Buraco Doce, que era uma casa de prostituição de baixo meretrício, e que os depoimentos indicaram um tratamento “diferenciado”

dedicado aos seus clientes. O outro foi o Brega do 24, que correspondia a um agrupado de casas alugadas, que se concentravam numa Praça chamada 24.

EM DEFESA DA HONRA: DEFLORAMENTO, ADULTÉRIO E CONCUBINATO NA BAHIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII

Daniele Santos de Souza
UFBA

Este trabalho versa sobre a condição feminina na Bahia setecentista, analisando histórias de mulheres negras, brancas, mestiças, livres e escravizadas. Dentro das relações sociais, elas estavam submetidas ao mesmo poder patriarcal, porém umas como senhoras, outras como escravas e/ou subalternas. O que revela a complexidade das hierarquias sociais no período colonial, assim como gênero, raça e classe cruzavam-se na construção e reafirmação das relações de poder. Procuro demonstrar como, apesar da vigilância senhorial, a população feminina branca se “descaminhou” em suas aventuras amorosas, enfrentou o poder patriarcal, batendo, muitas vezes, de frente com ele. Mulheres negras, do mesmo modo, construíram estratégias próprias de sobrevivência e, em muitos casos, transformaram a violência, a exploração sexual e as noções de honra e moralidade senhoriais em subterfúgios contra o sistema escravista. A partir de relatos de viajantes da época, dos processos encontrados no Tribunal da Relação e da legislação portuguesa inscrita nas *Ordenações Filipinas* construo um panorama sobre as ações e embates da população feminina colonial envolvendo questões relacionadas à honra e virtude. Assim, busco demonstrar como as mulheres, dentro das possibilidades que dispunham, conquistaram espaços de autonomia e faziam valer a sua vontade, na defesa de sua dignidade, mesmo que fosse no restrito perímetro do lar e em meio as brechas do paternalismo senhorial.

HISTORIOGRAFIA DAS MULHERES E ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO CRÍTICA

Diva do Couto Gontijo Muniz
Universidade de Brasília

Um exame crítico da historiografia das mulheres e dos estudos de gênero no Brasil é o que escolhi como tema da presente comunicação. Trata-se de reflexão produzida a partir de minha experiência como historiadora, feminista e acadêmica, envolvida com ensino, pesquisa e orientação a mestrandas e doutorandas na área de Estudos Feministas e de Gênero na Universidade de Brasília. Não é um balanço historiográfico, mas um esforço de análise e problematização, a partir do aporte teórico produzido pelos feminismos contemporâneos, da inclusão das mulheres na história, no discurso historiográfico. Não obstante tal aporte interpelar diretamente a história, haja vista sua crítica e exposição aos processos sexuais em ação na estruturação do social e do conhecimento, sua incorporação aos estudos históricos apresenta-se problemática. A inclusão das mulheres na historiografia brasileira, seja pela via da História das Mulheres, seja pela via dos Estudos de Gênero, não é processada sem constrangimentos, restrições, hierarquizações e preconceitos por parte da comunidade de historiadores e historiadoras. A própria configuração como área / subárea específica de conhecimento aponta menos para os avanços dessa incorporação e mais para a reafirmação dos termos, regras e procedimentos hierárquicos e hierarquizantes do saber histórico.

REPENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS PROCESSOS - CRIMES EM UBERLÂNDIA -1970/1980

Dulcina Tereza Bonati Borges
Jane de Fátima Silva Rodrigues
NEGUEM/UFU

Este trabalho tem como escopo expor as atividades desenvolvidas pelo Projeto de Pesquisa: **REPENSANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS PROCESSOS CRIMES EM UBERLÂNDIA - 1970/1980**, financiado pela FAPEMIG e realizado pelo NEGUEM. A violência entre os sexos tem se constituído em um problema para as autoridades brasileiras. Vários órgãos de defesa foram criados com o intuito de auxiliar às mulheres e a outros segmentos que sofrem com a discriminação. O Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher da Universidade Federal de Uberlândia (NEGUEM/UFU) tem o objetivo de discutir e investigar as relações de desigualdade que surgem especialmente a partir das diferenças sexuais. Este projeto visa organizar e investigar processos criminais arquivados no NEGUEM/UFU, datados entre 1970 e 1980, procurando recolher dados sobre as representações sociais que geram a violência de gênero, mantidas por instituições sociais que perpetuam o poder sobre o corpo de homens e mulheres. Há algum tempo vem crescendo internacionalmente o número de trabalhos sobre as taxas históricas de criminalidade. As análises têm buscado detectar o comportamento do fenômeno da violência em sua longa duração e explicá-lo em relação a processos macro-sociais, compreendendo a variação na magnitude e nas formas de violência como expressões de configurações sociais e padrões de sociabilidade historicamente determinados. Tanto no âmbito da criminalidade, quanto nos trabalhos que têm-se detido sobre as práticas criminais, envolvendo outros setores da estrutura social, chama a atenção a presença sistemática do problema, ou seja, o da permanência de formas de violência social endêmicas, espelhadas nas altas incidências de homicídios e agressões verificadas nos registros criminais.

A RESISTÊNCIA INVENTIVA DAS MULHERES CHARUTEIRAS

Elizabete Rodrigues da Silva
NEIM/UFBA

A Resistência Inventiva das Mulheres Charuteiras é o resultado de uma reflexão sobre as relações de poder que perpassavam as relações de trabalho nas fábricas de charutos do Recôncavo Baiano, na primeira metade do século XX. O estudo se pauta na concepção de poder em Foucault e na perspectiva feminista de gênero. O primeiro informa que o campo de forças se estabelece a partir de uma rede de relações e não apenas a partir de dois pólos isolados e que há uma rede de poderes moleculares e periféricos que atua em toda a sociedade; trata-se de um poder que não é apenas repressivo, mas disciplinar e é produto de um saber. Essa concepção permite mapear as relações de poder que envolviam as mulheres fumageiras no trabalho fabril. A segunda possibilitou entender como se organizavam as relações sociais patriarcais no âmbito da indústria fumageira e como as mulheres trabalhadoras se moviam nesse ambiente minado pela opressão e pela exploração, acumulando a construção das duas identidades – mulher e trabalhadora. Observou-se, portanto, que a história tem revelado quão exploradas e sujeitadas têm sido as mulheres, como, também, tem testemunhado muito mais as suas lutas que a sua passividade, muito mais a sua capacidade de minar as forças opostas, de organizar estratégias sutis ou abertas de enfrentamento e de resistência à exploração e a dominação; e que a sujeição é uma situação imposta às mulheres e não uma condição da natureza feminina. Enfim, por serem as relações de trabalho uma forma particular das relações

sociais não se constituem apenas das questões de classe dissociadas de outras questões, dentre elas as de gênero, mas, são relações perpassadas e cingidas de poder e pelo poder.

MEMÓRIAS DE PROSTITUIÇÃO

Heliane Celestino Pitágora
PPGNEIM/ UFBA

O presente trabalho tem como tema central à atividade prostitutiva na cidade de Santo Estevão, mais especificamente, a Zona de meretrício de nome *As Quinze Casas* entre os anos de 1950 e 1960. Partindo da premissa de que a prostituição feminina pode ser percebida sob diferentes óticas, onde seus significados dependem não só do período histórico em que está inserido ou sociedade que se está analisando, optamos por discutir o que significa ser uma prostituta em uma cidade do interior a partir das representações criadas pela população sobre a atividade e pelas mulheres que se “dedicavam” ao comércio sexual. Para isto colhemos as memórias de quatro antigos moradores: a Senhora Joana, egressa de uma das famílias mais tradicionais da cidade, e onde foi possível identificar que o ser prostituta era determinado pelo não cumprimento de padrões comportamentais impostos às mulheres; O Senhor Antônio que perceber a prática como uma forma de buscar a liberdade em relação à sociedade e não desvio, devido à rigidez dos pais na época. Assim como uma ameaça a moral e aos bons costumes. E não menos importante os relatos das Senhoras Margarida e Eletildes, ambas donas de estabelecimento na zona de prostituição em estudo. Para a primeira o “ser prostituta” não deve ser aplicado às mulheres que vivenciam os seus amores fora dos padrões imputados às mulheres e sim àquelas cobram pelos os seus serviços (permuta sexo /dinheiro). Quanto a segunda percebe a prostituição como negócio (trabalho) que é aceitável quando se trata de um meio para garantir a subsistência. Da mesma forma que associa a prostituição à vivência de uma sexualidade (prazer) fora da instituição do casamento.

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO/CONSOLIDAÇÃO PROFISSIONAL DE MÉDICAS, FARMACEUTICAS E ODONTÓLOGAS NA BAHIA

Iole Macedo vanin

O presente trabalho circunscreve-se no conjunto das discussões acerca das relações entre gênero e ciência, uma vez que objetiva apresentar reflexões acerca da prática profissional de médicas, odontólogas e farmacêuticas na cidade de Salvador e sua interlândia, entre as duas últimas décadas dos oitocentos e décadas iniciais dos novecentos. É um dos resultados da pesquisa “As mulheres da Faculdade de Medicina da Bahia: médicas, odontólogas e farmacêuticas (1879-1949)”, desenvolvida junto ao doutorado em História da UFBA, cuja finalidade geral foi analisar o processo de feminização dos cursos superiores da Faculdade de Medicina da Bahia/FAMED-BA reduto exclusivamente masculino até 1843, quando se forma a primeira parteira. O curso de parteira, no entanto, não possuía o mesmo *status* do de Medicina, de Farmácia e de Odontologia (cirurgia dentária), que continuavam reservados aos homens até a década de setenta do século XIX quando se forma em Cirurgia Dentária Balbina Rosa de Souza, poucos meses após a obtenção do direito feminino de frequentar instituições de ensino superior no Brasil. A partir da abordagem teórica e metodológica da História Cultural e dos Estudos Feministas e de Gênero, verificou-se – na série que constituímos de anúncios de serviços da área de saúde – que a exemplo das resistências enfrentadas para ingressarem nos cursos superiores e concluí-los, elas para exercerem a profissão tiveram de elaborar estratégias – que foram marcadas, sobretudo, pela *moral de gênero* existente na sociedade baiana de então. Construir as linhas tênues que compõem

as vivências profissionais das médicas, farmacêuticas e odontólogas formadas pela FAMED - Ba, não foi uma tarefa fácil diante dos escassos fragmentos de experiências que chegam até nós, porém, prazerosa e instigante.

REPRESENTAÇÃO DA CIVILIDADE FEMININA NA BAHIA DO SÉCULO XIX: A REVOLTA DAS RECOLHIDAS DO SANTO NOME DE JESUS EM 1858

Ivani Almeida Teles Da Silva
UCSAL

Ao longo do curso de graduação em História realizado na Universidade Católica de Salvador, nas diversas disciplinas pelas quais passei várias foram as indagações sobre os acontecimentos históricos e suas problematizações. No 6º. Semestre, cursando a disciplina de História da Bahia e tendo que construir um artigo sobre uma temática ligada a nossa História local, deparei-me com os textos de Luis Henrique Dias Tavares que versava sobre o movimento de 1858 denominado Carne sem osso, farinha sem caroço. Ao me debruçar sobre a leitura desse motim, um detalhe despertou a minha atenção: a referência a uma revolta das recolhidas da Santa Casa da Misericórdia, que segundo o mesmo foi à desculpa para que esse motim fosse efetivado. Mas tarde encontraria algumas referências da Revolta das Recolhidas da Santa Casa em Matoso (1999) e Costa (2000), este último com uma maior riqueza de detalhes. Este fato histórico despertou as minhas inquietações: quem eram aquelas mulheres e por que estavam lá naquele 28 de fevereiro de 1858? Contudo o olhar viciado de um curso marcado por uma abordagem Marxista não me deu possibilidade de uma observação mais aguçada sobre este acontecimento. Ou seja, o que antes era um conjunto de indagações sem arcabouço teórico que permitisse uma sustentação, com gênero, como elemento de análise, percebi o quanto os papéis sociais, do ser homem e ser mulher são construções de um lugar, de uma ideologia, presentes em uma ação e discurso, situados em um tempo, e que muitas vezes atravessam épocas para se estabelecer em um tempo futuro: o nosso. Isto é, as recolhidas sempre estiveram lá, presentes, atuantes, revoltadas, falantes, em um espaço e tempo onde não deveriam se portar ou agir desafiadoras como foram. Mas a nossa produção histórica androgênica e sexista não poderia dar-lhes o poder da fala. Não sem uma nova abordagem teórica que viabilizasse um olhar sobre as fontes para além de interesses econômicos e políticos. É nessa perspectiva que apresento esse trabalho.

“DECAHIDAS” NA FEIRA DE SANTANA “CULTA E ADIANTADA” (1920 -1940)

Luiz Alberto da Silva Lima
MULIERIBUS/UEFS

Esta pesquisa traz a oportunidade de analisar o cotidiano feminino nas camadas populares em Feira e Santana nas décadas de 1920 a 1940, observando as relações de sociabilidades e as formas simbólicas e concretas de violências no universo das mulheres pobres. Com isso, contribui-se na desconstrução de imagens e representações pautadas em concepções sexistas, que define como natural os comportamentos masculinos e femininos, evidenciando uma suposta “essência” a partir do sexo. O conceito de gênero auxilia e dá suporte a esta pesquisa, uma vez que, este conceito é um instrumento teórico que visa o conhecimento sócio-histórico acerca da construção de saberes e poderes relacionais sobre o sexo. Essas mulheres “decahidas” aparecem-nos através dos processos criminais e jornais do período, apresentando-nos sujeitos corporificados, com nomes, endereços, subjetividades e sociabilidades. A cidade de Feira e Santana nas décadas evidenciadas será palco de um processo de reestruturação urbana, marcado por discursos progressista e modernizadores. Neste contexto os populares que habitam o centro da “urbe”

tiveram seu cotidiano alijado, sendo alvo do policiamento moral, uma vez que a Feira de Santana deveria firmar-se como uma cidade “adiantada e culta”.

INVESTIGAÇÃO DE PATERNIDADE: PARA QUÊ? E PARA QUEM?

Marinete dos Santos Silva
UENF

Trata-se de um trabalho que busca refletir sobre a investigação de paternidade possibilitada após a edição do Código Civil de 1916. Essa possibilidade investigativa era negada quando se tratava de estabelecer a filiação maternal. Tal dicotomia nos leva forçosamente a indagar sobre as motivações ideológicas, de classe e de gênero que nortearam a feitura desse novo Código. Tais motivações, queremos crer, envolvem relações políticas de classe e de gênero que permearam, sobretudo a primeira metade do século XX. As modificações desse quadro ocorreram a partir da segunda metade desse mesmo século face aos avanços bio-tecnológicos aliados à luta das mulheres.

HERDEIRAS E SENHORAS DE SEU DESTINO: MULHERES DE JUAZEIRO – 1850/1891

Mônica Sepúlveda Fonseca
UFBA

O município de Juazeiro está localizado à margem direita do Rio São Francisco e a 500 km de Salvador-Ba. Desde 1850, apresenta intensa vocação comercial, uma vez que, era parada obrigatória das boiadas e tropas de carga que cruzavam o Rio São Francisco. Dentro desse contexto de desenvolvimento econômico e social, observa-se um número considerável de inventários, testamentos, arrolamentos e partilhas amigáveis favorecendo mulheres, o que constitui objeto de pesquisa. A presente comunicação objetiva discutir, através dos documentos e em torno das relações de gênero, o perfil dessas mulheres herdeiras, o papel econômico, social e político que exerceram no município a partir do recebimento do espólio, seu nível de instrução e a influência do patriarcado e da Igreja em suas vidas.

RECLUSÃO FEMININA NA BAHIA: O ESTATUTO DOS RECOLHIMENTOS A PARTIR DO ESTUDO DO RECOLHIMENTO DO SENHOR BOM JESUS DOS PERDÕES (SÉCs. XVIII E XIX).

Patrícia Mota Sena
Faculdade de Tecnologia e Ciência

Na pesquisa sobre o Episódio dos Perdões, que deu origem à dissertação de mestrado intitulada “O Episódio dos Perdões e a Restauração Católica na Bahia (1933-1943)”, foram investigadas as origens e ressonâncias da disputa judicial desencadeada pela madre regente do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões, irmã Maria José de Senna, em resistência ao projeto de reforma do arcebispo d. Augusto Álvaro da Silva (1925-1968). A partir dessa investigação, na qual foram analisadas, entre outras, as questões estatutárias da instituição presentes no debate jurídico de ambas as partes, surgiu a necessidade de compreender melhor o lugar que os recolhimentos ocupavam na estrutura eclesiástica, nas relações sociais e na formação das mulheres desses

espaços. Para tanto, se buscará compreender o estatuto jurídico dessas casas de reclusão distinguindo-as dos conventos, tendo como referência o Recolhimento dos Perdões no contexto do seu surgimento em 1732 e nas sucessivas tentativas malogradas de sua transformação em casa de religiosas professas.

NOTAS DE UMA HISTÓRIA QUE NÃO CONTARAM: VISIBILIZANDO AS MULHERES EM MOVIMENTOS DE MORADIA EM SALVADOR DE 1940 A 1980

Renato Macedo Filho
PPGNEIM/UFBA

Esta pesquisa teve como objetivo discutir o processo de formação e desenvolvimento das “invasões” ou ocupações urbanas na cidade de Salvador, entre as décadas de 1940 e 1980, onde se destacavam ações, pouco organizadas e/ou mais ou menos espontâneas da população, em busca de moradia. A luta por moradia foi analisada como fenômeno dos movimentos sociais urbanos, com características mais estruturadas e organizadas de ação coletiva, em que se inserem diversas personagens (mulheres, negros, jovens, idosos, etc), não percebidas nas análises, já que foram “apagadas” dos seus contextos sociais, devido a grande parte da literatura, ressaltar de forma universalista, apenas a presença masculina, não refletindo sobre a diversidade e os espaços possíveis de visibilidade principalmente das mulheres enquanto atrizes políticas.

O ASILO FILHAS DE ANA – RELAÇÕES DE GÊNERO NO PROCESSO DE NORMATIZAÇÃO FEMININA.

Sidnara Anunciação Santana Souza
UEFS

O Asilo Filhas de Ana era uma instituição de caráter filantrópico, fundada em Cachoeira, município da Bahia, em 1891 pelo benemérito Sr. Antônio Carlos da Trindade Mello. Até o ano de 1905 a casa sustentou a meta de conduzir meninas órfãs ou muito pobres para a vida. Havia todo um interesse em normatizar a conduta feminina de acordo com os preceitos da moral cristã vigentes na época. Procuro relacionar o assistencialismo que permeava essa instituição aos interesses dos grupos sociais em manter moças dentro de muros que zelassem por sua castidade e pelos bons costumes. Estado, Igreja e elites foram apontados como fortes aliados nessa intenção, entendendo-se que em sua maioria contundente, tais grupos eram direcionados por homens. Homens e mulheres eram elementos de um modelo de sociedade estabelecido; produzido e reproduzido. Acredito que essas mulheres precisam ser redescobertas porque é retomando suas experiências ao nível do cotidiano, que se torna possível ouvir os ecos dos discursos e ideologias predominantes da época no que dizia respeito à distribuição dos papéis sociais e sexuais e, ao exercício do poder. Logo, estudar o cotidiano das jovens asiladas, nos seus espaços mais restritos, pode revelar, de fato, a atuação delas. Na virada do século XIX para o XX o Brasil ainda tinha muito de seu tradicionalismo. A aristocracia havia sofrido tantos revezes e novidades aconteciam, falava-se em uma certa “modernidade” amparada pelo pensamento republicano e pós-escravista. Ainda assim, muitas coisas pareciam teimar em continuar estagnadas, em especial, as que se referiam aos costumes, ao cotidiano e as relações de gênero.

ENTRE AGULHAS, LINHAS E TECIDOS: COSTUREIRAS E CHAPELISTAS NA SALVADOR OITOCENTISTA.

Silmária Brandão
PPGNEIM-UFBA

A presente comunicação tem como objetivo tecer considerações a cerca do folheto denominado História da Costura, tomando por base as relações de gênero que permeiam o mundo do trabalho. Nesta análise levamos em conta a linguagem, observando quem fala e para quem está falando, bem como as mensagens contidas nos desenhos e imagens inseridas em pouco mais de vinte páginas. O material em estudo abrange uma análise histórica a partir da aparição da agulha ainda na pré-história, seguindo pelo surgimento da moda até chegar ao que considera uma das grandes invenções em favor da humanidade: a máquina de costura. A partir do conhecimento obtido em pesquisa sobre trabalho doméstico, levantamos alguns questionamentos e procuramos relacionar os indícios constantes desta publicação com os dados obtidos a cerca de costureiras, chapelistas e alfaiates na Salvador oitocentista para avaliar o impacto do surgimento da máquina de costura na vida de mulheres comuns, que fizeram do ofício de fiar, tecer e costurar muito mais que um meio de sobrevivência, um exercício de autonomia e realização pessoal.

BRANCA, NATIVA E PROPRIETÁRIA OU NEGRA, MIGRANTE E SEM TERRA: O STATUS NAS RELAÇÕES COTIDIANAS DA VILA DE UIBAÍ, XIQUE-XIQUE, DÉCADA DE 1950.

Taiane Dantas Martins
UNEB

Esta pesquisa buscou levantar aspectos significativos do cotidiano de trabalhadoras rurais da Vila de Uibaí, atual município homônimo que à época pertencia a Xique-Xique, na década de 1950, dando ênfase a elementos associados às relações entre os sexos e suas consequências no trabalho rural através da Metodologia de História Oral e da análise documental de atestados de óbito de trabalhadores da época abordada, além de diário de classe e documentos de uma escola de adultos do período e de sua regente. Algo que chamou a atenção foram alguns elementos que, associados à perspectiva de gênero, foram fundamentais na elaboração das configurações de prestígio e participação política e social dentro da comunidade local. Estes elementos foram a propriedade, o local de nascimento e a etnia que revelaram interstícios que abrem possibilidades para uma complexa rede de cessão de privilégios e configurações dentro da sociedade sertaneja uibaiense, dificultando a vida de mulheres que se distanciavam do “modelo” e dando espaços de manobra àquelas que, apesar de serem mulheres, eram brancas, nativas e proprietárias.

SER OPERÁRIA UMA QUESTÃO DE GÊNERO E CLASSE O COTIDIANO E AS LUTAS OPERÁRIAS NA BAHIA – SALVADOR (PRIMEIRA REPÚBLICA – 1892/1919)

Vanessa Cristina Santos Matos
PPGNEIM/UFBA

O presente trabalho tem por finalidade analisar o cotidiano e as lutas operárias na Bahia a partir da implementação da vila operária, projeto habitacional popular pautado na lógica do isolamento operário/a e da eficiência produtiva. Para estabelecer uma análise mais profunda focalizamos os

nossos estudos sobre a vila da fábrica da Boa Viagem pertencente à Companhia Empório Industrial do Norte que constituía o sistema vila-fábrica. A vila operária era uma importante ferramenta de controle social e moral fundamental para entender as relações hierarquizadas de gênero a partir do lugar de classe nos primeiros tempos da República e os conflitos: tensões sociais oriundos dessa dinâmica de exploração e opressão e as greves operárias de junho (geral) e setembro (tecelãs), de 1919. A greve geral consistiu na paralisação de todos os serviços do meio social, orientando um extenso raio de ação que praticamente paralisaram a cidade, dado o envolvimento massivo das/os operárias/os e a articulação de uma ampla pauta de reivindicação (que dialogava questões mais gerais com as específicas: isonomia salarial e abolição do trabalho infantil). A greve das tecelãs/ões em setembro do mesmo ano deve ser analisada a partir do acúmulo de forças proveniente do movimento anterior (greve geral), da consolidação das entidades representativas, das particularidades conjunturais, da dinâmica política e conseqüente correlação de forças: entre os setores da elite e o operariado. Mas sem dúvida foi o caráter particular da categoria têxtil, essencialmente feminina que projetou uma identidade mesmo que subliminar de gênero, e de classe, através dos laços de apoio e solidariedade construídos ao longo da greve.

GT – INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MULHERES, MENTALIDADES E COMPORTAMENTO: A SEGREGAÇÃO FEMININA NOS BAILES SOCIAIS EM UMA CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA

Aleí dos Santos Lima
UNEB – Universidade do Estado da Bahia

Por muito tempo, alguns ideais masculinos ditaram normas e traços comportamentais para as mulheres no seio social. Deste modo, em Retirolândia, cidade situada na região do semi-árido da Bahia, tal lógica determinista possibilitou atitudes e estados considerados como primordiais ao universo feminino. Partindo dessa perspectiva, este trabalho se propõe discutir as práticas moralizantes, impostas pelo gênero masculino às mulheres da comunidade retirolandense entre as décadas de 70 a 90, do século passado. Visto que, durante esse período, a admissão das mulheres nos “bailes sociais” partia do princípio dos valores morais e dos “bons costumes”. Diante desse contexto, nota-se que as estruturas que sustentam essa exclusão resultam de uma reprodução continuada e histórica de relações de gênero e poder, que formatam estereótipos e ideologias portadoras de aspectos simbólicos de dominação masculina. Para realizar esse estudo, fez-se necessário uma metodologia pautada em diferentes fontes históricas: memórias, documentos oficiais, iconográficos e bibliográficos. Assim, é por meio do entrecruzamento dessas fontes que buscamos analisar as percepções desses acontecimentos diante de uma conjuntura de independência e autonomia feminina, em detrimento de “atitudes recatadas” e práticas de submissão a autoridade do gênero masculino na cidade de Retirolândia-Ba.

A EMANCIPAÇÃO FEMININA NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DO NORTE (FEIRA DE SANTANA) NA DÉCADA DE 1930

Aline Aguiar Cerqueira
UEFS

Em meio às discussões empreendidas na sociedade brasileira acerca da emancipação feminina, principalmente, no que se refere aos direitos civis e políticos e, em particular, a questão do sufrágio universal na década de 1930, o Jornal Folha Norte, do município de Feira de Santana, na Bahia, nos apresenta um campo de possibilidades para investigação histórica sobre tal temática. Nessa perspectiva, o propósito desse trabalho é traçar um panorama das principais notícias desse periódico feirense sobre a discussão do voto feminino, bem como sobre a emancipação da mulher, que não se restringe apenas ao contexto regional, mas também faz alusão ao contexto nacional e até internacional. A década de 1930 é o recorte temporal escolhido por ser o período em que o sufrágio feminino fora efetivado, além disso, marca-se em 1931 a fundação na Bahia da filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Esta Federação foi criada no Rio de Janeiro, pela paulista Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976) e um grupo de mulheres na década de 1920, que lutavam por direitos políticos e outras reivindicações. A filial baiana da Federação tinha como presidente a escritora feirense Edith Mendes da Gama e Abreu (1898-1982), fato que contribuía para que a imprensa local ressaltasse a sua participação no movimento feminista, colocando a cidade na vanguarda dos acontecimentos. A partir das análises do panorama dessas notícias problematizaremos aspectos relevantes da condição feminina apresentada nos discursos jornalísticos, atentando para as relações de poder que incidem nessas produções.

SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES E JOVENS VIVENDO COM HIV/AIDS

Andréia Silva Rodrigues
Michele de Carvalho Cunha
Mirian Santos Paiva
Lucineide Santos Silva
EEUFBA

As(os) adolescentes vivenciam intensas transformações psicológicas, físicas e sociais. Os soropositivos para o HIV/aids experimentam essas modificações e necessitam saber lidar com as limitações impostas. Objetivou-se conhecer como adolescentes soropositivos(os) para o HIV vivenciam a sexualidade e apreender as Representações Sociais das(os) mesmas(os) sobre “adolescência”, “adolescência e aids”, “sexualidade”, “namoro”, “sexo” e “aids”. Estudo quanti-qualitativo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais, realizado no Centro de Referência Estadual de ITS e AIDS em Salvador/BA, envolvendo 21 adolescentes e jovens que vivem com o HIV/aids. Os dados foram coletados através do Teste de Associação Livre de Palavras e da entrevista semi-estruturada, sendo submetidos à Análise Fatorial de Correspondência (AFC) e de Conteúdo Temática, respectivamente. Os resultados demonstraram que a soropositividade para o HIV não altera as representações sociais dos adolescentes sobre adolescência; mas, associadas a Aids, apontam medo de se relacionar e de ter sua soropositividade revelada, discriminação da sociedade e dificuldade em lidar com a soropositividade. Outros reforçaram a possibilidade de serem felizes e de terem ausência de alterações significativas. Considerando que a maioria dos sujeitos eram do sexo feminino (n = 14), as representações sociais sobre sexualidade, namoro e sexo guardam relação com aspectos de gênero e geracionais, já que foram representadas por palavras que remetem à visão romântica, característica de mulheres e adolescentes, tais como: “carinho”, “amor” e “beijo”. Os resultados apontam a necessidade de ponderar aspectos de gênero e geracionais nas atividades educativas que envolvem adolescentes e jovens soropositivos, de modo a reduzir suas vulnerabilidades à infecção pelo HIV.

ESCRITORAS BAIANAS NEGRAS

Antonio Marcos Pinto Coelho
UFBA

A crítica literária feminina/feminista reveste-se de características próprias fundamentadas numa consciência crítica da mulher. As questões históricas e políticas apóiam, certamente, as investigações literárias com recorte étnico e de gênero. O projeto “Escritoras Baianas Negras” vinculado ao Núcleo de Estudos da Cultura e Literatura Feminina – NECLIF tem como objeto de estudo as questões étnicas e de gênero inscritas no âmbito da crítica literária feminina/feminista no território do Estado da Bahia. A falta de uma fonte ampla e atualizada que verse sobre a literatura das mulheres negras de naturalidade baiana vem impossibilitando o estudo acadêmico e a disseminação da cultura produzida por tais escritoras, o que contribui para o silenciamento, estigma e marginalização da obra das mesmas. O objetivo do presente trabalho é pesquisar e compilar dados a respeito de escritoras baianas negras desconhecidas (não-canônicas) com suas respectivas biografias e bibliografias, visando à criação de um banco de dados que possa subsidiar futuras investigações com vistas a proporcionar uma maior clareza a respeito das conseqüências que se traduzem como desigualdades sociais e que têm origem na cultura, tornando evidente o conceito de “cultura feminina” bem como enriquecendo a bibliografia e a

fortuna crítica da obra literária feminina da escritora baiana negra. Para tanto, concentrou-se esforços na busca por nomes de escritoras com o perfil acima especificado e na catalogação de suas biobibliografias as quais se encontram em análise.

TRAÇOS FEMINISTAS NOS MOVIMENTOS DAS ARTESÃS DE MASSARANDUPIÓ

Arlete Oliveira dos Santos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Trata-se de uma primeira visualização do projeto de conclusão de curso intitulado *A produção da subjetividade de mulheres artesãs de Massarandupió*. Tal projeto em andamento, vinculado ao grupo de estudo *Literatura, cultura e gênero* da UNEB, campus II, Alagoinhas, tem como proposta analisar o processo de produção da subjetividade de mulheres artesãs do povoado Massarandupió, do município de Entre Rios, território agreste de Alagoinhas, litoral Norte. Nessa fase inicial do projeto, já é possível traduzir alguns modos de lutas dessas mulheres, bem como um incipiente histórico da formação do grupo. No mais, interessa-nos saber como esse trabalho coletivo com o artesanato tem provocado mudanças na subjetividade dessas mulheres, levando-nos a visualizar transformações em suas vivências como mulheres, ou seja, traços feministas nos movimentos das artesãs de Massarandupió.

CARACTERIZAÇÃO DO FEMINICÍDIO NO ESTADO DO CEARÁ

Fabiana Ximenes Barros
Aurycelia da Silva Costa
Maria Dolores de Brito Mota
UFC

Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar o feminicídio no Ceará com base em notícias de jornais sobre assassinatos de mulheres, no período de 2002 a 2006. O feminicídio é entendido como o assassinato de mulheres motivado por questões relacionadas à condição social da mulher, sendo um crime cometido geralmente por homens com envolvimento afetivo ou de parentesco com as vítimas, ou por desafetos de parentes seus. Mas também pode ser cometido por mulheres com envolvimento homossexual ou em triângulos amorosos. A metodologia constituiu de uma revisão bibliográfica e uma pesquisa documental em dois grandes jornais de circulação do Ceará. Foram encontradas 259 notícias que foram sistematizadas em um banco de dados e analisadas. Os dados mostram a seguinte distribuição regional dos crimes: 64% no interior, 26% em Fortaleza, 7% na Região Metropolitana e 3% que não foi mencionado o local do crime. Esses crimes ocorreram proporcionalmente tanto final de semana quanto durante a semana, na maioria das vezes dentro de casa, no turno da noite. A maior parte das vítimas e dos assassinos têm entre 15 e 30 anos. Em 94 crimes foram usados armas de fogo, 83 apresentaram o uso de faca, sendo que 13 deste foram acrescidos de outros instrumentos, 13 foram por estrangulamento, 19 utilizaram pedaços de pau, 6 foram por espancamento, em 5 usaram foice, em 4 houve uso de pedra e em mais 4 o uso de líquido inflamável. Além desses, houve crimes que tiveram como armas tijolo, martelo, machado, facão, tábua de carne, mão de pilão, barra de ferro e enxada. Os jornais noticiam os feminicídios como crimes comuns e não como consequência de valores culturais que tornam as mulheres vítimas da violência e da dominação masculina.

PROGRAMA PRÓ-EQÜIDADE DE GÊNERO: OPORTUNIDADES IGUAIS PARA TODOS E TODAS? ESTUDO DE PRÁTICAS EFETIVAS NA 1ª EDIÇÃO

Hairam Machado
Universidade de Brasília

Pretende-se o esclarecimento, a partir de informações constantes de Relatório disponibilizado no sítio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, de transformações nos eixos de incidência Cultura Organizacional e Gestão de Pessoas conseqüentes da execução de ações específicas no universo das onze empresas certificadas com o Selo Pró-Eqüidade de Gênero em 2006. O painel relacionará, também, subsídios produzidos seja por especialistas integrantes do Comitê Pró-Eqüidade de Gênero, por meio da produção de artigos científicos, seja pelas coordenações locais em cada empresa participante do Programa por meio de relatórios, informes publicitários etc. Trabalhar-se-á fundamentalmente com conceito de habitus, em Bourdieu, a fim de compreender as ações executadas, no âmbito do Programa, em sua consistência e capacidade de modificação da percepção das representações sociais resultantes da percepção das relações de gênero e/ou assegurar a permanência das conquistas advindas com a certificação das empresas com o Selo Pró-Eqüidade de Gênero bem como a possibilidade de ampliação dessas conquistas apontadas pelos indicadores elencados na metodologia de monitoramento do Programa (número de cargos gerenciais ocupados, faixas de remuneração etc). O trabalho apresentará o Programa Pró-Eqüidade de Gênero, nessa primeira edição, como política pública empreendida pelo governo federal em parceria com organismos internacionais - UNIFEM e OIT - dirigida, às mulheres, mas que esforça-se por encontrar soluções para o desenvolvimento de condições e oportunidades de trabalho efetivamente eqüânimes para mulheres e homens, contemplando a perspectiva de gênero e abarcando a diversidade como valor na elaboração de suas ações.

AUTOBIOGRAFIA, FORMAÇÃO E IDENTIDADE: DESCOBRINDO GÊNERO

Hilmara Santos
Marilene Coutrim
UNIME

Este foi um trabalho que desenvolvemos na disciplina Currículos da Educação Básica, no curso de Pedagogia, atendendo a proposta de construção do memorial descritivo individual tendo como referências os estudos de Beauvoir (1974), Cattani (2000), Ferrarotti (1998), Fagundes (2005), Nóvoa (1998) e Souza (2003) cujos estudos foram indispensáveis à construção das reflexões que fizemos e dos registros e descobertas, indubitavelmente contributivos para a formação de nossa identidade de mulher/ professora. Tivemos como objetivo refletir sobre a trajetória pessoal/profissional que percorremos ao longo dos anos até o momento acadêmico atual. A metodologia utilizada durante todo processo de construção do memorial foi o registro de forma gradual e contínua, numa abordagem qualitativa, o diálogo com os estudiosos de formação e gênero, onde retomamos a formação teórica e prática, incluindo a experiência pessoal de escolarização e de atuação profissional no magistério, com pausas respeitadas às emoções que também foram revividas de forma reflexiva quando pudemos nos perceber mulher/professora, com as impressões da sociedade que nos são impostas, a partir das ferramentas e condições sociais que nos foram oportunizadas. Ao concluirmos o memorial, nos encontramos diante de momentos históricos que experienciamos em relação ao todo que nos cercou e nos cerca, conduzindo-nos a reprodução do vivido na atualidade. Concluimos que redigir um memorial é nos oportunizar imortalizar a nossa história, reviver momentos secretos, mexer em feridas, sentimentos e

representações impregnados nas identidades construídas e reproduzidas, em especial, na formação e nas práticas docentes.

FEMINISMO EM MOVIMENTOS SOCIAIS

Johana Brígida Rocha Ribeiro Meyer
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Trata-se de uma primeira visualização do subprojeto de iniciação científica *Leitura e escrita de mulheres em movimentos sociais de Alagoinhas*, vinculado ao projeto *Literatura em movimentos de mulheres: dos movimentos de escritoras e teóricas feministas às reescritas de mulheres em movimentos sociais* e ao grupo de estudo *Literatura, cultura e gênero* da UNEB, campus II, Alagoinhas. A proposta é mapear os modos de leitura e escrita de mulheres em movimentos sociais, a fim de se perceber certas formas de recepção e produção, de usos e sentidos, da literatura nas práticas discursivas destas mulheres. Entretanto, nessa fase inicial do projeto, o nosso enfoque será mais na perspectiva de visualizar traços de feminismos nos movimentos sociais de mulheres, demarcando suas lutas, conquistas e impasses que apontem para uma outra relação destes com a universidade, e por conseguinte, uma outra percepção destes pela comunidade em geral.

CUNHÃ, MARANEYMA, ECOBÉ AÉ ECO: A ANÁLISE INSTITUCIONAL DO PROGRAMA DE RESGATE DA MEDICINA TRADICIONAL

Júlia Ribeiro Simon Cavalcanti Thomaz
Universidade de São Paulo/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Uma resolução da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, em 2004, instituiu o Programa de Resgate da Medicina Tradicional, que consiste em respeitar as tradições do povo Guarani na ocasião dos partos de mulheres da tribo em hospitais públicos. A escolha desse Programa como objeto de pesquisa deve-se ao fato dele ser uma ação afirmativa que representa o cruzamento de três categorias de análise das Ciências Sociais: a do gênero, a étnico-racial e a geracional, uma vez que nessa tribo a maioria das mulheres da à luz na idade de risco entre 13 e 16 anos. Portanto, é importante citar o que o Comitê Cedaw nos diz a respeito das múltiplas discriminações: *“certos grupos de mulheres, além de sofrerem discriminação em decorrência de serem mulheres, também podem sofrer múltiplas violações baseadas em razões como raça, etnia ou identidade religiosa, deficiência, idade, casta e outros fatores. Esta múltipla discriminação pode afetar principalmente estes grupos de mulheres em um grau diferente ou em diferentes maneiras do que afeta os homens”*. A metodologia empregada é constituída tanto de métodos quantitativos, como análises de estatísticas, quanto de investigações qualitativas, incluindo entrevistas com lideranças e parturientes indígenas e visitas aos Centros de Referência citados na Resolução. Além disso, para compor o trabalho será utilizada uma vasta bibliografia, variando desde clássicos da antropologia, como Marcel Mauss e suas noções de corpo, a teóricos contemporâneos dos Direitos Humanos, como Flávia Piovesan. O objetivo do trabalho é comprovar que programas que atuam nesse mesmo tripé são políticas públicas benéficas e de baixo custo, aplicáveis nas demais regiões do país, onde as estatísticas tanto de população indígena quanto de mortalidade materna superam as de São Paulo. Assim, espera-se constatar a violência institucional que constitui a múltipla discriminação e contribuir para a erradicação da mortalidade materna evitável, conforme estipulam as Metas de Desenvolvimento do Milênio.

A ESSENCIALIZAÇÃO DE HOMENS E MULHERES NO ÂMBITO ACADÊMICO: UM ESTUDO INTERCULTURAL

Júlia Rodrigues Lobo
Ana Paula Plantier
Mariana Porto Maracajá
Marcos Emanuel Pereira
UFBA

A essencialização das categorias naturalizáveis e entitativas foi investigada entre estudantes universitários brasileiros e espanhóis. O presente trabalho trata especificamente da essencialização da categoria social naturalizável gênero. Para submeter a hipótese a teste, foi conduzido um experimento mental de acordo com o paradigma do transplante de cérebro. Os resultados sugerem uma maior essencialização das categorias naturalizáveis em relação às categorias entitativas. No que concerne especificamente ao teste da hipótese a respeito da categoria gênero, a essencialização da mulher predominou na Espanha, enquanto no Brasil observou-se uma maior essencialização do comportamento masculino. Em ambos os países, a atribuição de causas internas foi a explicação mais frequente para essencialização do comportamento. Foi observada uma "biologização" do gênero, acarretando numa tendência à classificação de características inatas a atributos considerados masculinos ou femininos. Pode-se concluir que essencialização da mulher e do homem exerce um importante papel na manutenção dos estereótipos de gênero, contribuindo para a manutenção do sexismo e de outras formas de estereotipização das diferenças sexuais.

ESTUDO DA INTERSECCIONALIDADE ENTRE “RAÇA”, GÊNERO E SEXUALIDADE ENTRE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Layla Vitorio Peçanha
UERJ

Este trabalho busca analisar como certos estereótipos associados à raça/cor e ao gênero feminino aparecem nos discursos de mulheres lésbicas e bissexuais acerca de suas relações afetivo-sexuais. Os dados aqui apresentados advêm da pesquisa *Relations among "race", sexuality and gender in different local and national contexts*, através do trabalho de campo realizado com jovens de 18 a 24 anos na Lapa/Rio de Janeiro, e de entrevistas realizadas para o projeto, assim como, outras feitas posteriormente com militantes e não militantes, da observação participante em dois eventos da militância LBT (um voltado para mulheres de orientação homossexual ou bissexual em geral, e outro voltado para afro-descendentes). A partir desse material, é possível analisar que nem todas as mulheres lésbicas ou bissexuais pesquisadas se viam afetadas pela discriminação da mesma maneira ou de um mesmo grau. A identidade dessas mulheres e suas percepções acerca de seus privilégios ou desvantagens sociais variavam dependendo da intersecção ou combinação de uma série complexa de fatores, como cor/raça, gênero, classe social, status familiar, etnia e religião.

MULHERES ENVOLVIDAS COM O FENÔMENO DAS DROGAS NA COMUNICAÇÃO DE MASSA

Márcia Rebeca Rocha de Souza
Jeane Freitas de Oliveira
EEUFBA-GEM

O fenômeno das drogas tem se disseminado com a globalização, sendo diariamente explorado pelos meios de comunicação de massa. Este é um estudo que traz dados parciais de uma pesquisa que tem como objeto o fenômeno das drogas na comunicação de massa. Este trabalho está fundamentado na Teoria das Representações Sociais e tem o propósito de discutir como a comunicação de massa aborda o fenômeno das drogas e qual o enfoque dado às mulheres. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa cujos dados foram coletados em um jornal de grande circulação no estado da Bahia-Brasil. Foram selecionadas 49 reportagens considerando seu conteúdo, sendo que destas 19 abordam sobre o envolvimento direto ou indireto de mulheres com a temática estudada. As reportagens mostram a disseminação do envolvimento das mulheres no consumo e tráfico de drogas em vários municípios do estado e em diferentes bairros da capital; e a vinculação de mulheres a homens envolvidos com esta questão. No processo preliminar de análise, quatro categorias temáticas foram identificadas: violência, drogas como problema social, o envolvimento das mulheres com o tráfico e doping. Diferentes perfis para as vítimas diretas e indiretas do consumo e tráfico de drogas foram identificados demarcando desigualdades relacionadas, sobretudo, à classe social e raça. A abordagem adotada pela comunicação de massa reproduz estereótipos e desigualdades sociais que demarcam diferenças entre mulheres envolvidas com o fenômeno das drogas.

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES LÉSBICAS NO BRASIL: CONSTRUINDO DEBATES

Maria do Carmo Braga de Oliveira
Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez
UNEB

No cenário brasileiro, a violência contra a mulher é um grave problema de saúde pública. A maioria dos casos permanecem na esfera privada, do silêncio e da invisibilidade. A violência contra mulheres lésbicas é ainda mais agravante, visto que a sociedade brasileira é homofóbica e não há suportes sociais integrais para o atendimento às vítimas. O objeto desta pesquisa são os casos reportados nos recortes de jornais onde serão analisadas reportagens sobre violência contra mulheres lésbicas no Brasil. O objetivo é Criar um perfil das vítimas e de seus agressores. A metodologia consiste na análise dos recortes dos jornais é: "Análise do discurso" (FOUCAULT, 1970).

DIÁLOGOS ENTRE A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA

Raphaella Silva Pereira de Oliveira
UNEB

A literatura aponta que uma das principais estratégias dos movimentos feministas e de mulheres diante do fenômeno denominado violência contra as mulheres, tem sido as parcerias estabelecidas que possibilitam a construção de redes nacionais e internacionais de serviços e de solidariedade

às mulheres em situação de violência. Mas, as redes de serviços, quase sempre circunscritas aos centros urbanos, ainda não chegaram em Conceição do Coité-BA, onde as mulheres organizadas lutam há mais de 10 pela implantação de uma DEAM, uma luta que envolve diferentes sujeitos, entre eles, a Universidade do Estado da Bahia e a Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae. Focar a parceria entre essas instituições e narrar nossa experiência nessa construção, que objetiva promover o enfrentamento à violência contra as mulheres, ao mesmo tempo em que busca articulá-las para uma ação direta à reivindicação de políticas públicas de proteção à mulher, é o nosso objetivo nesse trabalho, que apresenta um pequeno recorte dos diálogos possíveis entre os movimentos sociais e a universidade. O recorte em questão evidencia o Projeto de Extensão intitulado “Consciência Coletiva: homens e mulheres combatendo à violência contra as mulheres na Região”, desenvolvido no Departamento de Educação, Campus XIV, desde 2005. Esse relato traz para o debate uma reflexão sobre nossos fazeres e quereres, reconhecendo a necessidade de novas parcerias que possam disseminar e fortalecer o pensamento feminista na região sisaleira-BA, como uma estratégia de promoção da consciência crítica de raça e gênero.

A TUTELA JURÍDICA DA PROSTITUIÇÃO

Samira Oliveira Noronha
UFBA

Essa monografia analisa os sistemas político-jurídicos que regulam a prostituição nos países ocidentais, com enfoque na situação das prostitutas. A importância desse tema é evidenciada pela completa e assumida exclusão jurídica e social dessas mulheres, párias desde os primórdios da humanidade. Para que se tenha uma visão global e profunda do problema, primeiramente, é feita uma análise histórica da prostituição e sua regulação a partir do século XIX, quando as políticas de controle dessa atividade passam a ser positivadas juridicamente, diante do seu explosivo crescimento. Então, é feita a análise dos sistemas político-jurídicos criados para tanto, todos eles aplicados ainda hoje em diferentes países ocidentais. Cinco são os sistemas analisados: proibicionismo, regulamentação, legalização, abolicionismo e novo abolicionismo sueco. Os critérios de análise foram a fundamentação do sistema, seus objetivos, os resultados esperados e alcançados, e o impacto na sociedade e na vida das prostitutas. Por fim, a situação da prostituição no Brasil é esmiuçada, tanto em seus aspectos sociais quanto jurídicos. O objetivo principal é, após a análise crítica de cada um dos sistemas, propor modificações para o sistema abolicionista brasileiro, demonstrado completamente ineficaz.

O CANTO FEMINISTA DO MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DE INHAMBUPE

Sandra Freitas de Carvalho
UNEB

Trata-se de uma primeira visualização do projeto de conclusão de curso intitulado *Movimento de mulheres trabalhadoras rurais de Inhambupe: um canto que merece ser ouvido*. Tal projeto em andamento, vinculado ao grupo de estudo *Literatura, cultura e gênero* da UNEB, campus II, Alagoinhas, tem como proposta analisar o processo de produção da subjetividade de mulheres trabalhadoras rurais do município de Inhambupe, território agreste de Alagoinhas, litoral Norte. Para cumprir tal proposta buscamos como foco de análise os vários cantos entoados pelo Movimento de Trabalhadoras rurais de Inhambupe. Com isso, procuramos observar as estratégias de lutas dessas mulheres, as conquistas, os impasses, as perspectivas e as demandas

visualizadas num âmbito local e global. Nesse sentido, esperamos dar visibilidade às formas de desconstrução do “ser” mulher criadas pelas trabalhadoras rurais de Inhambupe, ampliando a ressonância do seu canto feminista.

POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA

Silvana Correia dos Santos
UNEB

Trata-se de uma primeira visualização do subprojeto de iniciação científica *Imagens de mulheres no livro didático*, vinculado ao projeto *Literatura em movimentos de mulheres: dos movimentos de escritoras e teóricas feministas às reescritas de mulheres em movimentos sociais* e ao grupo de estudo *Literatura, cultura e gênero* da UNEB, campus II, Alagoinhas. A proposta é averiguar como são tratadas as relações de gênero em escolas da cidade de Alagoinhas, partindo da análise de imagens de mulheres nos livros de literatura, considerado um suporte didático, e de como estas são percebidas, discutidas pelos(as) professores(as) e alunos(as) em salas de aulas. Nessa fase inicial do projeto, o nosso enfoque será mais na perspectiva do espaço da sala de aula, enquanto espaço transdiscursivo, de formação de subjetividades e, portanto, de demandas e de possibilidades de uma prática pedagógica feminista.

USO DE PRESERVATIVO EM RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS GRUPAIS: DESAFIOS PARA A PREVENÇÃO DO HIV/AIDS

Tâmara Tatiane Carvalho Costa
Lucineide Santos Silva
FIB

As relações sexuais grupais se constituem em uma conduta, cada dia mais comum, entre homens que fazem sexo com homens (HSH). Objetivou-se com este estudo: 1) Conhecer a opinião de HSH sobre a utilização do preservativo em práticas homossexuais grupais e 2) verificar como o preservativo é usado entre HSH que fazem sexo grupal. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado com 30 HSH, assistidos pelo Centro de Referência Estadual de AIDS (CREAIDS) em Salvador/BA, independente da condição sorológica para o HIV e vivência de prática sexual em grupo. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, com auxílio de gravador, sendo submetidos à Análise de Conteúdo Temática. Todos os aspectos éticos foram respeitados. Os resultados foram agrupados em duas categorias de análise: “Camisinha? Ninguém usava!” e “Camisinha? Todos usaram. No sexo oral não!”. Os principais motivos alegados para o não uso do condom guardam relação com aspectos da sexualidade masculina, uso de drogas lícitas e ilícitas e a realização dessa prática sexual em “*dark rooms*” e saunas gays. Dentre os sujeitos que relataram o uso do condom, a maioria dos discursos demonstrou que ocorre a utilização de único preservativo em diversas penetrações anais, o que constitui em um desafio para a prevenção do HIV neste grupo. O estudo é relevante, pois além de desvelar um comportamento sexual de alto risco, agrega novos saberes em relação a sexualidade de homossexuais masculinos. Os resultados poderão subsidiar atividades educativas e de prevenção a AIDS condizentes com as reais demandas deste grupo populacional.

GÊNERO E (AUTO)BIOGRAFIA: CONSTRUINDO O PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

Tatiana Badaró
UNIME

Este estudo é uma iniciativa relativa à reflexão do processo de conscientização da mulher, no que se refere ao seu papel na sociedade enquanto mulher, mãe e educadora, buscando, no mínimo, a autoconscientização do real sentido da existência da mulher na sociedade, destacando os estudos de gênero, delineando o perfil de consciência da mulher contemporânea, complementado pelo conceito de educação, na perspectiva do pensamento complexo e da interdependência entre as dimensões física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica, segundo Morin (2000). A pesquisa que resultou nesta sistematização foi motivada pela constatação da extrema necessidade de transformação da condição feminina, baseando-se no princípio de que mulheres e homens são diferentes, mas devem ter direitos e oportunidade iguais na sociedade, a partir do diálogo com autores como Beauvoir (1974), Cattani (2000) e Fagundes (2005) para escrita do memorial descritivo individual. A partir dos registros do memorial constatamos, inclusive, após ter experimentado de forma direta, correta e completa, momentos históricos que experienciamos em relação ao todo em que estamos inseridas, conduzindo-nos a buscar em novas formas de pensar e agir, frente às situações de reprodução, discriminação e silenciamentos do vivido, como produto, tanto do nosso interior, quanto do nosso exterior, isto é, tanto do meio em que vivemos, quanto do meio que usamos para pensar e agir, ou seja, do sentimento, da emoção. Compreendemos que a educação é primordial para o bel viver social, que não se restringe exclusivamente a realização pessoal, e o primado pela busca de segurança, satisfação e prazeres. Assim, reviver momentos secretos, mobilizar segredos, sentimentos e representações impregnados nas identidades construídas e reproduzidas, em especial, na formação e nas práticas docentes contribui para nos sensibilizar para as questões da mulher na sociedade e sua consciência.

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DE PUÉRPERAS USUÁRIAS DE UMA MATERNIDADE PÚBLICA DE SALVADOR, BAHIA

Tatiane Oliveira Souza
Enilda Rosendo Nascimento
Quessia Paz Rodrigues
Carla Cristina Carmo Santos
UFBA

O padrão de utilização de serviços de saúde de um grupo populacional pode ser explicado por seu perfil de necessidades em saúde. As complicações gravídicas estão mais relacionadas à sua condição sócio-demográfica que a própria gravidez. Para que o acesso aos serviços de saúde seja de forma equânime é preciso observar as desigualdades sociais. O objetivo do estudo foi determinar o perfil sócio-demográfico de usuárias de uma maternidade pública de Salvador, Bahia. Trata-se de estudo com abordagem quantitativa, desenvolvido em uma instituição pública de saúde. A amostra foi constituída por 71 puérperas internadas nesta organização. Os dados foram obtidos através de entrevista estruturada. Foram identificados os seguintes dados sócio-demográficos: idade, religião estado civil, profissão/ ocupação, renda familiar, grau de instrução, número de filho, raça/cor. A classificação das pessoas por cor foi colhida através da autodeclaração. Os dados receberam tratamento estatístico sendo processados através do Excel. O estudo atendeu às especificidades éticas e legais. Observou-se que em sua maioria, as entrevistadas eram negras (93%), tinham de 18 a 29 anos de idade (67,6%), tinham renda familiar mensal de 1 a 2 salários mínimos (71,7%), eram casadas (76%), tinham 1 filho (54,9%). Em

relação às demais características, observou-se que os maiores percentuais estavam relacionados ensino médio completo (38%), ao exercício do trabalho doméstico (35,2%) e à religião católica (42%). Dessa forma, sendo a população negra a maioria das usuárias desta maternidade e apresentando-se com baixo nível socioeconômico, torna-se fundamental a implementação de políticas públicas para atender as especificidades deste grupo, promovendo assim a equidade em saúde.

A RELEVÂNCIA DO PROJETO FOMENTO AO CONSUMO SUSTENTÁVEL PARA UM GRUPO DE MULHERES DA COMUNIDADE PARQUE SANTANA (FORTALEZA-CE): UM OLHAR SOBRE SUAS PERCEPÇÕES

Tiala Cristine de Albuquerque de Moraes
Aline Maria de Castro Almeida
Cátia Regina Muniz
UFC

O trabalho aborda a experiência vivenciada com um grupo de vinte mulheres da comunidade do Parque Santana, localizada no Mondubim bairro considerado periférico de Fortaleza-CE, durante a execução do projeto Fomento ao Consumo Sustentável coordenado pela Associação Civil Alternativa Terrazul. O projeto é parte do programa Trabalho Comunitário Solidário, iniciativa da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza através da célula de economia solidária em parceria com a Associação Civil Alternativa Terrazul, a Cáritas Brasileira Regional Ceará e o Banco Palmas. O trabalho Comunitário Solidário é um programa de geração de emprego e renda, que tem como principal objetivo implementar e fortalecer empreendimentos de economia solidária, bem como, sensibilizar grupos de consumidores no intuito de fomentar o consumo consciente. A proposta apresentada busca perceber qual a importância da participação das mulheres do Parque Santana no projeto citado a partir das suas próprias percepções. A metodologia utilizada foi a realização de oficinas sobre consumo sustentável, direito do consumidor e biomapa (diagnóstico participativo da comunidade). Escolheu-se a dinâmica da linha da vida, elaborada pelo Terrazul, e as avaliações realizadas em todas as oficinas ministradas na comunidade para estudar qual o significado para estas mulheres em participar do projeto. O estudo dessas percepções tornou visível que pode existir uma relação entre estar inserida em um espaço de discussão e a abertura de caminhos para articulação entre o espaço doméstico e o espaço público.

**GT – LITERATURA E OUTRAS
LINGUAGENS**

MIRADAS FEMININAS: PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA IMPRENSA DE SALVADOR

Ana Fernanda Campos de Souza
Pós-Cultura/UFBA

O presente artigo sintetiza o projeto de pesquisa homônimo, ora desenvolvido no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA. Seu objetivo geral é contar a história dos caminhos que as mulheres percorreram ao longo do séc. XX, rumo à profissionalização na imprensa de Salvador. A escolha deste objeto se deu tanto pela nossa experiência pessoal como jornalista, quanto pela compreensão de que a atividade do jornalismo difere daquelas tradicionalmente designadas às mulheres, dadas as suas características de imprevisibilidade e exposição do profissional no espaço público. A atual "ocupação" do jornalismo pelas mulheres, portanto, poderia ser compreendida como uma síntese da mudança no status quo das mulheres ao longo do último século. O referencial teórico inclui reflexões sobre identidades culturais e estudos feministas.

PROSA AFRO-FEMININA: UMA TESSITURA DE (DES) SILENCIAMENTOS, IDENTIDADES E PRÁTICAS FEMINISTAS

Ana Rita Santiago da Silva
UFRB /UFBA

Através da literatura afro-feminina, escritoras negras baianas deixam suas marcas poéticas, pois narram suas experiências, trajetórias pessoais e visões de mundo, bem como (re) inventam suas identidades feministas e seus processos de emancipação. Neste sentido, se constitui como representações e *escritas de si*, não através de um Eu autoral, mas de um Eu ficcional. Isso lhes garante uma identidade autoral, pois sua tessitura se faz, não de forma intimista, mas em meio à memória coletiva e às discursividades, embora sua invisibilidade nos circuitos literários e de leitura. Vale ressaltar que essa escritura se delinea por se configurar como discursos ficcionais, em que se imprimem afirmações e ressignificações das africanidades e, concomitantemente, desconstruções de atributos e de pensamentos depreciativos, racistas, excludentes e sexistas. Diante disso, este texto propõe-se a compreender a prosa poética de escritoras negras baianas, através das quais ficcionalizam suas vivências e trajetórias, através de um eu-ficcional, que narra suas *memórias de si*. Essa literatura, ainda silenciada e excluída, constitui-se como invenções afirmativas e diferenciadoras de si, de suas conquistas feministas, de suas africanidades e de culturas afro-brasileiras, contrapondo-se àquelas que compõem a história da literatura brasileira, nas quais perpassam uma representação depreciativa e subalterna de negros/as, bem como uma ausência significativa de escritores/as negros/as.

MULHER MACHO SIM SENHOR! AS VARIEDADES DE CANGACEIRAS NO CINEMA BRASILEIRO

Caroline Lima Santos
UNEB

No sertão nordestino entre os fins do século XIX e 1940 homens e mulheres entraram para a história, eram os (as) cangaceiros (as). O movimento do cangaço foi tão importante para o Brasil que houve um ciclo de filmes com esse tema, películas com temáticas rurais produzidos por

cineastas urbanos, possivelmente, caracterizados por representações sociais desse movimento. A proposta do trabalho seria identificarmos as representações culturais e sociais nos filmes *Corisco* e *Dada e Baile Perfumado*, que foram atribuídas as cangaceiras no cinema de retomada. A apreciação do cinema como difusor das representações sociais, possibilita a compreensão da infra-estrutura deste meio de comunicação que, certamente, atendia às ideologias de um determinado contexto, nesse caso as concepções de mundo de uma classe dirigente, a qual se propõe difundir-se por toda a sociedade, revelando um imaginário urbano e seus vínculos a determinados grupos sociais. Pensando o momento de “renascimento” do cinema brasileiro, a partir dessa discussão poderemos verificar se houve a continuidade de estereótipos a mulher nordestina e, sobretudo as cangaceiras, em mulheres macho ou simplesmente a representação do amor no cangaço. A temática nos proporciona discutir a relação imaginário urbano sob o rural e como as relações de gênero foram embutidas nesse debate e nas produções cinematográficas brasileiras na década de 1990, nos filmes sobre Cangaço.

AS MULHERES E O DISCURSO DO IMAGINÁRIO SOBRE O BRASIL

Cassiana Gabrielli
PPGNEIM / UFBA

Considerando que vemos o que queremos/podemos ver, e não propriamente o que se apresenta às nossas percepções, nota-se que a veiculação e apropriação de signos e imagens se tornam fundamentais na dinâmica cultural atual. Assim, também a profusão de imaginários e ideologias originados de intercâmbios e interpretações de tais signos e imagens, através de diferentes culturas, é essencial nos processos culturais. A circulação do simbólico se dá através de discursos, que por sua vez se pautam no próprio imaginário e vem a se tornar referenciais. Esse é o caso dos discursos que versam sobre a face paradisíaca do Brasil. Tido como éden terreal antes mesmo de seu achamento oficial, as tentativas de ratificação desse “mito” são verificadas até os dias presentes. A proposta que aqui se expõe, visa discorrer sobre como as mulheres têm sido identificadas e representadas nesses discursos do imaginário sobre o Brasil. Diversos autores tratam da questão do imaginário que permeou a colonização brasileira, e como esse vem sendo atualizado no decorrer do tempo, sendo que é nestes discursos que busco identificar como as mulheres são retratadas.

O JOGO DO CUIDADO EM *O LUGAR ESCURO* DE HELOISA SEIXAS

Clarice Costa Pinheiro
PGL/UFSC

Sob o slogan da “política do desvelo” o feminismo retorna à discussão da maternagem, mas dessa vez não para condená-la, mas para assumir essa “função do cuidado” historicamente delegada às mulheres, como uma ação política no seio de uma redefinição da comunidade. O feminismo traz à baila a questão do desvelo, não como uma preocupação/ocupação feminina, mas como algo que é fundamental para a formação e manutenção do humano, seja isso no âmbito familiar, seja no âmbito social. Tendo como base as discussões trazidas pela política do desvelo, este trabalho se propõe a uma leitura do livro autobiográfico *O lugar escuro* da escritora e jornalista Heloisa Seixas. Nesse livro a autora narra o processo de definhamento físico e psicológico de sua mãe com um quadro de senilidade e loucura potencializado pela doença de Alzheimer. A história do livro é narrada como um jogo de presença e ausência em que o leitor passa a conhecer parte das histórias da mãe contadas pelo olhar da filha, em nenhum momento imparcial, e vai acompanhando também processo de alheamento do real em que vive essa mãe. Com essa

autobiografia podemos perceber como a prática do cuidado é capaz de modificar as relações familiares ao ponto de que o ódio sentido pela filha em relação à mãe seja convertido em carinho e ternura. Ao mesmo tempo em que a mãe em sua ausência galopante do real se sinta protegida e cuidada pela filha preterida.

AS “SWINGUEIRAS” DO PAPAI: O IMAGINÁRIO MASCULINO SOBRE A MULHER NAS LETRAS DE PAGODE BAIANO

Clebemilton Gomes do Nascimento
PPGNEIM-UFBA

A música tem sido de grande importância na conformação das representações coletivas, das identidades, das formas sociais de produzir e compartilhar significados culturais. O pagode baiano atual caracteriza-se como um produto da indústria cultural de grande alcance, principalmente entre os jovens. Para além de um estilo musical, o pagode também representa um importante espaço de socialização e espetáculo onde a temática de gênero tem se mostrado majoritária nas suas letras. As “swingueiras”, como são conhecidas as músicas de pagode entre os pagodeiros, são composições cujos enunciados ganham formas, gestos, ganham o corpo, sentidos coletivamente construídos através de performances e coreografias. O corpo feminino é onipresente no discurso masculino nessas composições que são atravessadas por questões geracionais, de classe, raça, entre outras, e repousam em formações imaginárias naturalizadas pelo discurso. Esse imaginário volta-se para o modo como as relações sociais se inscrevem na história por relações de poder. Esse trabalho busca compreender, a partir de suas condições de produção, os mecanismos de funcionamento que sustentam o poder hegemônico masculino acionado no âmbito simbólico da cultura tradicional. Para tanto, utiliza-se os procedimentos analíticos da Análise do discurso crítica e das teorias contemporâneas, especialmente as teorias feministas.

MULHER NEGRA COMO ESTEIO DE COMUNIDADE: FIGURAS DE MEMÓRIA, HISTÓRIA, ORALIDADE

Cristiane Batista da Silva Santos
UNEB

Este artigo é parte da dissertação em fase de conclusão ligada ao programa de Mestrado Multidisciplinar em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional da UNEB, cuja temática abarca identidade, festividade e cultura afro-brasileira na comunidade de Camamu, sul da Bahia entre 1960 e 1990. O artigo aqui apresentado é um recorte do capítulo que estuda as mulheres negras como esteio dessa comunidade e se inspira nos estudos da poética da memória a partir do romance da escritora afro-americana, Toni Morrison, mais especificamente em *Beloved*. Assim, através das memórias, das narrativas uma possibilidade de releitura do cotidiano destas mulheres se tornou possível.

CORISCO E DADÁ E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NORDESTINA NO CINEMA NACIONAL

Dalila Carla dos Santos
UNEB

As representações sociais constituem papel importante na sociedade, pois através destas os indivíduos se agrupam e reproduzem o discurso defendido como uma identidade. No cinema

brasileiro, a identidade nordestina é um dos temas mais estereotipados. Dentro deste contexto, o papel da mulher evidencia-se como um dos elementos mais relevantes. Com base nisto, este trabalho objetiva analisar a representação feminina presente no filme *Corisco e Dadá* (1996), abordando os diferentes papéis desempenhados pela mulher na família, na sociedade e no movimento do cangaço.

ESTUDO DA NARRAÇÃO FEMININA NO ROMANCE DIAS E DIAS, DE ANA MIRANDA

Edjande da Costa Souza Azevedo
UFBA

O presente trabalho propõe o estudo, como sugere o próprio título, do romance *Dias e Dias*, cuja autora apresenta em seus livros traços da Metaficção Historiográfica, para contar a história de poetas brasileiros como Gregório de Matos, Augusto dos Anjos e, no caso do romance objeto deste trabalho, Gonçalves Dias. Nesse romance, a voz narrativa difere daquela apresentada em *Boca do Inferno* e *A última quimera* (ambos romances de Ana Miranda que contam histórias dos poetas supracitados, respectivamente), pois a história é contada sob a ótica feminina: a de Feliciano. Desta forma, pretende-se aqui, analisar como é construída essa voz narrativa feminina, quais elementos são utilizados para essa construção. Para tanto, privilegia-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, envolvendo leituras, fichamentos e resumos do romance em estudo e dos textos teóricos pertinentes à pesquisa, a saber, acerca de gênero, discurso, biografia, autobiografia e metaficção historiográfica. Com este trabalho, até o momento, é possível refletir acerca do lugar ocupado pela mulher no romance contemporâneo da literatura brasileira enquanto narradora, e nesse caso, em especial, narradora da história de um homem. Nesse sentido, o texto aponta ainda traços não só de uma biografia, mas também da autobiografia, seja pela escolha da mulher que se apresenta como porta-voz da escritora para representar o poeta, seja pela escolha que a escritora faz do próprio autor acerca do qual é narrada a história.

AS BAIANAS, CARTÃO-POSTAL DA BAHIA: OS USOS DOS ESTEREÓTIPOS FEMININOS NA CONSTRUÇÃO DA BAIANIDADE

Elisângela Sales Encarnação
UNEB

Fortemente influenciado pelas concepções teóricas de Edward Said e Durval Muniz de Albuquerque Jr., que investigam a construção da identidade a partir de choques e problematizam a produção histórica e cultural de uma região geográfica, a partir da construção da identidade enquanto alteridade encontra-se o presente trabalho. Objetiva discutir o processo histórico de produção de um referencial imagético-discursivo sobre a Bahia e os baianos, em especial as baianas, por meio da repetição obsessiva de determinados discursos nas obras de Jorge Amado, Gilberto Freyre, Dorival Caymmi e Carybé, aproximando-se do discurso da estereotipia ao valorizar as semelhanças superficiais. A imagem da mulher baiana será capital para a construção da identidade da Bahia. Postula-se nesse trabalho que as identidades da Bahia e das baianas serão construídas atreladas uma a outra. As imagens das mulheres baianas seja a Baiana do Acarajé, com sua tradição e religiosidade, sejam, as morenas e mulatas (as tietas, gabrielas, donas Flor...) representam *a beleza, o dengo e a sensualidade da Bahia*. A mulher baiana torna-se, então, o cartão-postal da cidade da Bahia, esta *cidade morena, quente, voluptuosa, cheirosa como suas mulheres*. Sabemos que a imagem de Bahia mestiça e sensual serviu ao projeto turístico do estado, e atrelado ao turismo de passeio tivemos o surgimento do turismo sexual que objetiva *experimentar todos os sabores da Bahia*, reafirmando e atualizando a famosa crença no vigor

sexual exacerbado dos negros, perpetuando a exploração/submissão sexual das mulheres negras e o racismo.

DE "ROSA" AO RAP "SÓ AS CACHORRAS" ONDE ANDAM EMÍLIAS E AMÉLIAS? MOVIMENTOS DE MULHERES E MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Elza Dely Veloso Macedo
UFF

O trabalho assinala marcos históricos dos movimentos de mulheres no Brasil no século XX, associando-os aos movimentos sócio-político-culturais de seus mais significativos períodos, com destaque para composições do cancioneiro popular que, de alguma forma, exemplificam a representação simbólica e o papel social atribuído às mulheres em cada um deles. Partindo da periodização : primeiras décadas do século (até 1940), redemocratização e anos dourados(1945/1964), o período de exceção e os anos de chumbo(1964/1980), a anistia e a abertura(a partir dos anos 80),propõe-se uma caracterização do tempo histórico, do estágio correspondente das lutas feministas,da identificação das representações femininas preponderantes em cada um dos períodos e uma seleção de canções que expressam tais representações. De "Rosa" ao "Só as cachorras" analisa ainda a auto-representação de algumas mulheres e sua própria identificação ou não com as canções que supostamente as retratam.

PARA AS “ESPOSAS E MÃES DO FUTURO NESTE MEU BRASIL”: REPRESENTAÇÕES SOBRE O FEMININO NA REVISTA FON-FON (1920-1924)

Fabiana Francisca Macena
Universidade de Brasília

Do mesmo modo que ocorreram, no início do século XX, reformas urbanas no Rio de Janeiro para que a capital do país evidenciasse aquilo que as elites políticas consideravam como progresso e civilização, os comportamentos de homens e mulheres receberam especial atenção, pois deveriam ser condizentes com o novo momento do país. Para estas últimas, a vigilância fora redobrada, uma vez que o avanço dos movimentos feministas e de suas reivindicações, aliados a novos hábitos que se refletiam no modo de vestir, nos gestos e nos gostos femininos causaram espanto e estimularam intensos debates entre os mais diversos setores da sociedade. Este trabalho tem por finalidade discutir os debates que se desenvolveram a este respeito na revista carioca *Fon-Fon*, durante os primeiros anos da década de 1920, além de algumas das representações sobre a experiência da modernidade e sobre o feminino, publicadas neste periódico. Nesse sentido, procuraremos evidenciar a estreita articulação entre ambos e como tal mecanismo fora elaborado a fim de salientar que ao afetar os comportamentos femininos, a modernidade gerava a deterioração dos costumes, dos valores e das atitudes consideradas ideais para as mesmas. Além disso, tal publicação nos fornece indícios sobre os comportamentos considerados aceitáveis e que deveriam servir de padrão para as suas leitoras, ao mesmo tempo em que evidencia as tensões que marcaram a remodelação dos papéis considerados pertinentes ao feminino.

A MULHER NEGRA SOB A ÓTICA DE ESCRITORAS AFRO-BRASILEIRAS

Francineide Santos Palmeira
UFBA

Este texto integra as reflexões do projeto de dissertação de mestrado intitulado Vozes Femininas nos *Cadernos Negros*. A literatura brasileira, desde sua formação até a contemporaneidade, tem apresentado a mulher negra a partir de discursos demarcados negativamente. As obras de autores como Gregório de Matos, José de Alencar e Xavier Marques exemplificam essa assertiva. Nos textos desses autores, a mulher negra, freqüentemente, figura em imagens nas quais são construídas como um corpo-objeto e/ou relacionadas a um passado de escravidão. Entretanto, esse discurso literário estereotipado é questionado e rasurado por uma produção literária da autoria de mulheres negras. As mulheres negras deixam, então, de ser objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita literária. Como exemplos dessas escritoras negras destacamos: Maria Firmina dos Reis, primeira romancista abolicionista brasileira, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Celinha, Roseli Nascimento, Ana Cruz, Mãe Beata de Iemanjá, Conceição Evaristo dentre outras. Contudo, apesar de existir um número considerável de escritoras negras, há uma ausência ou, pelo menos, uma escassez de estudos acerca da representação literária do sujeito feminino negro a partir da ótica de escritoras negras. Perceber o modo como às produções das escritoras dos *Cadernos Negros* dialogam com as representações literárias a respeito da mulher negra difundidos pela literatura brasileira em geral, constitui-se em objeto de reflexão desse texto.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM “IDEAL” DA MULHER NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA

Helena Miranda dos Santos

Esta comunicação trata de algumas discussões suscitadas na minha Dissertação “Corpos Perfeitos: o ‘ideal’ de beleza das mulheres construído na contemporaneidade”. A intenção é mostrar como os modelos de beleza, na contemporaneidade, surgem atendendo aos interesses da sociedade de consumo, da indústria da beleza, que, com o apoio dos diversos veículos midiáticos, disseminam um “ideal” de beleza como único, subjugando todas as mulheres de diferentes etnias e idades e interferindo em sua auto-estima. Desse modo, o modelo de beleza se expande no intento de alcançar um grande número de “adeptas” que se lançam numa corrida desenfreada por produtos/equipamentos de beleza e cirurgias estéticas para moldarem o seu corpo, acreditando que se tornarão tão belas como as profissionais da mídia. Todavia, parecem não estar conscientizadas de que a imagem de beleza na qual elas se baseiam nas fotografias dessas profissionais (modelos e atrizes) é “fantasmática” e virtual dada a quantidade de recursos utilizados para transformação de imagens, principalmente através dos *photoshops*.

UM FILME UMA HISTÓRIA – QUANTAS VIRGINAS?

Iracilda Pimentel Carvalho
FE /UNB

A articulação deste trabalho se deu através da análise do filme *Virgina* dirigido por Srdjan Karanovic, cuja temática básica do filme em pauta é o papel social dos gêneros. O pano de fundo é uma sociedade rural do século passado na antiga Jugoslávia na atual Sérvia. Um pai de família tendo gerado três filhas, ao nascer a quarta primeiramente pensa em sacrificá-la, depois resolve poupá-

la, mas criará como homem. VIRGINA é o nome dado a essas criaturas despojadas de seu aspecto feminino para assumirem um papel masculino. A trama se desenvolverá a partir daí. As anotações que se seguem a esta introdução, traduzem algumas reflexões sugeridas pelo filme *Virgina*, aqui abordado, não como uma obra de arte, porém como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas, mas também, como ela é subjetivamente absorvida por cada pessoa a que se dirige, ou seja, o modo pelo qual o gênero como representação e auto-representação é um produto de diferentes tecnologias sociais. Dentro dos limites deste trabalho, na impossibilidade de uma abordagem mais verticalizada, optei por cenas (tomadas) propositalmente não seqüenciais de cujo conjunto e desdobramento resultaram em tal corpus: **Quotidiano**; **A construção de Virgina**; **Instituições**; e **Perspectivas simbólicas**; assim organizado para o encaminhamento de algumas análises quanto aos sentidos possíveis.

MULHERES EM SÉRIES VI: AS NOVAS POLICIAIS DO SÉCULO XXI; UM OLHAR SOBRE AS SÉRIES TELEVISIVAS *LIFE, THE CLOSER, IN PLAIN SIGHT, THE WOMEN'S MURDER CLUB* E OUTRAS.

Ivia Alves
NEIM/ UFBA

O que estas séries têm em comum? Elas iniciaram sua produção e veiculação na televisão após o ano de 2000, porém elas se diferenciam daquelas veiculadas nos anos noventa. Tendo como personagens principais mulheres que são profissionais e que estão no ambiente público, há uma mudança na sua representação, provavelmente devido ao contexto cultural da nova época (fundamentalismos, globalização, consumismos, mídia, entre outras transformações sócio-político-culturais). Tais “protagonistas” parecem “herdar qualidades de suas avós”, configurando um grupo diversificado, mas também homogeneizado, porém ideologicamente, muito diferentes das personagens das séries dos anos oitenta e noventa. Esta comunicação preocupa-se em analisar os elementos de retrocesso (backlash) que estão apresentados nas representações dessas mulheres. Como na televisão, a via é de mão dupla, estaria, assim, sendo representada (“espelhamento”) essa nova geração de profissionais ou seriam as séries uma forma de convencer o público feminino dessa nova visão de mundo?

DE QUEM É A MÃO QUE NOS ESCREVE? TRÂNSITOS FEMINISTAS NA LITERATURA E NO MOVIMENTO DE TRABALHADORAS RURAIS DO TERRITÓRIO DO SISAL

Jailma dos Santos Pedreira Moreira
UNEB

Trata-se de uma discussão sobre o processo de subjetivação no conto *A mulher sem identidade* de Cynthia Dorneles e no livro *Mulher no espelho* de Helena Parente Cunha, bem como no Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do território do sisal, Nordeste da Bahia. Nessa linha comparativa, se *A mulher sem identidade* de Cynthia Dorneles se configura em uma mulher sem rumo, sem saber como gerir seu destino, na textualidade do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais percebemos a falta literal da identidade para tais mulheres. Ou seja, estas são, ainda em alguns lugares, mulheres sem existência enquanto sujeitos de direitos, visto que não dispõem dos documentos legais de identificação, como carteira de identidade, e lutam

também pelo seu reconhecimento enquanto trabalhadoras. Entretanto, é com o texto *Mulher no espelho* que melhor aprofundamos a reflexão sobre a relação do si consigo. Neste, Helena Parente cunha nos instiga a perguntar pela mão que nos escreve, a tomar as rédeas da nossa escrita, prática discursiva das mulheres rurais que se assumem trabalhadoras, também produtoras em um contexto de globalização patriarcal capitalista que apenas as visualiza, de forma desvalorizada, somente como reprodutoras. Por fim, tais reescritas, as das mulheres escritoras e as das mulheres dos movimentos sociais aqui tratados, ainda nos levam a questionar uma noção de representação, enquanto cópia, na linguagem, no espelho cultural patriarcal e a perceber o sujeito/texto em movimento, em transformação, em trânsitos feministas.

REPENSANDO AS PRISÕES DE GÊNERO A PARTIR DE UMA “VISITA ÍNTIMA”: DO ENREDO FÍLMICO PARA A VIDA.

Jesana Pereira Batista
Márcia Santana Tavares
Universidade Tiradentes – SE

Este artigo explora uma atividade pedagógica desenvolvida com alunas da disciplina Seminários Temáticos I do Curso de Serviço Social da Universidade Tiradentes – SE, em que a exibição do curta metragem “*Visita Íntima*” é utilizada como recurso para compreensão das construções subjetivas das alunas acerca do ser homem/ser mulher, bem como a naturalização dos papéis sexuais e sociais atribuídos culturalmente a homens e mulheres. Consta-se que, embora os argumentos apresentados pelas alunas demonstrem entendimento acerca das discussões feitas em sala de aula, elas findam por reproduzir os modelos arquetípicos duais, principalmente porque, condicionadas pelo *ethos* do amor romântico, demonstram empatia com as personagens do filme – mulheres de presidiários – e, defendem que a mulher deve perdoar e cuidar, continuar carinhosa e fiel ao “grande amor da sua vida”. Consta-se que as alunas (ainda) “vivem presas sem correntes” aos atributos e papéis de gênero designados à mulher, o que demonstra a necessidade de intensificar o debate sobre o gênero na academia, principalmente em cursos como o de Serviço Social, que se caracteriza como um espaço gendrado, cujo corpo docente e discente é majoritariamente feminino, que tem como usuários de seus serviços principalmente mulheres.

MULHER, IDENTIDADE E DISCURSO: A (DES)CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA PROSA DE HELENA PARENTE CUNHA

Léa Costa Santana Dias
UNEB

Na Contemporaneidade, quando as identidades assumem-se fragmentadas, plurais, num constante devir, um outro conceito entra em cena – o de invenção. Assim, fala-se em invenção do Nordeste, invenção do Ocidente, invenção da nação etc. Inserida nesse contexto, Helena Parente Cunha apresenta em seus romances a noção de gênero enquanto invenção / construção discursiva do mundo falocêntrico e patriarcal, que tem como objetivo primeiro firmar a separação de homens e mulheres em torno de papéis sociais que devem exercer e/ou obedecer. Sua prosa se faz, então, um espaço por excelência para o questionamento dos interditos sociais impostos à mulher e das muitas facilidades e possibilidades concedidas ao homem. Por sua vez, ao propor tal enfrentamento, a autora desestabiliza as oposições binárias como um todo, desinvestindo de positividade o sujeito coeso, centrado e masculino, responsável pelo deslocamento para as margens dos sujeitos tidos como inferiores e, portanto, destituídos de representatividade política,

social e simbólica, como a mulher, o negro, o homossexual, o nativo e estrangeiro. Assim, são convocadas à ação não apenas mulheres, mas também outras vozes igualmente silenciadas. Essa, sem dúvida, uma das maiores contribuições de Helena Parente Cunha para os estudos literários.

MULHERES EM CONFLITO NOS CONTOS DE HELENA PARENTE CUNHA

Lílian Almeida de Oliveira Lima
UNEB

Entre os vários temas presentes nos contos de Helena Parente Cunha destaca-se a representação do universo feminino. Os contos analisados (*A carta, Diferença de idade, Inesperada Primavera e Resposta*) põem em evidência mulheres que se encontram entre a subversão da ordem falocêntrica e a submissão a ela. O conflito encontra-se instaurado nas próprias protagonistas, ou na voz problematizadora da narradora. Com um suporte teórico que discute as relações de gênero, pretende-se evidenciar os motivos que levam as personagens a estarem entre a segurança dos valores instituídos por uma sociedade de base patriarcal e a possibilidade de romper com as estruturas que os sustentam.

O CONTO *DARLING* OU DO AMOR EM COPACABANA : UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

Lilian Santana da Silva
PPGNEIM – UFBA

Este estudo analisa o conto *Darling* ou do amor em Copacabana de Sônia Coutinho sob a perspectiva da Teoria Feminista. O objetivo é perceber como o corpo feminino da personagem contém e promove certas representações de gênero. Para tanto, discute-se conceitos como o sistema sexo-gênero, identidade, representação e ideologia. Os pressupostos teóricos da Epistemologia Feminista, da Filosofia e da Teoria Literária ajudam a mapear a passagem da sociabilidade à subjetividade, dos sistemas simbólicos à percepção individual, ou de representações culturais à auto-representação, para visualizar a construção de um corpo feminino (en)gendrado. Observa-se que a personagem através da experiência, numa relação específica com a sua sexualidade, constrói a representação de um sujeito feminino. Esta análise permite explicitar como mecanismos ideológicos e hegemônicos trabalham na constituição de um discurso narrativo sobre o corpo da mulher.

MIRADAS FEMININAS: MULHERES EM TRANSE

Linda Oliveira Rubim
Pós-Cultura/UFBA

Reconhecido como um ícone da cultura brasileira, *Terra em Transe*, de Glauber Rocha inspirou incontáveis estudos ao longo dos seus recém-completados 40 anos, quando demonstra não ter esgotado sua carreira, enquanto inaugurador de linguagens e conteúdos críticos para o campo audiovisual. O trabalho que ora apresento bebe nessa fonte inspiradora, quando propõe analisar a representação de duas personagens femininas desse lendário filme: Sara e Silvia, o duplo de representação feminina, interpretadas por Glaucia Rocha e Danusa Leão, respectivamente, parceiras e interlocutoras do poeta Paulo Martins (Jardel Filho) no seu doloroso conflito entre a

poesia e a política. O trabalho lança um olhar retrospectivo para os anos sessenta, quando o mundo vivia os “transes” que em boa parte resultaram na configuração das nossas sociedades atuais. Assim, busca resgatar o tempo que gestou Glauber Rocha e as suas “criaturas femininas”, habitantes dos sonhos do cinema. Para isso, toma como aportes teóricos, a História Cultural, os Estudos de Gênero e a psicanálise.

UMA LEITURA FEMINISTA DAS PERSONAGENS DOS SERIADOS DE TV DOS ANOS 70

Lúcia Tavares Leiro
UNEB

As discussões acerca da linguagem na contemporaneidade englobam os estudos das mídias, já que entendemos que as identidades se constroem através e nas linguagens e que a mídia ocupa lugar de destaque na vida das pessoas. Considerando que a linguagem é produzida em condições históricas e situacionais específicas e que o discurso veicula o lugar ideológico de sua produção, é que entendo a análise dos discursos midiáticos sobre a mulher objeto fundamental para compreendermos o contra-ataque do patriarcado e as ambigüidades e confusões intencionalmente projetadas para escamotear a onda de refluxo de ataque às mulheres. No Brasil, durante os anos 70, os seriados ocuparam as programações das tevês em dois turnos e muitos traziam mulheres como protagonistas: *As Panteras*, *Police Woman*, *Mary Tyler Moore*, *Poderosa Ísis*, *Mulher Biônica*, *Mulher Maravilha*, *Jeannie é um gênio*, *A Feiticeira*, *Júlia* e *A Noviça Rebelde*. A comunicação a ser apresentada discutirá a construção das personagens- mulheres nesses seriados sob uma perspectiva feminista, já que busca expor o olhar masculino (“male gaze”), além de identificar nas narrativas os elementos conservadores da mística feminina. Para tal serão utilizadas as categorias da Análise de Discurso para mostrar como um grupo social hegemônico de olhar masculino utiliza a linguagem para a manutenção do seu poder.

PERIODISMO E IMPRENSA: A ESCRITURA FEMININA NA BAHIA

Márcia Maria Barreiros Leite
UEFS - MULIERIBUS

O estudo analisa a produção, a publicação e, em certa medida, a circulação de escritos femininos na Bahia, no contexto de transição do Império a República. Durante muito tempo a produção intelectual das mulheres foi silenciada pela historiografia. Contudo, em Salvador, algumas escritoras, já no século XIX, se inscreveram no campo das letras e das artes, até então, domínio exclusivo dos homens. As experiências desses sujeitos nos espaços institucionais dos jornais e revistas revelam contradições inerentes a produção da escritura feminina e apontam para as dificuldades vivenciadas por aquelas que procuravam expressar as suas sensibilidades. Neste período, em certos momentos, conviviam práticas culturais que matizavam o longo processo de constituição da escritura feminina. Ao mesmo tempo em que optavam pelo anonimato e a negação da autoria, algumas mulheres buscavam assinar os textos. Esta última atitude revelava a “ousadia” de jovens e senhoras num ambiente hostil marcado por restrições culturais. Definitivamente nada podia associá-las ao mundo da literatura, atividade considerada inadequada para o *bello sexo*. Além da exclusão do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas ainda à autoridade/autoria masculina. Neste sentido, o trabalho discute as possibilidades de inserção da mulher no espaço público, através do exercício da escrita, bem como a dinâmica das relações

entre os gêneros do período. Foram priorizados enquanto documentos históricos os textos produzidos pelas mulheres no contexto abordado.

MIRADAS FEMININAS: MULHERES NO MURO: GRAFITES E GRAFITEIRAS EM SALVADOR

Margarida Morena Strauch de Souza
Pós-Cultura/UFBA

Este artigo pretende apresentar a pesquisa que vem sendo desenvolvido no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA. Esta pesquisa tem como objetivo investigar a participação das mulheres grafiteiras nos espaços públicos, tomando como parâmetro a cidade de Salvador. Duas razões especiais motivam o desenvolvimento desta pesquisa. A primeira razão que justifica o estudo proposto corresponde ao fato de que, apesar da variedade e importância dos estudos já disponíveis sobre a prática do grafite, praticamente não há reflexões que se debrucem sobre este tema a partir dos estudos de gênero. A segunda das razões diz respeito especificamente ao universo estético-artístico e sócio-cultural em que se insere a prática do grafite enquanto uma linguagem da arte contemporânea presente no ambiente urbano das cidades.

INÊS SABINO NAS PÁGINAS DA IMPRENSA FEMININA BRASILEIRA E PORTUGUESA

Maria da Conceição Pinheiro Araújo
CEFET-BA/ PUCRS

A comunicação apresentará o resultado da minha pesquisa de doutorado feita em periódicos brasileiros e portugueses em torno do resgate da obra jornalística da escritora baiana Inês Sabino Pinho Maia (1853-1911), na chamada Imprensa Feminina. Os periódicos, fundados e dirigidos por mulheres no século XIX, estão completamente esquecidos e o acesso a eles é muito difícil, porque muito deles se encontram em estado de completa deterioração. Ou ainda não é possível encontrá-los em bibliotecas públicas. Há também outro problema: a historiografia tradicional considerou que não eram importantes e não se ocupou de estudá-los. Como exemplo, temos o precioso estudo de Nelson Werneck Sodré sobre a história da imprensa no Brasil, no qual faz apenas uma referência ao periódico carioca *Jornal das Senhoras*, na p.186, e ao rio-grandense *Corimbo*, na p. 230. Inês Sabino foi uma das escritoras brasileiras que mais publicou na imprensa do século XIX no Brasil: Alagoas: *A União Acadêmica*; Bahia: *Diário da Bahia*; Pernambuco: *Revista da Sociedade Ave Libertas* e *O Lyrio*; Rio Grande do Sul: *Corimbo* e *Escrínio*; Rio de Janeiro: *Almanaque Brasileiro Garnier*, *Echo das Damas*, *A Estação*, *Jornal do Brasil*, *A Semana*, *O Tempo*; São Paulo: *A Mensageira*. Fundou, juntamente com Josefina Álvares de Azevedo, o Jornal *A Família* (RJ). Em Portugal, Inês publica textos no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e no *Almanach das Senhoras*.

GÊNERO E PODER: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DAS VIVANDEIRAS NA MÍDIA IMPRESSA

Maria Meire de Carvalho
UEG/ CONEM/NIGEFE

Na perspectiva de apreender os sentidos e significados dados às representações das mulheres que atuaram nos espaços bélicos busco evidenciar alguns discursos enunciados pela mídia impressa com o intuito de revelar a operacionalidade da produção/reprodução do sistema sexo/gênero. As mulheres que atuaram nos campos de guerra e guerrilhas foram representadas por *vivandeiras*, termo polissêmico, carregado de sentidos pejorativos. Silenciadas pela historiografia e pela mídia impressa do século XIX e meados do século XX, as *vivandeiras* reaparecem nos discursos políticos da década de 1960 – no contexto do regime militar no Brasil. Atualmente, a utilização do termo foi recurso retórico utilizado por políticos e jornalistas para atacar, criticar e desclassificar alguns civis e militares. Nesses discursos investiu-se nas representações das imagens de *vivandeiras* acenando para o perigo dessas mulheres como desestabilizadoras da ordem, aquelas que estão “fora do seu lugar”, mulheres classificadas como namoradeiras, sedutoras, oportunistas, intrigantes e interesseiras. Tal estratégia discursiva aponta para o funcionamento do poder, para o modo como as relações de gênero operam no mundo social. Trata-se, portanto, de uma discussão que infere para o *dispositivo da sexualidade* para o *dispositivo amoroso*, como também para o uso da *política do silenciamento*, sistemas que neutralizam a atuação das mulheres enquanto combatentes de guerra e guerrilhas.

CORPO: ESTUDOS EXPLORATÓRIOS

Nancy Rita Ferreira Vieira
Universidade Católica do Salvador

A partir do estudo do filme *O livro de cabeceira* de Peter Greenaway, o trabalho se propõe a analisar as relações entre a escrita, o corpo e o corpo da escrita, a partir dos estudos contemporâneos de gênero.

NOITE ILUSTRADA E BABADO: HOMOSSEXUALIDADE E GÊNERO NA MÍDIA IMPRESSA.

Paulo Sérgio Rodrigues de Paula
UFSC
José Sterza Justo
UNESP

Os discursos produzidos pelos meios de comunicação contribuem significativamente para uma representação da homossexualidade. Partindo desse pré-suposto, este trabalho teve como objetivo a análise dos discursos produzidos os periódicos Babado e Coluna Noite Ilustrada da Folha de São Paulo, buscando verificar como os mesmos atuam na construção e representação da homossexualidade a partir da perspectiva de gênero. Tais periódicos foram escolhidos por serem meios equivalentes e distintos entre si, ou seja, um jornal de grande circulação que possui uma coluna com abordagem direcionada ao público homossexual e outro um jornal feito por e para homossexuais. Concluímos que os discursos produzidos pelo Babado representam o homossexual de forma estenotipada e fútil, enquanto que a Folha de São Paulo faz uma representação mais próxima do real contribuindo para a inibição de preconceitos, uma vez que seu discurso GLS

(gays, lésbicas e simpatizantes) permite que as pessoas sejam tratadas como normais e iguais, apesar das diferenças.

MIRADAS FEMININAS: O MUNDO DE ANTONIA

Priscila Lima
FACOM/ UFBA

Este artigo pretende analisar a construção das personagens femininas no seriado Antonia da Rede Globo de Televisão, e como estas se relacionam com os estereótipos das mulheres negras e pobres presentes nas produções televisivas anteriores à série, que se constitui como um marco histórico para a representação desta parcela da população, que vem ganhando destaque econômico e social. Exibida nos anos de 2006 e 2007, a produção mostra a vida de quatro mulheres jovens residentes no bairro da Brasilândia, situado na periferia paulistana. Negras, pobres e sem grau escolaridade definida as amigas Preta, Barbarah, Lena e Maya enfrentam situações de preconceito, discriminação, violência e objetização do corpo. O que as une é o sonho de poder viver de música, do trabalho, mesmo que para isso algumas vezes sua moral, dignidade e princípios sejam postos à prova. O referencial teórico deste trabalho são os estudos de gênero, representação e identidade.

MIRADAS FEMININAS: A PRESIDENTE DO LA NACIÓN

Renata Inah De Almeida Vidal
FACOM/ UFBA

Este artigo é parte das atividades do Miradas Femininas grupo de pesquisa, vinculado ao CULT, Centro multidisciplinar de estudos da Cultura da Universidade Federal da Bahia. Seu objetivo é analisar como a versão on-line do jornal argentino La Nación divulga a presidente Cristina Kirchner, pretendendo responder à questão: A administração de Cristina Kirchner na Argentina é tratada pelo La Nación como um governo independente ou como uma continuação do governo anterior de Néstor Kirchner? Me interessa saber, sobretudo, se há uma preocupação da imprensa em estabelecer diferenças entre a nova administração e a anterior, liderada por Kirchner, marido da presidente, se ambos os governos são pressupostamente tomados como projetos únicos, se existem singularidades entre as duas propostas que permitam estabelecer zonas de fronteiras nessa relação de gêneros ou se a percepção da imprensa, como a recorrente prática patriarcal, é de que o Governo de Cristina Kirchner, está completamente subsumido às práticas do seu consorte. A análise será baseada nos artigos publicados no site lanacion.com, em sua editoria de política, durante a semana de 22 a 29 de setembro e terá como aporte teórico os estudos de Gênero e da comunicação.

CORPOS EM EVIDÊNCIA: IMAGENS DE MULHERES NAS PROPAGANDAS DE CERVEJA

Sabrina Uzêda da Cruz
PPG-NEIM/UFBA

Este artigo é resultado da minha dissertação no Programa de Pós Graduação do Núcleo de Pesquisas Interdisciplinares sobre as mulheres – PPGNEIM. Em toda a minha vida acadêmica o meu interesse de estudo sempre esteve voltado para a discussão das relações de gênero e poder

e sobre as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade contemporânea. Neste artigo, volto-me para a investigação e análise das imagens e representações sobre as mulheres veiculadas pela mídia televisiva, particularmente no que se refere aos usos do corpo feminino nas propagandas de cerveja. Num plano mais amplo, este estudo se insere na temática da *violência simbólica de gênero*. Por violência simbólica de gênero, entende-se aqui “(...) toda e qualquer forma de ameaça e ou constrangimento físico ou moral, que tenha por base a organização social dos sexos, e que impetrado contra determinados indivíduos, explicita ou implicitamente, devido a sua condição de sexo ou orientação sexual” (SARDENBERG, 1998, p.01). A violência simbólica de gênero diz respeito aos constrangimentos morais impostos por representações sociais de gênero, ou seja, no que tange à construção do masculino e feminino. A mulher (e por extensão o seu corpo - assim fragmentados) está presente nas propagandas para ser “consumida” assim como a cerveja. A partir de um olhar antropológico feminista percebo que as práticas discursivas dominantes veiculadas pela mídia reiteram valores dominantes e tradicionais sobre as mulheres, constituindo uma forma de violência simbólica de gênero dentro da sociedade contemporânea.

IMPRENSA FEMININA NA BAHIA – 1860-1917

Simone Ramos Marinho
UFBA

A permissão do príncipe regente para a instalação da imprensa na colônia permitiu não só uma maior circulação de idéias, como também uma modificação dos costumes e mentalidades, uma vez que proporcionava oportunidades para as mulheres no campo da escrita e da leitura. O periodismo, embrionariamente ligado aos eventos políticos e associados aos homens, cedeu espaço às manifestações culturais vividas por ambos os sexos. Neste artigo, procurar-se-á articular a imprensa às práticas culturais e materiais, a todo o complexo social que sustenta e dá sentido a este processo, de maneira a constituir um panorama histórico e discutir as relações de gênero da sociedade deste período. Teremos como referencial os jornais dedicados às mulheres baianas da segunda metade do século XIX e primeira década do século XX. Pretende-se discutir a importância do público feminino para o desenvolvimento da literatura, bem como da própria imprensa e, ao mesmo tempo, para a inclusão das mulheres no mundo das letras. Da mesma forma, busca-se refletir acerca das imagens femininas difundidas por estes periódicos. Ao analisar esta imprensa percebemos como ela foi marcada por ambigüidades. Confrontavam-se dois “modelos” de identidade feminina a ser seguido. Neste contexto, a mulher ora atuava como escritora dos jornais, dando os primeiros passos para sua emancipação, ora era ela mesma alvo de um processo de ordenação e controle da sociedade. Fato que revela a tensão entre os gêneros.

VOZES-MULHERES: DISSIDÊNCIA POLÍTICA E LEGADO MATRILINEAR NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Tatiana Sena
ILUFBA

A pesquisa analisa como a escritora mineira Conceição Evaristo reconstrói, em sua obra poética, o local de subalternidade ocupado pelas mulheres negras na sociedade brasileira, a fim de visibilizar o protagonismo das mulheres negras na formação do país. Elegendo como ponto de vista dissidente o local social do sujeito feminino negro, a autora opera uma releitura crítica da memória da escravidão, explicitando as estratégias de resistência das mulheres negras à história de objetivação e subalternização imposta pelo escravismo colonial.

GT – POLÍTICA E FEMINISMO

MULHERES NA POLÍTICA: SOCIABILIDADES E EXERCÍCIO DO PODER

Anna Christina Freire Barbosa
UNEB/FACAPE

O espaço de inclusão social das mulheres nos mecanismos de poder, bem como a sua efetiva participação na atuação política, tem se apresentado como um tema de grande relevância para a compreensão dos limites e possibilidades da igualdade de gêneros. Deste modo, o entendimento dos usos admitidos como relevantes para a inserção e permanência no contexto das negociações nas esferas de poder pode permitir uma melhor visibilidade dos requisitos validados pelos atores sociais. Visando a elucidar aspectos desse contexto, o presente trabalho analisa a produção das relações sociais no campo da política e suas implicações, especificamente quanto à questão de gênero, observadas as características de conformidade entre as práticas discursivas e as lógicas estruturais de poder. Busca-se com isso identificar elementos recorrentes atribuídos ao desenvolvimento de condutas propiciadoras da participação das mulheres nos mecanismos de poder estatal. Através da utilização do método etnográfico, aborda traços do habitus, das práticas e usos, de mulheres atuantes na esfera do poder legislativo no eixo Juazeiro/BA e Petrolina/PE, cidades que são referência nos planos econômico e político para os estados da Bahia e Pernambuco. Adicionalmente, estabelece oportunidade para a compreensão de pontos de contato entre a implantação e a gestão de políticas públicas relativamente ao desenvolvimento das sociabilidades, bem como em que medida propiciam trocas simbólicas significativas entre os atores frente às relações de gênero.

A DIMENSÃO DO ENFOQUE DE GÊNERO NO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: RANÇOS E AVANÇOS NA PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO DAS MULHERES NOS MUNICÍPIOS BAIANOS

Bárbara Maria Santos Caldeira
UNEB

Apresenta algumas considerações acerca das perspectivas defendidas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome que afirmam o crescimento de elementos que justifiquem o aumento do empoderamento feminino das beneficiárias do Programa Bolsa Família através da transferência direta da renda e pelo índice ocupacional da gestão do programa pelas mulheres. Os dados e análises aqui descritos integram o projeto de pesquisa “Políticas Públicas e o Programa Bolsa Família: inclusão social ou (re) ordenamento do poder?”, desenvolvido entre junho de 2006 e finalizado em outubro de 2007 na Universidade Católica do Salvador, no Programa de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. O caminho percorrido pela investigação enveredou pela metodologia quantitativa e qualitativa. Diante dos resultados da primeira etapa – oficinas de instância de controle social com 387 municípios baianos e participação de mais de seiscentos e cinquenta e oito pessoas (658), entre gestores municipais e sociedade civil – onde verificamos os problemas mais frequentes e os principais desafios do programa, pudemos traçar um mapa das questões essenciais que queríamos abordar com o desejo de conhecer e analisar a realidade relativa ao cumprimento das condicionalidades em âmbito local. Foram aplicados na segunda etapa do projeto, noventa e seis (96) questionários envolvendo os representantes municipais (gestores, secretários, diretores de escolas, médicos, enfermeiras, agentes de saúde e assistentes sociais). Posicionamo-nos diante da seguinte reflexão: Há alguma interferência sensível dos problemas de comunicação e organização social enfrentados pelo PBF no atendimento e desenvolvimento do programa no que diz respeito à promoção do empoderamento feminino?

ANÁLISE HISTÓRICA SOB OS DIREITOS POLÍTICOS DAS MULHERES NO BRASIL

Camilla Lima Batista
PPG NEIM/ UFBA

As reflexões deste ensaio abordam como eixo central, a “Análise histórica sob os Direitos Políticos das mulheres no Brasil”, procurando mostrar a trajetória política de mulheres que participaram ativamente da luta pela emancipação feminina, quebrando paradigmas de uma sociedade hegemonicamente patriarcal e moralmente conservadora. Tais trajetórias serão analisadas a partir de fatores de ordem cultural, histórico, social e econômico. O ensaio inicia-se mediante um resgate historiográfico de mulheres que foram excluídas do tratado histórico brasileiro, desde o período das lutas feministas no início do século XX, marcado pelo movimento sufragista e a conquista da constituinte de 1934 até os avanços normativos da década de 90 e do início do século XXI, mostrando quantas mulheres foram discriminadas, julgadas e algumas excluídas do seu ciclo social sexista, para que adquirissem na sociedade vigente o direito à cidadania feminina. Além disso, este ensaio propõe discutir o processo histórico da Lei de Cotas e a ampliação dos direitos políticos da mulher, com enfoque no projeto de Reforma Política de 2001, relatando a necessidade de uma reforma que garanta uma maior participação feminina na ocupação de cargos públicos, desta forma, criando mecanismos para a inserção destas mulheres nos espaços de poder e decisão, como: a destinação de verbas do fundo partidário para as secretarias de mulheres e a adoção da lista partidária fechada com alternância de sexo, garantindo uma maior participação feminina nas Assembléias legislativas e Câmaras municipais.

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO URBANO: POR UMA EQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS NA CIDADE

Claudia Andrade Vieira
PPG/FAU UFBA

O último censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – identificou mudanças nos arranjos familiares e nos papéis femininos confirmando uma tendência das últimas décadas: o número crescente de mulheres que são indicadas como a pessoa de referência da família. Como as cidades brasileiras têm assimilado a necessidade de um número crescente de mulheres que saem para trabalhar fora de casa? Se mudanças nos papéis femininos demandam necessidades para novas formas de organização e novos serviços urbanos, como fica a realidade dessas mulheres que necessitam de novos serviços urbanos? A nossa proposta é iniciar uma discussão acerca do planejamento urbano e sua relação com as questões relacionadas ao gênero. Pensar na cidade como espaço sexuado é reconhecer que as transformações nas relações de gênero devem ser consideradas como parâmetro fundamental nas mudanças ocorridas no espaço. A reestruturação das atividades de homens e mulheres é um componente central nesse processo. Contudo, estudos revelam que as cidades são historicamente planejadas e projetadas por homens, a partir de decisões políticas e referenciais estritamente masculinos, e pautados na ideologia de que “lugar de mulher é em casa”. Ao mesmo tempo tem demonstrado que a situação de subordinação das mulheres em todas as sociedades e contextos diversos se traduz em iniquidades com relação ao acesso e controle dos recursos econômicos, a propriedade da terra e a moradia, como também ao desfrute pleno da cidade.

PRESENÇA FEMININA NA POLÍTICA: CIDADANIA E OS ESPAÇOS “PÚBLICO E PRIVADO”

Claudia de Faria Barbosa
UCSAL

Propõe uma reflexão sobre a liderança das mulheres no poder local, no cargo de prefeita dos municípios do Estado da Bahia, o que ainda representa um universo restrito. Apesar de ser a mais antiga bandeira de luta do movimento feminista, a conquista da cidadania ainda se constitui como um “direito” pouco exercido pelas mulheres, no que tange à representatividade política. A participação feminina, em diversos âmbitos, foi deflagrada no final do século XX e início do XXI, mas a representatividade política continua ínfima. Uma das principais causas dessa “ausência” é a persistência de uma cultura patriarcal, que se plasma numa relação de poder e subordinação entre homens e mulheres, onde elas são constantemente relegadas ao espaço delimitado da reprodução, do privado e do doméstico, portanto pouco visíveis em sua ação pública. Discute-se os conceitos de gênero e poder na perspectiva das Ciências Sociais que têm contribuído para tornar visível a situação e a condição da mulher na sociedade, em paralelo com a experiência de algumas delas, onde se verifica as convergências ou divergências na esfera pública e privada, no intuito de permitir um diálogo entre enfoques diversificados de poder nas relações humanas.

FEMINIZAÇÃO DO PODER: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Denise Pini Rosalem da Fonseca
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Este artigo descreve e discute a feminização de duas importantes questões socioambientais no Brasil: a pobreza e a AIDS. Estes dois movimentos de feminização, associados às décadas de 1970 e 1990 respectivamente, correspondem ao aparecimento de novas expressões da subalternidade sociopolítica da mulher no mundo ocidental que, curiosamente, vêm se dando em paralelo ao chamado “avanço” do movimento feminista pós-1968. O objetivo deste trabalho é o de pautar a questão da feminização do poder enquanto um tema de pesquisa ainda não enfrentado sistematicamente pela academia. O que se argumenta é que a concepção de políticas públicas que busquem enfrentar a iniquidade entre os gêneros na sociedade brasileira se constitui como uma possibilidade de superação de mazelas socioambientais duradouras.

A “CPI DA MULHER”: O FEMINISMO DE ANA OLIVEIRA

Ediane Lopes de Santana

O objetivo desta comunicação é discutir o feminismo de Ana Oliveira, destaque na vida política baiana nos anos que antecederam ao golpe civil-militar de 1964. Nascida a 7 de março de 1913, em Serrinha, interior da Bahia, inseriu-se precocemente na vida política como vereadora do Município de Juazeiro, em 1932. Eleveu-se deputada estadual nas legislaturas de 1954, 58, 62, 66, 70 e 74, definia-se como feminista ‘não exaltada’ e participou ativamente – junto com outras mulheres – do movimento que defendeu o referido golpe. No âmbito civil, as mulheres que atuaram neste movimento fizeram-no em defesa de Deus, da pátria e da família, inserindo-se nele como mães do ‘grande lar’, o Brasil. Portanto, buscamos compreender as reflexões e contradições de uma feminista que, nas décadas de 60 e 70, defendia suas concepções sob influência das primeiras reflexões do Feminismo na Bahia, elaboradas, principalmente, pelas mulheres da Federação Baiana pelo Progresso Feminino.

PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO E CONTRATO SEXUAL

Marina Basso Lacerda
PUC-Rio

O iluminismo sacralizou uma cisão que remonta às origens do patriarcado: o feminino, confinado ao espaço privado, infantilizado, e o masculino, senhor do espaço público. A divisão foi tomada no discurso de formação do Estado moderno e do Direito por meio do pensamento dos contratualistas Locke e Rousseau (séculos XVII e XVIII). Os valores atribuídos ao homem – a racionalidade estrita e a competição – permitiram o desenvolvimento capitalista e estruturaram o espaço público da modernidade. E mais: as mulheres não participaram do contrato social, porque já no estado de natureza foram confinadas no espaço privado - o contrato social pressupôs um contrato sexual (Pateman). Ocorre que esse discurso político-jurídico chegou ao Brasil bem depois, apenas no início do século XIX. Até então, vigorava aqui outra estrutura de Estado, não fundamentada no contratualismo (Faoro), e de sociedade: pátrio poder ilimitado, implicando a tirania no espaço privado e a invasão antimoderna “do público pelo privado, do Estado pela família” (Buarque de Holanda). Tais relações coloniais marcaram a história do Brasil e permanecem vigentes. Assim, o nosso espaço político-jurídico é estruturado sobre a soma perversa de dois sistemas de opressão de gênero: o nacional (indiferenciação entre público e o privado existente desde o século XVI), ao qual se somou à ideologia européia do contrato social, pressuposto pelo contrato sexual.

A MULHER E O PODER: UM ESTUDO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO PARTIDO DOS TRABALHADORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Sana Gimenes Alvarenga Domingues
UENF

A emancipação feminina alcançou, no estágio atual, conquistas nunca antes vistas. Ocorre que, a despeito dos avanços realmente alcançados, as mulheres ainda são cidadãs de segunda categoria. Neste cenário, a esfera política, reduto historicamente masculino, tem sido um campo extremamente problemático para a atuação feminina. E tal realidade ainda é recorrente no Brasil mesmo mais de uma década após a entrada em vigor da Lei 9.504/97, que estabeleceu, em seu artigo 10, § 3º, que os partidos devem destinar uma percentagem mínima de trinta por cento e máxima de setenta por cento de suas candidaturas para cada sexo. Cabe então questionar de que maneira os partidos políticos brasileiros têm se adaptado a essa lei, sobretudo, aqueles que se autodenominam de esquerda, já que, tradicionalmente, os partidos de esquerda sempre estiveram alinhados às demandas das minorias. Para tanto, a presente pesquisa lançará olhos sobre o maior partido supostamente de esquerda brasileiro, o Partido dos Trabalhadores (PT), e buscará averiguar se a inclusão feminina tem se efetivado de forma realmente plena, ou ao menos de acordo com os ditames legais, no PT do Estado do Rio de Janeiro.

O FEMINISMO DA BAHIA NO CONTEXTO DA DÉCADA DE 1930: LIMITES E POSSIBILIDADES

Tatiana Lima de Siqueira
PPGNEIM/ UFBA

O texto buscar traçar um pouco da trajetória do movimento feminista brasileiro da primeira metade do século XX e sua inserção na sociedade baiana a partir da inauguração da filial da Federação

Brasileira Pelo Progresso Feminino neste estado em 1931. Através de pesquisa, empreendida em jornais da época, procura mostra o universo a que as feministas estavam circunscritas apontando os limites e possibilidades do recém instaurado movimento na Bahia. Nota-se que a luta feminista, naquele momento, tem muito mais um caráter de reforma da estrutura social e política a que estava inserida, do que de rompimento com a ordem vigente, até mesmo porque, as mulheres que estavam à frente do movimento eram representantes dessa ordem, eram basicamente de classe média e alta, esposas e filhas dos representantes das famílias mais tradicionais do estado, e acreditavam que bastava conquistar direitos que até então lhes eram negados e o caminho em direção a emancipação feminina estava garantido. Assim, luta não se caracterizava por questionar papéis tradicionais da mulher enquanto mães e esposas, nem questionar o sistema político e econômico a que estavam submetidas, mas sim buscar convencer que era possível conviver demandas antigas com novas funções que a mulher começavam a ocupar e desejavam ampliar, especialmente no campo da política e profissional. Agindo dessa forma, ou seja, conciliando permanências e rupturas é que o feminismo conseguiu se instaurar e se inserir em certos espaços, obtendo determinados apóio e conquistando uma certa projeção local. Por isso, considero tático a feminismo da época, já que conseguiu se impor a partir da utilização de uma arte arriscada, justamente aquela que ratifica a ideologia dominante na aparência, ao mesmo tempo em que lhe “rói os alicerces” e “altera o seu funcionamento”.

GT – GÊNERO, RAÇA E ETNIA

SÃO MULHERES E SÃO NEGRAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM MULHERES NEGRAS QUE ESTÃO CUMPRINDO PENA EM REGIME ABERTO OU SEMI-ABERTO

Adriana Severo Rodrigues
PUC-Rio

O presente trabalho é resultado de reflexão durante o processo de pesquisa realizada como cumprimento de requisito parcial para conclusão de curso de Especialização em Direitos Humanos, promovido pela Escola Superior do Ministério Público da União e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A referida pesquisa foi realizada na Casa Albergue em Porto Alegre – RS e ocorreu no período de dezembro de 2007 a janeiro de 2008. O trabalho possui caráter qualitativo e objetivou questionar de que forma a expressão do racismo se manifesta no sistema prisional. Foram realizadas 06 entrevistas com mulheres que se auto-declararam negras. Durante o processo de entrevista ocorreram alguns conflitos que suscitaram questionamentos enquanto pesquisadora e relacionados ao fato de ser uma mulher negra que entrevistava mulheres negras que estão cumprindo pena em regime aberto ou semi-aberto.

“TRAJETÓRIAS, FEMINISMO NEGRO E NARRATIVAS SOBRE A SOLIDÃO AFETIVA ENTRE MULHERES NEGRAS ATIVISTAS E NÃO-ATIVISTAS EM SALVADOR, BAHIA”

Ana Cláudia Lemos Pacheco
UNIME

Esta comunicação tem como objetivo analisar as trajetórias sociais e afetivas de dois conjuntos de mulheres negras “solitárias”, sem parceiros afetivos fixos, entre ativistas políticas e não-ativistas, em Salvador, Bahia. Baseado em pesquisas recentes (Pacheco, 2008), esse estudo procura desvendar quais são os elementos reguladores das escolhas de parceiros afetivos das mulheres negras investigadas e de seus pares. Por meio de uma abordagem qualitativa: análise de trajetórias (Bourdieu, 1989) e narrativas (Kofes, 1998) e apoiada nas teorias do Feminismo Negro (Collins, 1989; Hooks, 1995), constatou-se que as escolhas de parceiros são reguladas por fortes dispositivos raciais e de gênero e de outras categorias como: classe, geração, corpo, sexualidade e política. Concluiu-se que a solidão afetiva vivenciada por estas mulheres é resultante dessas interseccionalidades, marcadas principalmente pelas hierarquias de gênero e raça no contexto baiano, traduzidas em signos corporais racializados e generificados, ressignificados em investimentos de capitais (empoderamento) políticos, profissionais, econômicos, culturais, que colaboraram para a ausência de parceiros fixos das mulheres negras investigadas dos dois grupos selecionados.

SEXUALIDADES DE MULHERES NEGRAS: EM UMA DISCUSSÃO INICIAL

Fabiana Leonel
PPG / NEIM

A discussão iniciada neste trabalho é sobre um aspecto das construções de gênero, a respeito de mulheres negras, a de uma hiper-sexualidade. O conceito de sexualidade adotado é o foucaultiano que a compreende como: os discursos autorizados que são produzidos em torno e para o controle das práticas sexuais. Essa construção de uma suposta “disponibilidade” que mulheres negras tinham no período escravista (e ainda teriam na atualidade) é sobre a qual foi construído o “mito” das relações harmônicas intra/inter-gênero e intra/inter-raciais no Brasil. Um debate, que incida sobre as representações e a geração de uma imagem da sexualidade específica de mulheres

negras é central no trabalho considerando que o tema muitas vezes é citado, mas raras vezes é o centro da discussão. Contos da autora estadunidense Alice Walker e poemas da autora brasileira Elisa Lucinda serão visitados. Não se trata de qualquer tipo de comparação, mas sim de percepções sobre o assunto. Quanto às categorias pertinentes ao tema, sexualidade de mulheres negras, três são centrais para pensar este trabalho: sexualidade, gênero e raça junto às quais poderão ainda ser incorporadas outras.

A PRESENÇA DA POLICIAL FEMININA COM CARACTERÍSTICAS AFRO-DESCENDENTES NA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA

Genivaldo Silva das Neves
UFBA

Neste trabalho, primeiramente, comento a respeito da saída da mulher do espaço privado (doméstico) para o ingresso no espaço público – (Polícia Militar do Estado da Bahia). Em seguida analiso a presença da policial feminina com características afro-descendentes na Corporação Policial Militar. Estudo a presença da policial negra na atividade militar através do seu desempenho nas atividades de segurança pública, no policiamento ostensivo e no serviço administrativo em algumas unidades de Salvador. Verifica-se que a maioria das policiais femininas negras exerce comumente a sua profissão no P.O. (Policiamento Ostensivo) combatendo a criminalidade nos bairros de Salvador. Sendo a policial negra em maior quantidade nos quartéis deveria também está nessa mesma proporção nos serviços internos – administrativo -, o que geralmente não acontece. Trata-se de uma investigação sobre a presença da mulher inserida numa instituição típica do aparelho repressivo do Estado, exercendo funções que até pouco tempo eram tradicionalmente consideradas masculinas, portanto, a mulher sofre preconceito e discriminação por ser mulher e ser negra. Entretanto, o fato de ser mulher policial militar não difere da condição das demais mulheres trabalhadoras, pois, no âmbito da corporação, ocorrem as mesmas reproduções de comportamento e subordinação da mulher como em qualquer setor na sociedade.

RELAÇÕES DE GÊNERO DENTRO DA IRMANDADE DA BOA MORTE DE SÃO GONÇALO DOS CAMPOS

Luciana Falcão Lessa
UFBA

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos é uma confraria predominantemente feminina, embora seja vetada a entrada de homens na irmandade de Cachoeira, na irmandade sangonçalense era permitido o seu ingresso, sendo que apenas lhes era vetado o direito de pegar no cajado, que é o símbolo do poder na irmandade, carregado pela presidente. O perfil destas mulheres da Boa Morte era visivelmente diferente das mulheres brancas da cidade eram elas conhecidas por falar alto, dançar, beber em demasia e dividiam o espaço de trabalho com o homem. Em sua maioria, eram mulheres solteiras com filhos, fato que as obrigava a trabalhar para sustentar a família. Muitas delas eram charuteiras, e outras trabalhavam como comerciantes em feiras. A necessidade de trabalhar para o seu sustento fez com que as mulheres da Boa Morte passassem a vivenciar uma realidade diversa. Não eram mulheres confinadas em suas casas, cumprindo papéis domésticos impostos pela cultura patriarcal tradicional, mas se tornaram mulheres que nas ruas ouviam e viviam experiências novas, participavam de conversas “masculinas”, e muitas vezes nesse contexto conheciam os homens

com quem mantinham relações de amasiado, geralmente homens da elite e/ou homens casados. Como se tratava de mulheres negras, que não possuíam marido, e tinham relações com homens que não as assumiam, estas mulheres da Boa Morte eram chamadas de “raparigas”.

MOVIMENTOS E EXPÊRIÊNCIAS DAS MULHERES DO INEGRA

Maria Aparecida Silva
Universidade Federal do Ceará
Ana Cristina Conceição Santos
Secretaria de Educação do Estado da Bahia

O presente artigo faz uma análise do movimento e experiências das mulheres integrantes do grupo INEGRA (Instituto Negra), uma ong da cidade de Fortaleza. O objetivo é saber quem são essas mulheres negras que se colocam à frente de uma organização que se preocupa com as discriminações contra mulheres, em especial, mulheres negras no que tange a sua menor expectativa de vida, menor renda mensal, menor escolaridade e a inferioridade desta em relação ao homem negro e a população branca. Diagnosticamos como a representação étnico-racial e de gênero, enquanto relações de poder estão presentes neste universo. Essa investigação demonstra que o INEGRA busca delinear um caminho que ressalte a presença feminina sempre na perspectiva de mudança social. O intuito aqui é procurar contribuir com os estudos que abordam a questão da mulher e de gênero a partir do recorte étnico-racial no Estado do Ceará.

CAMINHOS TRAÇADOS NA ESCOLARIZAÇÃO PERCEBIDA POR MULHERES NEGRAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM UBERLÂNDIA

Marta Helena Rosa da Silva
PUC- SP

O texto discute os caminhos na escolarização percebida por mulheres negras empregadas domésticas em Uberlândia. Como elas percebem processo de escolarização e como estão inseridas nele de acordo com a perspectiva sócio- econômica e cultural. Analisamos como as mulheres descrevem esses caminhos, contando as suas histórias a partir dos lugares em que vieram/vivem, apontando as dificuldades, decepções e vitórias, bem como o que elas esperam e propõem para o futuro, apontando a escolarização como passaporte para o sucesso e uma vida melhor. Esse texto é parte dos depoimentos coletados para minha pesquisa de mestrado que ainda não foi concluída está em andamento.

MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS FEMINISTAS EM SALVADOR: EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS (1978-2001)

Silvana Santos Bispo
UNEB/CEPAIA

Esse texto foi elaborado no intuito de refletirmos sobre a formação do Movimento de Mulheres Negras Feministas em Salvador. Buscamos perceber as experiências/vivências de mulheres negras envolvidas em movimentos sociais, em especial o Movimento Negro Unificado/Salvador e o Movimento Feminista e a posterior construção de um movimento específico de mulheres negras. Para isto, se faz particularmente importante neste estudo percebermos categorias de análises

como: mulheres, gênero, raça e classe como processos interseccionais, estruturas de dominação que se operam, estruturando o processo de opressão sobre as mulheres negras. Como fontes de pesquisa lançamos mão da narrativa de três ativistas negras residentes em Salvador e da produção escrita por mulheres e organizações negras brasileiras visando, através de suas trajetórias, ações e projetos políticos em torno da luta anti-racista e anti-sexista, refletir sobre a formação do Movimento de Mulheres Negras no Brasil e em Salvador.

REPENSANDO OS FEMINISMOS NEGRO BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO

Tatiana Raquel Reis Silva
Viviane de Oliveira Barbosa
PÓS-AFRO/UFBA

A presente proposta visa abordar as principais discussões aventadas pelos feminismos negro brasileiro e norte-americano, apontando semelhanças e particularidades nas abordagens teórico-feministas desses dois contextos. De um modo geral, os feminismos negro brasileiro e norte-americano trouxeram uma contribuição fundamental ao destacar o entrecruzamento entre gênero, raça e classe como elemento representativo nas experiências das mulheres. De qualquer forma, considerando a heterogeneidade das teorias produzidas internamente ao Brasil e aos Estados Unidos, o objetivo é o de elucidar os debates mais gerais que marcaram a produção nesses dois campos de investigação, assim como enfocar, mais especificamente, o pensamento teórico desenvolvido pelas feministas Patrícia Hill Collins (norte-americana) e Lélia Gonzalez (brasileira). Temas como violência contra a mulher, exploração sexual e doméstica, racismo e novo racismo, mulher negra e trabalho compulsório, resistência e mobilização de mulheres negras, feminismo negro, dentre outros, se encontram em suas principais abordagens. Obviamente, há que ponderar as reflexões de cada uma dessas teóricas, demarcando-as em seu contexto histórico de produção. Nessa perspectiva, são exatamente suas publicações mais notáveis, incluindo seus eixos de estudo e suas análises, os aspectos trazidos nesta comunicação.

MULHERES NEGRAS NO SISTEMA BANCÁRIO: SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CRISE DO CAPITALISMO

Vanessa Santos do Canto
PUC-RIO

O presente trabalho faz parte de reflexões e pesquisa em andamento para elaboração de dissertação de mestrado e pretende apresentar alguns apontamentos acerca da inserção da mulher negra no sistema bancário. Aborda a precarização da relação salarial, sobretudo, a partir dos avanços tecnológicos e dos processos de terceirização que atingem este setor, buscando refletir a respeito dos impactos sobre as trabalhadoras negras. Articula, ainda, com a atuação do Sindicato dos Trabalhadores Bancários do Município do Rio de Janeiro e as possibilidades de resistência e inclusão social em tempos de crise do capitalismo. A temática será orientada pela necessidade de diálogo entre o debate sobre a centralidade do trabalho e os novos enfrentamentos que surgem para os movimentos sociais no momento histórico em que a classe trabalhadora se torna cada vez mais complexa e diversificada em tempos de hegemonia do capital financeiro. A reflexão aqui proposta tem por fundamento o fato de que no mesmo momento em que as questões relacionadas a gênero e raça ganham maior visibilidade na sociedade brasileira, sobretudo a partir da promulgação da Constituição da República de 1988, a globalização apoiada pelo discurso neoliberal atinge o país com toda vitalidade. Compreender tais transformações se

torna essencial para apreender as novas dinâmicas sociais que se estabelecem, buscando contribuir para a abordagem acerca da questão racial e das relações de gênero que têm sido cada vez mais debatidas e ampliar os estudos específicos sobre a mulher negra no Brasil.

**GT – SAÚDE, SEXUALIDADE E DIREITOS
REPRODUTIVOS**

COMPORTAMENTO DOS HOMENS NA SEXUALIDADE DURANTE A GRAVIDEZ

Ângela Costa de Queiroz
Centro de Pós Graduação São Camilo

No decorrer da gravidez, o corpo modifica-se gradualmente. A mulher cria uma nova imagem de si própria; o homem a percebe diferente. A atitude diante do próprio corpo grávido tem repercussões muito importantes no relacionamento homem – mulher, porque está relacionado com sexualidade, que passa por alterações bastante significativas. Sexo na gravidez ainda é assunto difícil de ser discutido claramente na consulta pré-natal, entre amigos ou até mesmo entre o casal. Por isso, cabe ao enfermeiro contribuir para que os mitos e preconceitos direcionados à sexualidade sejam suavizados e que o conhecimento geral da população sobre o assunto seja melhorado. O objetivo desse estudo é conhecer o comportamento dos homens na sexualidade, durante do processo de gestação, parto e puerpério. Trata-se de uma pesquisa qualitativa tipo exploratório descritivo, com população de dez pais assistidos no alojamento conjunto do IPERBA. Os dados foram coletados no mês de maio 2007, através de uma entrevista com 35 perguntas abertas. A maioria dos entrevistados considerou a relação sexual importante em todo o processo de gestação. Todos eles relataram que há outras formas de afeto durante esse período além da relação sexual. Nenhum deles tiveram dificuldades a respeito da sexualidade durante a gravidez. Estes resultados demonstram que o homem está mais envolvido em todo o processo gestacional, sendo assim importante sua participação à saúde da mulher, da criança e a união familiar.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM CONCEITO DE PROBLEMA

Carla Denari Giuliani

A vida adulta alterou-se muito nas sociedades ocidentais modernas. O redimensionamento da autoridade parental, novas normas educativas, transformações nas relações de gênero e entre gerações compõem novo cenário social e familiar. Novos comportamentos e valores sexuais convivem com antigas prescrições de gênero. Assim este ensaio tem como objetivo principal compreender como que o conceito de problema dentro da gravidez na adolescência se dá ao longo do processo histórico. Esse estudo foi desenvolvido a partir de fontes escritas e orais obtidas com entrevistas com as gestantes adolescentes inseridos em grupo na comunidade junto a uma instituição filantrópica, denominada de Lar de veneranda, localizada na cidade de Uberlândia MG, juntamente com as falas de adolescentes em uma comunidade do Orkut. Assim com este ensaio pode-se perceber que ao se falar em gravidez na adolescência, do conceito de problema que se instaura na contemporaneidade e falar de construção social e embates que se dão ao longo desta construção dentro das dinâmicas sociais. Isto é mostrado na falas onde se percebe há tempo atrás à gravidez ocorria como algo natural e hoje muita das adolescentes considera assim, mas a sociedade atual considera como um fenômeno não natural, e não desejado. Por meio deste ensaio, observamos que a gravidez na adolescência envolve diversos fatores que são necessários pensa-los de uma forma mais abrangente com equipe multidisciplinar. Os programas de prevenção atualmente existentes não deveriam se ater somente aos meios de prevenção, mas compreender melhor o processo histórico e os embates que geram este problema, fazendo a valorização do ser humano e da sociedade, provando a lei de causa e efeito.

DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS, UM DESAFIO AO ACESSO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Emanuelle Freitas Góes
ISC/UFBA

A garantia dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos está diretamente associada à acessibilidade nos serviços de saúde que muitas vezes são violados por multifatores que agem de forma articulada, como racismo, o sexismo, condições socioeconômicas e culturais. Em relação ao racismo por esta institucionalizado torna-se um determinante estrutural que atua como produtor das iniquidades, que nega o acesso aos bens de serviços públicos, assim como viola e priva o direito à saúde. Neste artigo objetivou-se analisar de forma comparativa, o acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva das mulheres negras e não negras do município de Lauro de Freitas do ano de 2007. A coleta de dados foi realizada através do Sistema Nacional de Nascidos Vivos (SINAN) do DATASUS/Ministério da Saúde. Concluindo que o racismo institucionalizado nega e viola o direito de acesso aos serviços públicos de saúde, que de acordo com o Sistema Único de Saúde (SUS) deveria estar pautado no princípio da equidade e da igualdade de acesso a toda população. Assim como a Constituição Brasileira de 1988 descreve o acesso à saúde como direito, independente da raça/etnia, religião, ideologia política e condição econômica e social. Da mesma forma o Programa Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher (PAISM) define o planejamento familiar como direito à informação e acesso às tecnologias de concepção e de anticoncepção. Porém os direitos sexuais e os direitos reprodutivos tem uma dimensão muito mais ampla, e não ficando somente restrita a saúde sexual e reprodutiva, mas abrangendo um conjunto de direitos humanos, individuais e sociais.

DAR PINTA NA PRAIA É LUTAR POR CIDADANIA?

Fabio Pessanha Bila

Este trabalho tem como objetivo discutir o comportamento dos homossexuais que freqüentam a Praia de Ipanema no trecho em frente a Rua Farme de Amoedo. A nossa indagação vai no sentido de saber se tal comportamento constitui uma afirmação da identidade homossexual envolvendo valores compartilhados por esses freqüentadores. Nesse espaço da praia é freqüente o hasteamento da bandeira do arco-íris – símbolo do movimento gay -, e também gestos e atitudes denunciadores da condição homossexual. Cabe refletir acerca desse comportamento enquanto postura política que busca impor valores e condutas afirmativas da cidadania homossexual em uma sociedade de maioria heterossexual com visíveis práticas homofóbicas.

A PESSOA USUÁRIA DE DROGAS: UMA IMAGEM ESTEREOTIPADA

Jeane Freitas de Oliveira
Cecília Anne McCallum
Mirian Santos Paiva

O consumo de drogas (lícitas e ilícitas) é uma conduta universal e histórica que acarreta distintos impactos e danos sociais e de saúde para pessoas e/ou grupos em diferentes sociedades. Este trabalho tem o propósito de discutir a imagem objetivada de profissionais em atuação num contexto assistencial de saúde, acerca da pessoa usuária de drogas. Os dados apresentados constituem recorte de um estudo qualitativo de cunho etnográfico fundamentado na teoria das Representações Sociais, desenvolvido com 102 profissionais em atuação numa unidade básica de saúde de Salvador-Ba, no período de 2004-2008. Os dados empíricos foram produzidos por um

conjunto de técnicas independentes que foram interligadas no processo de análise, possibilitando a organização de informações que geraram distintas categorias de análise. A pessoa usuária de drogas foi caracterizada por um padrão homogêneo baseado prioritariamente no sexo, numa transversalidade com idade, raça, classe social, escolaridade de tal forma que as pessoas e/ou grupos que não conformam com as características definidas são excluídos de adotar tal conduta e, conseqüentemente, invisibilizadas das práticas de saúde. Reconhecem-se a expansão do consumo de drogas entre as mulheres, sendo apontadas para as mesmas imagens distintas que varia de acordo com a modalidade de envolvimento com as drogas. A ordem e o regime de gênero que permeiam as relações sociais e institucionais de saúde reproduzem estigmas e preconceitos em relação ao consumo de drogas que demarcam diferenças e desigualdades sociais e de saúde para homens e mulheres usuário(a)s de drogas.

EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS DE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Joise Magarão Queiroz Silva
Mirian Santos Paiva
Patrícia Figueiredo Marques
EEUFBA

Estudo sobre a evolução do conceito de saúde sexual e reprodutiva na graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) viabilizou reconhecer mais uma vez o papel desta instituição para com a sociedade e na construção de conhecimento. Buscou-se analisar como se deu a inclusão dos conceitos de Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva (SS e SR) nos currículos; descrever como os usos desses conceitos foram/são abordados na teoria e na prática e Identificar as disciplinas do currículo de enfermagem da EEUFBA que abordam essas temáticas. Estudo qualitativo através da pesquisa documental dos currículos de enfermagem no período de 1972 até 2006 no colegiado de graduação da EEUFBA e a entrevista semi-estruturada com docentes de dedicação exclusiva que lecionam em disciplinas com estes conceitos. Resultados encontrados apresentaram que houve uma evolução dos conteúdos das disciplinas que antes eram exclusivamente voltadas aos aspectos biológicos da saúde e reproduziam a idéia da mulher apenas na sua condição materna, com a introdução dos conceitos de SS e SR numa das perspectivas dos movimentos feministas. Todas as entrevistadas concordaram no uso dos conceitos na disciplina em que atuam e reconhecem que esta vai além do que o mercado estabelece, envolvendo aspectos ligados à própria militância das mulheres para seu empoderamento. Consideramos que currículos e relatórios das disciplinas analisados apontam a relação das falas das entrevistas com o direcionamento da proposta de ensino em atender as demandas de políticas de formação de mão de obra na área de saúde.

MULHERES NEGRAS: UM ENSAIO DE COMO SE DÁ A DINÂMICA DE TRABALHO DAS AGENTES COMUNITÁRIAS DE SAÚDE DO PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA DE MESQUITA – RIO DE JANEIRO

Jussara Francisca de Assis
PUC-RJ

O atual momento vivenciado no cenário brasileiro nos revela que as transformações societárias engendradas, principalmente, nas décadas de 1980 e 1990 trouxeram como conseqüências um

novo olhar diante da institucionalidade das políticas sociais e suas dinâmicas. É sabido que com a implementação da Constituição Federal de 1988, a maioria dos setores sociais, especialmente àqueles ligados à saúde, passaram a contar com iniciativas de democratização da saúde. Um exemplo é o Programa Saúde da Família que tem como objetivo reorientar o modelo assistencial de saúde onde a população usuária possa contar com promoção, prevenção e recuperação da saúde, além de reabilitação de doenças e agravos mais freqüentes. Por outro lado, os sucessivos cortes em investimentos sociais, por parte do Estado, atingem diretamente a dinâmica de programas sociais como Saúde da Família. Neste contexto, a participação feminina nas equipes que integram o programa é de fundamental importância, pois um grande número de agentes comunitárias (os) de saúde é de mulheres. Logo, pode-se perceber que o papel de cuidadora atribuído às mulheres se coloca como estratégia fundamental nesta política pública. O objetivo deste trabalho é analisar como se dá à dinâmica do Programa Saúde da Família, no município de Mesquita – Rio de Janeiro onde há um número significativo de agentes comunitárias de saúde negras. A tentativa é de descortinar quais mecanismos estas mulheres lançam mão para operacionalizar uma importante política de saúde driblando a falta de recursos e a invisibilidade de suas experiências.

ELAS POR ELA: SER PARTEIRA, “LUGARES DE SIGNIFICADOS” E RELAÇÕES DE GÊNERO

Lucia Helena Rodrigues Costa
EEUFBA

Esse paper é parte da dissertação de mestrado “Memórias de parteiras: entrelaçando gênero e história de uma prática feminina de cuidar”. Participaram do estudo sete parteiras dos Estados de Minas Gerais e de Santa Catarina. Elas nasceram entre mil novecentos e dezesseis (1916), e mil novecentos e quarenta e oito (1948). Exerceram suas atividades profissionais entre as décadas de quarenta e década de oitenta, à exceção de D. Cardoso em Pirapora/MG e D. Tereza em Jequiá/MG, que até 2002 ainda exerciam atividades na área de saúde sem, contudo realizarem partos. Trata-se de um estudo qualitativo que utilizou a história oral temática como método de apreensão dos dados. Tendo como objetivo desvelar o ideário contido nas narrativas à luz de um referencial de gênero, o estudo analisou alguns aspectos codificados como “lugares de significados” que foram: o perfil das parteiras; como e onde partejavam; a vocação; o cuidado, a humanização e a ética. Os dados obtidos evidenciam um fazer já bastante atrelado ao saber/fazer médico, mesclando-se com conhecimentos de senso comum adquiridos com outras mulheres, principalmente no caso das parteiras que não passaram por um aprendizado formal, além de que a maioria delas, direta ou indiretamente estavam ligadas à Enfermagem. Evidencia-se, principalmente quanto à remuneração e à valorização do fazer das parteiras, a confirmação de alguns estereótipos relacionados às relações desiguais de gênero, em que o trabalho feminino (cuidado), muito ligado ao espaço privado, doméstico é desvalorizado.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES, COM DE MAIS DE 50 ANOS, SOBRE PRÁTICAS SEXUAIS: IMPLICAÇÕES NA VULNERABILIDADE AO HIV/AIDS

Lucineide Santos Silva
Mirian Santos Paiva

A AIDS acomete progressivamente indivíduos com mais de 50 anos de idade. Objetivou-se apreender representações sociais de pessoas acometidas por alguma infecção sexualmente transmissível (IST) e/ou AIDS sobre práticas sexuais e, conhecer as implicações dessas representações na vulnerabilidade ao HIV/AIDS dos sujeitos. Estudo quanti-qualitativo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais, realizado no Centro de Referência Estadual de ITS e AIDS em Salvador/BA, envolvendo 85 indivíduos com mais de 50 anos. Os dados foram coletados através do Teste de Associação Livre de Palavras e da entrevista semi-estruturada, sendo submetidos à Análise Fatorial de Correspondência (AFC) e de Conteúdo Temática, respectivamente. As respostas foram processadas no software Tri-Deux-Mots. A AFC demonstrou significância na oposição de respostas conforme sexo e opção sexual. Na análise por sexo, os homens enfatizaram que é preciso ter “cuidado”, mesmo considerando que as práticas sexuais são “prazerosas”, incluindo a “masturbação”. As mulheres não tiveram nenhuma evocação significativa, denotando que o termo não faz parte do universo semântico e do imaginário delas. Na análise por opção sexual verificou-se o “sexo vaginal” foi destacado como sendo a prática sexual adotada e permitida pela maioria dos heterossexuais, posição contrária diz respeito ao “sexo anal”, que segundo eles ia de encontro ao que era “natural” e oferece de contaminação pelo HIV. Para ambas reiteraram a importância do “cuidado” com a utilização da camisinha. Entre os homossexuais e bissexuais nenhuma evocação foi significativa após AFC, contudo, enfatizaram que o sexo anal amplia a vulnerabilidade ao HIV/AIDS. O estudo desvela aspectos de gênero e geracionais importantes para a prevenção e enfrentamento da epidemia de AIDS nessa população.

CLIMATÉRIO E SEXUALIDADE FEMININA: UM RECORTE DE GÊNERO

Sabrina Gonçalves Silva Pereira
UnICESP
Lúcia Helena Rodrigues Costa
EEUFBA

O propósito deste estudo foi conhecer a vivência da sexualidade feminina das mulheres que estão passando pelo climatério, e identificar o que elas pensam e sabem sobre sua própria sexualidade. Teve como objetivos: contextualizar a vivência da sexualidade feminina durante o climatério; desvelar o significado de climatério e sexualidade que as mesmas possuem e identificar como as relações de gênero influenciaram ou ainda influenciam na vivência da sexualidade. Optou-se pela abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Participaram deste estudo cinco mulheres que residem em dois territórios do Programa de Saúde da Família (PSF) da cidade de Montes Claros – MG. Percebeu-se que as relações desiguais de gênero são construídas ao longo da vida, impostas às mulheres principalmente pela figura paterna. Estas relações desiguais de gênero se perpetuam ao longo da vida dessas mulheres. No exercício da sexualidade parece que durante o climatério estas desigualdades se acentuam por uma desvalorização do sentimento em relação ao próprio corpo e a manutenção das relações sexuais unicamente para satisfazer o parceiro. Observou-se que há uma diminuição do exercício da sexualidade durante esta fase baseada em fatores como o envelhecimento e a dupla jornada de trabalho. Neste ponto algumas mulheres divergiram suas respostas, no primeiro momento

relataram estarem satisfeitas em relação à sexualidade, porém no desenrolar das entrevistas afirmaram que hoje, em função desta nova fase, tudo mudou. Este estudo exploratório abre possibilidades de novos estudos de aprofundamento uma vez que a temática sexualidade e climatério com recorte de gênero necessitam de ampliação do quadro teórico metodológico de abordagem.

LINHAS CRUZADAS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS: ROTAS DO TRÁFICO DE MULHERES PARA PORTUGAL E ESPANHA

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
UCSAL/ UNEB

Passagens na mão e um desejo de mudar de vida. Diversas são as mulheres jovens e adultas que – apesar e sobretudo por serem alvos de exclusão social e de profundos índices de desigualdade, merecendo destaque no que se refere à busca de liberdade e justiça social – aceitam os bilhetes aéreos na busca de “cruzar” fronteiras, não só territoriais, como sociais e econômicas. Neste sentido, a ênfase deste texto é fazer uma análise sobre o papel da imprensa nacional e internacional na divulgação sobre migrações de mulheres baianas para a Espanha, especialmente levando-se em consideração o potencial apoio e suporte que podem oferecer às políticas públicas, diretrizes de agências internacionais e programas específicos de organizações não-governamentais. Parte, ainda, de uma Pesquisa sobre Migrações de mulheres e meninas entre América Latina e Europa (2006-2007), tendo como base dados da mídia, organizações não-governamentais e relatórios governamentais sobre a temática, bem como entrevistas realizadas com mulheres entre 18 e 29 anos na Espanha e Portugal no primeiro semestre de 2008. O Objetivo é através de análise de discurso e documentação oficial brasileira e espanhola enveredar pelos propósitos, razões e condições que envolvem a migração de mulheres para a Espanha.

GT – TEORIA FEMINISTA

A TEORIA DE JUDITH BUTLER: IMPLICAÇÕES NAS ESTRATÉGIAS DE LUTA DO MOVIMENTO FEMINISTA

Adriana Vidal de Oliveira
PUC-RJ

A teoria formulada pela autora americana Judith Butler, no início da década de 1990, repercutiu de forma intensa nas teorias feministas. Tal fato ocorreu especialmente por se entender que a autora não contribuiria para a formulação das estratégias de luta do movimento feminista, na medida em que ela esvaziava o conceito de mulher e trabalhava com uma noção de sujeito em constante formação, nunca estando pronto. Nesse sentido, uma crítica bastante comum feita à autora é em relação à possibilidade ou viabilidade de uma luta sem esse sujeito. Ocorre que ao mesmo tempo, não se pode pensar em movimento feminista atualmente sem considerar a teoria de Butler, já que ela coloca toda a complexidade desse movimento em relação a sua necessária abertura para articular estratégias cada vez mais amplas. Se o conceito de mulher deve ser mantido aberto, ou vazio de conteúdo, isso facilita seu alargamento quando necessário para as conexões que são feitas de forma cada vez mais frequente entre os movimentos de minorias. Essa elasticidade é ainda mais importante quando se considera a realidade do Brasil, com questões profundas sociais, de gênero, classe, raça e sexualidade que se perpassam constantemente. A teoria de Butler permite um pensamento desses movimentos minoritários em estrutura de red. O objetivo do presente trabalho é demonstrar, além dos conceitos fundamentais cunhados pela autora, como essa teoria pode contribuir para reorganizar as lutas minoritárias e o próprio feminismo, bem como demonstrar também a sua compatibilidade com uma arma institucional desses movimentos, o Direito, ou a constante luta pela sua apropriação.

O FEMINISMO E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO

Gleidismara dos Santos Cardozo de Castro Franzoni
PPGNEIM/UFBA

O feminismo é uma corrente filosófica de reflexão, uma ideologia, mas também um movimento social dinâmico e cambiante, visto que sempre foi um espaço de contestação e resistência que desafiou (e desafia) o status quo. Assim pode-se afirmar que existiram vários feminismos, portanto, o feminismo contemporâneo é fruto de inúmeras concepções, que estiveram atreladas às demandas e as reivindicações de cada época, questionando certezas científicas, verdades universalizantes e paradigmas naturalizados. A inclusão da categoria 'gênero' nos estudos feministas desestabilizou tanto a teoria feminista, quanto desessencializou os discursos científicos. O uso da categoria "mulher", sujeito claro do feminismo, passa a ser questionado e ao mesmo tempo, politicamente, carece ser estrategicamente preservado. Surge ainda um grande desafio teórico: a transversalidade do conceito de gênero. Algumas teóricas feministas defendem a desconstrução dessa categoria. Neste artigo pretendo demonstrar como as diferentes correntes feministas contribuíram para a construção do conceito de gênero utilizado na atualidade.

UMA VISÃO CRÍTICA DO DEBATE ENTRE TILLY E SCOTT

Gustavo do Rego Barros Brivio
PPGNEIM/ UFBA

O trabalho em questão guia-se pelo texto “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, com o objetivo de apresentar, criticamente, o debate entre as autoras Tilly e Scott. Para tanto, as refutações formuladas por Louise Tilly em “Gênero, história das mulheres e história social” serão confrontadas com os argumentos de Scott, na busca de um entendimento reflexivo. É preciso destacar que o texto de Scott encontra-se dividido em três partes. Na primeira seção, pode-se dizer que a autora problematiza os limites das abordagens descritivas da história das mulheres na proposição de uma revisão de conceitos da história; a segunda parte se ocupa da crítica às teorias feministas, enquadradas em três campos teóricos: patriarcado, marxismo e psicanálise. Ainda nesse segundo momento, chama-se a atenção para a desconstrução de Derrida. Finalmente, na última parte do texto, Scott apresenta sua teoria e definição de gênero. A segunda parte de “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” não será debatida pelo presente trabalho, excetuando-se o parágrafo relativo à desconstrução. O debate Tilly-Scott parece mais centrado na primeira e última parte do nosso texto guia. Além disso, pode-se constatar os limites das abordagens descritivas e, em seguida, apresentar gênero enquanto categoria analítica – por mais que se deixe de lado as críticas de Scott ao patriarcado, ao marxismo e à psicanálise.

O PATRIARCADO METAMÓRFICO E O CONCEITO DE GÊNERO

Rita de Cássia Almeida Santos
PPGNEIM/UFBA

Este trabalho tem como objetivo discutir em linhas gerais o enfrentamento das perspectivas baseadas nas relações de gênero frente à fixidez histórica das estruturas patriarcais como possibilidades conceituais e políticas para o processo de transformação de uma sociedade ainda de mentalidade falocêntrica, mas de evidentes instabilidades sócio-simbólicas, como também nos sistemas econômicos. “A única coisa que devemos à história é a tarefa de reescrevê-la”, esta frase de Oscar Wilde é tão instigante quanto perigosa, pois não implica numa negação despropositada dos eventos do passado, mas em refleti-los em seus sentidos e significações. Para o estudo das relações de gênero, a assertiva de Wilde ganha tórus, por entender que pensar historicamente é pensar criticamente os sistemas históricos que definiram as hierarquias dos papéis sociais, assumidos como “verdades”. A produção dos sentidos dos construtos sociais tem sido uma incansável busca dos sujeitos em situação de submissão, entre os quais estão as mulheres. Assim, refletir sobre a construção simbólica da realidade pressupõe analisá-la sob os aspectos da ideologia. Nesse sentido, pensar o patriarcado na contemporaneidade é uma tarefa complexa, porque não podemos prescindir de considerá-lo em suas mutações pelas diferenciações dos contextos históricos, nem também nos perdermos em suas urdiduras por onde passam as relações de gênero, servindo ainda como uma estrutura determinante. Tais considerações constituem-se em mais um paradoxo para quem pretende adentrar pelo estudo de gênero como uma categoria de análise inovadora. As reflexões aqui sugeridas levam em consideração revisões bibliográficas de autoras e autores, cujas contribuições consubstanciam o propósito deste trabalho.

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS, OS DIREITOS SEXUAIS E OS DIREITOS REPRODUTIVOS DAS MULHERES

Simone Andrade Teixeira
UESB

Este estudo teve como ponto de partida minha necessidade de compreender as epistemologias feministas, para então eleger qual delas seria a mais adequada para a minha tese de doutorado, que versa sobre as estratégias que as feministas acadêmicas vêm adotando para a inserção da temática dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos, em suas atividades universitárias. A revisão de literatura foi o principal instrumento metodológico. Dentre as conclusões a que cheguei, destaco que, para a emergência das subjetividades e revelações de silêncios tão próprios à temática em desenvolvimento, uma epistemologia feminista não pode desprezar a emoção enquanto via de conhecimento e que a utilização de ferramentas metodológicas qualitativas são fundamentais para esse fim. Que o empirismo feminista, as epistemologias do ponto de vista feminista e as tendências feministas pós-modernas, longe de se excluírem, podem ser criteriosamente utilizados e enriquecem a produção do conhecimento feminista.

GT – TRABALHO E MOVIMENTOS SOCIAIS

PONTOS E PESPONTOS: A INFLUÊNCIA DA GESTÃO ORGANIZACIONAL NA QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO FEMININO NO SETOR DE COSTURA NUMA EMPRESA DE ESTOFADOS

Alessandra Oliveira de Carvalho Silva
PPGNEIM/UFBA
Renato Macedo Filho
Faculdade de Ciências Empresariais/BA

Esta pesquisa visa discutir a influência da gestão organizacional na qualidade de vida no trabalho feminino, num mercado de trabalho competitivo em que prevalecem os objetivos organizacionais visando a lucratividade acima do bem estar das trabalhadoras e trabalhadores, onde as decisões são pautadas apenas na questão produtiva. Portanto, nesta perspectiva o gênero se apresenta como uma categoria de análise fundamental que permite perceber e discutir as desigualdades existentes entre as condições de trabalho de mulheres e homens nas empresas. A Qualidade de Vida no Trabalho é uma categoria da Administração que permite entender as relações e condições de trabalho existentes dentro das organizações, buscando com essa análise criar um ambiente que proporcione o atendimento das necessidades das pessoas no âmbito laboral, visando o sucesso das empresas. No entanto, lançando um olhar sobre as teorias de gestão, inclusive QVT, percebemos facilmente que tais teorias generalizam homens e mulheres, deixando de considerar a classe trabalhadora como sendo composta de trabalhadores(as) masculinos e femininas, cada um(a) com suas especificidades. Um olhar crítico sobre o cenário onde ocorrem as relações de trabalho e a gestão que coordena esse ambiente leva a perceber que as condições em que está se desenvolvendo o trabalho das costureiras é de precarização e desvalorização, visto que demonstraram insatisfação das suas expectativas. Com uma baixa média salarial, desvantagens em relação aos trabalhadores e acúmulo de tarefas domésticas, constatou-se que as trabalhadoras apresentam pouca qualidade de vida no trabalho.

O TRABALHO DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA – TPC NO CONJUNTO MUTIRÃO E A ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES NA EFETIVAÇÃO DE SEUS DIREITOS.

Maria Olivia da Silva Monteiro
IESC
Andréa Pacheco de Mesquita
UFAL

O nosso trabalho foi desenvolvido no município de Rio Largo com as mulheres do Conjunto Mutirão, um bairro de extrema pobreza econômica, social e cultural. Teve como objetivo desenvolver o Trabalho de Participação Comunitária – TPC, do Programa Habitar Brasil BID, uma perspectiva integrada que articulava a obra (construção das casas) com o social (organização da comunidade na perspectiva de direitos) este projeto envolve as áreas de habitação, saúde, direitos sociais e humanos, educação. Na materialização deste trabalho o redimensionamos para desenvolver as atividades a partir de uma perspectiva de gênero, uma vez que as beneficiadas diretamente eram as mulheres. O primeiro desafio foi a aprovação pelo município e pelos (as) técnicos (as) responsáveis para colocar os documentos das casas nos nomes das mulheres. Após esse passo desenvolvemos inúmeros trabalhos visando a recuperação da auto-estima das mulheres, muitas delas violentadas pelos companheiros e/ou pais e pela própria condição de miserabilidade que estavam submetidas. A luta pela garantia da autonomia das mulheres se deu em vários âmbitos. No âmbito econômico a criação de Unidade Produtiva AS MARIAS, foi um

momento sinequanon para o crescimento do grupo que participou de capacitações, reuniões, debates, feiras de exposição, cursos na UFAL, todos voltados na área de Geração de Trabalho e Renda . Enfim, trabalhamos com a metodologia participativa onde além da produção trabalhávamos temas como as questões de saúde da mulher, violência contra a mulher, auto-estima, direitos sexuais e reprodutivos, educação de jovens e adultos (as), valores, feminismo, aborto, direitos sociais e políticos.

RELAÇÕES DE GÊNERO E INFORMALIDADE NA DINÂMICA RECENTE DO MERCADO DE TRABALHO

Ângela M. C. Araújo
UNICAMP

Os movimentos de expansão da produção flexível impulsionaram em todo o mundo o crescimento do trabalho precário, terceirizado, informal, temporário ou em tempo parcial, bem como a recriação de antigas modalidades de emprego como o trabalho domiciliar, que surge tanto na ponta superior das cadeias produtivas quanto na sua ponta inferior através do trabalho por peça, e das chamadas “cooperativas de trabalho”. Essa reconfiguração do trabalho se deu não apenas mantendo, mas também aprofundando as desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho, na medida em que a maior flexibilização correspondeu à uma crescente informalização da produção e das relações de trabalho e em que a crescente feminização do mercado de trabalho se deu, principalmente, através da participação das mulheres, e em maior grau das mulheres negras, em empresas terceirizadas e em distintas formas de trabalho precário e informal. A partir de dados recentes de fontes como IBGE, OIT e CEPAL é possível mostrar que, se cresceu a participação masculina no trabalho informal, as mulheres continuam sendo maioria tanto nas formas tradicionais da informalidade (trabalho autônomo ou por conta própria, trabalho doméstico entre outros) quanto nas novas modalidades de emprego informal na indústria, nas micro empresas e nas cooperativas de trabalho terceirizadas. O objetivo do artigo é discutir como se reconfiguram, no contexto da reestruturação econômica, as relações entre os seguimentos organizados/formais da economia e as atividades informais e como essa reconfiguração afeta os modos de inserção, a renda e as condições de trabalho das mulheres.

MULHERES QUE TRABALHAM OU MULHERES QUE AJUDAM? RESIGNIFICAÇÕES DO TRABALHO DAS MULHERES PARA A AGENDA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Berlindes Astrid Küchemann
UnB
Tânia Cristina Cruz
CEUB

A discussão sobre os significados dos trabalhos desempenhados por mulheres e o modo como a agenda das políticas públicas pode incorporar tais significações, representa o foco deste texto. A partir de algumas notas do trabalho de campo de uma pesquisa sobre mulheres empreendedoras no contexto da economia popular, busca-se debater a construção social acerca das atividades desenvolvidas por mulheres, em especial aquelas que estão nitidamente em situação de pobreza e exclusão social. Tais trabalhadoras, além de possuírem uma inserção precária no mundo do trabalho, são obrigadas a se articularem entre o universo privado – a casa e a família – e o espaço público, ou seja, entre relações formais e informais de emprego, tendo que enfrentar não somente a vulnerabilidade característica das relações de trabalho atuais, como também, o não-

reconhecimento de suas atividades domésticas, cunhadas de não-mercantis ou inprodutivas, o que, grosso modo, expressa a idéia de que são desqualificadas por desempenharem o cuidado com o lar. A desconstrução deste olhar passa pela elaboração de um novo padrão de gestão social calcado no que chamamos de a crítica anti-utilitarista do padrão econômico vigente. O texto finaliza com uma discussão sobre a importância de um arranjo institucional, viabilizado por meio de políticas públicas, que permita a essas mulheres participarem da vida social sem discriminações e obstáculos com vistas a uma inserção social positiva.

MOVIMENTOS DE MULHERES RURAIS EM REDE

Berenice Gomes da Silva
UnB / IICA
Luciana Nunes Fonseca
UnB

A proposta deste artigo é abordar a relação existente entre os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais e os novos movimentos sociais, a partir do conceito de ação coletiva Melucci (1990) & Sherer Warrner (2005) e de gênero Scott (1995); Sardenberg (2002), Bandeira & Siqueira (1999; 2007) e subsidiado pelo conceito de poder em Foucault (1979; 1997; 2004) e identidade de Hall (1998). A Análise está centrada na Marcha das Margaridas, considerada como uma estratégia política que reúne diversas organizações de mulheres trabalhadoras rurais em prol de políticas públicas para o campo. A questão central deste trabalho é analisar as contribuições do movimento feminista para as ações das mulheres trabalhadoras rurais articuladas em torno Marcha das Margaridas. Nela existe uma identidade política constituída a partir do lugar de pertencimento – o meio rural brasileiro. Entretanto, este mesmo lugar que possibilita tal unidade apresenta limites para uma atuação típica dos novos movimentos sociais, ou seja, a atuação em rede, diante da situação de isolamento provocada pela ausência de infra-estrutura e de equipamentos públicos por parte do Estado. O estreitamento dos laços com o movimento feminista certamente contribui para uma atuação em rede, de forma articulada e para além dos limites geográficos. Entretanto, cabe a seguinte indagação: quais as contribuições e efeitos do movimento feminista, considerado como um projeto político, para a constituição da Marcha das Margaridas enquanto um novo movimento social? Esta é uma questão que será aprofundada no estudo.

FILHAS DA GLOBALIZAÇÃO: TRABALHO DOMÉSTICO E SUA INTERFACE COM O CONTEXTO DO LAZER.

Claudia Veronese
NUPÉ da Cidade/UFRGS

Apesar de não configurarem dentro do debate econômico da relação trabalho/lazer ou da precarização das relações de trabalho, as Obrigações com o Trabalho Doméstico Familiar (OTDF) têm um peso importante no debate sobre o lazer. Este estudo teve como objetivo verificar o papel das OTDF na configuração do lazer de jovens que participaram do Mapa do Lazer Juvenil de Canoas/RS. Como objetivos específicos, buscou-se identificar o peso das variáveis: gênero, raça, local de moradia, idade e número de irmãos. As informações obtidas permitiram criar um banco de dados que foi submetido à análise de frequência através do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para o Windows, versão 11. Para verificar possíveis associações

entre variáveis nominais, utilizou-se o teste estatístico Qui-quadrado para análise de tabela de contingência e estabeleceu-se como nível de significância 5%. Embora tenha ocorrido transformações significativas na sociedade, ainda podemos observar que a instituição lazer está ao lado de outras, como por exemplo a família, a escola, e a religião na produção da desigualdade de gênero. O OTDF são produtos de uma sociedade que identifica na prática doméstica como mais um espaço à formação do feminino em direção a uma desigualdade de oportunidade no exercício do lazer. Porém, o estudo evidenciou também que as variáveis raça, segregação socioespacial, idade e número de irmãos também interferem na produção deste cenário. Por último, destacamos que o OTDF é uma modalidade de trabalho infantil e juvenil que marca decisivamente a história de vida das meninas, principalmente daquelas mais pobres.

GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO COM AS JOVENS GRÁVIDAS DO MOVIMENTO SEM TETO DE SALVADOR

Helaine Pereira de Souza
UCSAL / NPEJI

Enquanto movimento Social, o Movimento dos Sem Tetos de Salvador (MSTS), surge em junho do ano de 2003, após ocupação no bairro de Mussurunga na capital baiana, em assembléia que deliberou a fundação do Movimento. Aponta-se como uma forma de resistência no espaço urbano, que busca não apenas um “teto” particular, mas sim a constituição de “comunidades de bem viver”. O Movimento surge como resposta à violação do direito de moradia. O MSTS é composto majoritariamente por afro-descendentes, dentre estes as mulheres são expressiva maioria. Essa composição do Movimento nos remete a análise da sociedade atual e suas transformações. O presente trabalho é parte de uma pesquisa exploratória que buscou relatar as experiências das adolescentes grávidas do Movimento Sem Teto de Salvador. Mostrando a sua participação no MSTS, bem como suas trajetórias e expectativas como jovens gestantes, como atuam nesse movimento marcado pela intinerância. Como classificam a gravidez, o conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, o apoio da família, o papel do genitor. São algumas questões que levantaremos. Para tanto foi utilizado a técnica de grupo focal, confrontada com questionários individuais.

POLÍTICAS PÚBLICAS, TRABALHO INFORMAL E GÊNERO

Iracema Brandão Guimarães
PPGNEIM/UFBA

O presente trabalho se propõe a situar alguns aspectos das políticas sociais, centrando o foco no cenário institucional das políticas públicas para o trabalho e nas suas mudanças em relação às atividades informais. Dois tipos de questões merecem a nossa atenção: os conselhos de participação e a necessidade de desenvolvimento de propostas ajustadas aos objetivos da participação feminista, e o crescimento do trabalho das mulheres pela via da informalidade que vem sendo valorizada pelas atuais políticas do setor informal, cujas características, tais como a ausência de regulamentação, dispersão e obstáculos ao associativismo - este último também transformado em prerrogativa das atuais políticas - parecem ampliar os desafios para se agregar as questões de gênero. Assim, o real alcance dos programas de geração de emprego e renda e de economia solidária nem sempre se ajustam às experiências de vida das trabalhadoras de baixa renda, bastante distantes da gestão de negócios.

ALIMENTAÇÃO E TRABALHO DOMÉSTICO: RESPONSABILIDADES DE MULHER EM ASSENTAMENTOS RURAIS

Ivana Leila Carvalho Fernandes
Universidade Federal do Ceará

Este trabalho trata da temática alimentação e trabalho doméstico em assentamentos rurais. O objetivo é analisar qual o papel das mulheres na realização destas duas atividades. O estudo foi realizado no Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo em um assentamento de reforma agrária no Ceará sobre a metodologia da pesquisa-ação. Acompanhamos a jornada de trabalho diária das mulheres observando a disponibilidade de recursos disponíveis para a elaboração das refeições e do tempo gasto para a realização das tarefas domésticas. Percebemos que a elaboração das refeições é um processo que acontece em meio as várias outras atividades domésticas, sem muita variedade, mas feito com a preocupação de satisfazer todos os membros da família. Fizemos um levantamento das atividades realizadas pelas mulheres dentro e fora de casa e do horário em que cada tarefa é realizada, em seguida comparamos com a jornada de trabalho diária dos homens na perspectiva de perceber qual valorização dada aos trabalhos realizados por homens e mulheres no assentamento. Percebemos uma grande preocupação das mulheres em oferecer uma alimentação de qualidade a seus filhos e maridos, bem como o interesse de participar de oficinas sobre educação alimentar realizadas durante o estudo, ao mesmo tempo tivemos dificuldades na realização das nossas atividades pelo fato de elas terem horários estabelecidos para a realização das suas tarefas domésticas.

A MULHER PESCADORA NA BAÍA DO IGUAPE/BAHIA

Jeruza Jesus do Rosário
UNEB

Este trabalho é fruto das pesquisas iniciadas em Março/2007 sobre o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista (Resex) marinha Baía do Iguape/Bahia localizada no Recôncavo Sul Baiano. Utilizo a contribuição de informações acerca da mulher pescadora colhidas em conversas informais e entrevistas gravadas com estas mulheres e pessoas outras ligadas ao seu cotidiano. Muitas mulheres lançaram-se na atividade pesqueira, reconhecidamente masculina, pois, sem escolha, teriam que buscar o sustento de alguma forma; disto, desenvolveu-se a forma de trabalho pesqueiro feminino e, conseqüentemente, espaço para a construção de alternativas de luta pois se configura em uma atividade carente do devido reconhecimento. A compreensão da realidade social impõe que se teorize sobre os processos de construção de experiências e de significados dentro do espaço, já que uma concepção social da cultura torna-se, a partir daí, ferramenta analítica de primeira hora. Um contingente cada vez maior de mulheres constituem um grupo que cresce em busca de direitos igualitários, socialmente justos, onde a cultura vai se delineando nas vivências na Baía do Iguape.

GÊNERO NOS MOVIMENTOS DE LUTA PELA TERRA: MULHERES SEM TERRA, MULHERES SEM TETO

Luciana da Luz Silva
PPGNEIM/UFBA

Este trabalho propõe empreender uma comparação analítica das relações de gênero no âmbito de dois movimentos sociais de luta pela terra: o MSTS (Movimento dos Sem Teto da Bahia) e o MST (Movimento Sem Terra). O objetivo precípua é problematizar tais relações (de gênero e poder) no âmbito dos movimentos de militância social, os quais, por vezes não raras, reproduzem em seus regimentos, suas práticas, na divisão do trabalho e em suas políticas educacionais e de formação política as posturas androcêntricas e sexistas observadas na sociedade. Analisar-se-á a realidade de assentamentos e acampamentos do MST no interior do estado da Bahia e ocupações do MSTS na capital baiana, estabelecendo as inúmeras distinções entre ambas as realidades (uma urbana, outra rural; um movimento de âmbito nacional, outro local; um conta com 25 anos de luta e história, outro existe há apenas cinco anos; etc.), mas ressaltando seus pontos de contato (ambos movimentos contestatórios de luta pela terra, compostos majoritariamente por mulheres negras e coordenados em sua maioria por homens). A metodologia adotada é a entrevista semi-estruturada realizada junto a mulheres da base e da coordenação de ambos os movimentos, bem como a análise dos regimentos internos, a fim de estabelecer como tais mecanismos se concretizam na prática cotidiana. Tencionamos identificar como o MST e o MSTS se posicionam diante das questões de gênero e constatar se os instrumentos estabelecidos pelos movimentos para promover a igualdade de gênero entre seus militantes (quando houver) de fato atendem a tais propósitos.

CAPRICHOS E TRAPICHES: CONCEPÇÕES EM TORNO DO TRABALHO FEMININO, EVIDENCIADO A PARTIR DE UM OLHAR SOBRE A ATIVIDADE FUMAGEIRA EM CONCEIÇÃO DO ALMEIDA-BA. 1960-1980

Margarete Nunes Santos Gomes
UNEB

No Recôncavo Baiano, especificamente em Conceição do Almeida-Ba, entre as décadas de 1960 a 1980, muitas mulheres firmaram suas histórias vinculadas à atividade fumageira nos armazéns e no cultivo agrícola do fumo. Partindo das condições desse trabalho, do cotidiano e das memórias, buscou-se analisar os múltiplos aspectos dessa vivência. Para traçar o perfil das mulheres trabalhadoras da atividade fumageira, dedicou-se uma maior atenção às memórias e as relações formadas no trabalho, na família, os laços de solidariedade, além das estratégias de resistência e as relações de poder travadas neste âmbito. Se referindo ao contexto dos papéis que essas mulheres desempenharam, há uma especial atenção às histórias de vida das trabalhadoras, vinculadas à história oral numa dimensão comparativa de suas histórias, visando entender como essas mulheres trilharam esse cotidiano. A intenção é revelar a diversidade de experiências que se ocultaram na vivência dessas trabalhadoras, as quais atingiram diretamente a formação de suas identidades, buscando assim, entender as condições históricas de vida e de trabalho do seguimento social ao qual pertenciam.

FEMINISMO, MILITÂNCIA E METAS POLÍTICAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: O CASO DO MST

Maria de Lourdes Novaes Scheffler
NEIM/UFBA

Criado oficialmente em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST transforma-se em um movimento nacional propondo-se a lutar por mudanças sociais no país e pela construção de uma sociedade sem exploradores e explorados. Tais mudanças, contudo, demandam o enfrentamento de novas questões, baseadas na complexidade da vida social, como seja, m, as relações de gênero e não mais apenas na questão da luta de classes, considerada insuficiente para dar conta das iniquidades sociais e da multiplicidade de necessidades demandadas pelos sujeitos. Esses complexos processos produzem tensões, centrando-se aí a principal dificuldade do movimento: trazer as lutas por emancipação, travadas nos espaços públicos para a esfera do cotidiano, politizando-o, ou seja, conciliar os processos coletivos com a experiência pessoal de seus integrantes. Este trabalho tem como objetivo analisar estratégias de luta das mulheres do MST e os modos como as militantes operam os problemas do cotidiano no âmbito desse movimento. Utilizam-se informações dos Acampamentos de Mulheres Rurais e Indígenas, realizados anualmente em Salvador, durante a semana que culmina com o dia Internacional da Mulher. Esses acampamentos constituem-se espaços de encontro, mobilização e de reivindicação, mas, sobretudo, de troca de saberes, conscientização e aprendizado político. Esse aprendizado é oportunizado pela participação das mulheres em atividades, tais como, palestras, debates, caminhadas, mas, sobretudo, o ciclo de oficinas, geralmente coordenado pelo NEIM/UFBA. Utilizam-se programações de eventos (2001/2008), resultados de observação participante, registros e depoimentos de mulheres integrantes das oficinas e lideranças do movimento.

RELAÇÕES DE GÊNERO, DESENVOLVIMENTO LOCAL E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA COMUNIDADE MEM DE SÁ, ITAPORANGA D'AJUDA/ SE

Mônica Cristina Silva Santana
NPPCS/ UFS

As lutas das comunidades tradicionais por sobrevivência e dignidade relacionam-se à permanência de uma diversidade de modos de vida e de usos diferenciados dos espaços costeiros e marinhos e é essa a realidade do povoado Mem de Sá, em Itaporanga D'Ajuda/SE. Entre populações pesqueiras, a produção das mulheres é tão importante quanto à dos homens, ainda que não seja reconhecida como tal. De fato, em um contexto de produção de mercadorias, as atividades voltadas ao mercado alcançam necessariamente maior visibilidade, obscurecendo-se as outras dimensões da divisão social do trabalho e, em particular, as conexões que se estabelecem entre a casa e o mundo do trabalho. Os riscos e ameaças vividas pelas comunidades de pescadores artesanais têm conseqüências graves nas famílias, podendo-se dizer que, em grande medida, a capacidade de resistência dessas comunidades repousa nas estratégias de sobrevivência implementadas pelas mulheres e homens. Daí a importância de se conhecer e de se buscar mecanismos de apoio aos trabalhos desenvolvidos pelos diferentes membros dos grupos doméstico nessa comunidade, na esfera produtiva e, também, reprodutiva. Este estudo visa desvendar os papéis das mulheres na pesca e no cotidiano de trabalho. Desvendar as vinculações entre o que se passa em terra e no rio, analisando como elas assumem, no dia a dia, parte dos riscos da atividade pesqueira.

TRABALHO FAMILIAR, COMPOSIÇÃO DOMÉSTICA E PERTENCIMENTO ENTRE OS “NEGROS DA JUREMA”

Renata Cytryn Alves Nascimento
PPGA/UFBA

O trabalho rural despertou-me o interesse em pesquisar as principais relações sociais que se organizam em torno das atividades agrícolas. A partir do trabalho de campo e das leituras científicas a “família” apresentou-se como uma das principais categorias de investigação no âmbito da antropologia do campesinato. Por tanto, esta pesquisa objetivou compreender a família em torno das atividades de trabalho, como também reconhecer os principais atores sociais envolvidos. Neste estudo de caso, realizei uma interpretação do trabalho agrícola no povoado rural da Jurema em Monte Santo - Bahia, revelando através do olhar antropológico as concepções locais que operam no contexto contemporâneo. Optei por compreender os papéis sociais na condição do ato de trabalhar por dois motivos simples: primeiro, observo que é nesse universo que a identidade sócio-cultural se reproduz, e segundo, e pelo fato de que os próprios juremeiros destacam estas atividades como a principal temática do cotidiano. Ser camponês nesse sentido, implica em uma série de conhecimentos que são transmitidos eminentemente pelo Grupo Doméstico, doravante GD, a partir dos processos de socialização. Para tanto, analisei as principais características por casa, para observar a importância dos atores sociais na divisão social do trabalho, através de uma perspectiva de análise focada nas relações entre os gêneros e as gerações, ou seja, entre homens e mulheres através das diferentes classificações etárias. Para tanto destaco a importância de homens, mulheres e crianças no processo de construção da realidade social na Jurema.

CATANDO CHUMBINHO: ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA DAS MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA (1960-1990)

Rosana Costa Gomes
UNEB

Esta pesquisa se refere ao cotidiano das marisqueiras de Salinas da Margarida, município localizado no Recôncavo Sul da Bahia, situado na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguaçu, na Baía de Todos os Santos. A mariscagem feita por estas mulheres é uma prática que consiste no processo de catar nas areias das praias, pequenas conchas das quais são retirados os mariscos, conhecidos no local como chumbinho. Esta atividade envolve relações de trabalho em grupo, que perpetua uma tradição marcada por aspectos próprios, referenciando a luta pela sobrevivência das marisqueiras e suas famílias. A exploração de fontes orais é um importante suporte na pesquisa, pois permite a compreensão do viver das marisqueiras, dos seus costumes, os mecanismos de socialização, como a prática da mariscagem é passada de geração para geração, as formas utilizadas na superação das dificuldades, seus sonhos, desilusões e as mudanças sócio-geográficas ocorridas na cidade que interferiram na mariscagem. As marisqueiras inseridas na abordagem da história regional, com suas histórias de vida que retratam o concreto do cotidiano e a especificidade da singularidade de suas práticas de vida, contribuem para a totalidade da história local. É no espaço das areias das praias embebidas pelas lamas dos manguezais, que elas se lançam vivificando uma tradição que lhes foi passada por gerações de outrora. Mesmo com o avanço tecnológico no campo da ciência moderna, e diante da evolução urbana pela qual Salinas da Margarida tem atingido no contexto da globalização, a arte de mariscar, não perdeu importância na vida dessas mulheres que se engajam com vigor na sedenta peleja em prol da sustentação de suas vidas.

MULHERES NEGRAS E TRABALHO FABRIL EM SÃO GONÇALO DOS CAMPOS

Rosana Falcão Lessa
UEFS

Esse trabalho objetiva-se evidenciar a importância da categoria de análise gênero e da oralidade, que emergiram a partir da década de 70, dando visibilidade ao cotidiano, a partir da análise de várias fontes documentais oficiais e privadas, associadas à História Social, que abriu a possibilidade de entender as dinâmicas sociais, romper com as análises essencialistas sobre as mulheres, desconstruir mitos legitimados pelas análises tradicionalistas da história, assim como perceber as estratégias de sobrevivência das mulheres negras nos pós- abolição. Nesse contexto de alargamentos dos estudos históricos é que surge a possibilidade de trazer à tona o cotidiano das mulheres fumageiras de São Gonçalo dos Campos, que foram as primeiras a buscar o sustento fora do âmbito doméstico, foram protagonistas de várias conquistas sociais na cidade, criaram o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo separadamente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, esse sindicato foi palco de várias discussões e conquistas para esses trabalhadores, indo de encontro aos interesses das elites locais, pois estas se constituíam, na maioria dos casos, de donos de armazéns de beneficiamento do fumo que exploravam o trabalho dos trabalhadores rurais, dando a estes recursos financeiros insignificantes.

O PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO DAS TRABALHADORAS RURAIS DE FEIRA DE SANTANA VINCULADAS AO SÍNDICATO (1989-2002)

Tatiana Farias de Jesus
PPGNEIM/UFBA

O processo de mobilização das trabalhadoras rurais e sua participação na direção sindical, assim como a luta por melhores oportunidades para o(a) trabalhador(a) do campo são os principais focos deste trabalho. Serão analisadas as movimentações em torno de suas reivindicações e a participação delas na política interna do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Feira de Santana (STRFS). O recorte cronológico almeja investigar o processo de conquista da direção sindical pelas mulheres (1989) e as transformações desencadeadas a partir de então, como a criação da Secretária de Mulheres no STRFS, espaço institucionalizado para atender suas demandas específicas. Para isso, analiso um acervo de documentos da entidade, além de alguns registros publicados nos jornais da imprensa local durante o período. Nesse sentido, pretendo dialogar com as práticas, estratégias de luta e de mobilização das trabalhadoras rurais inseridas na vida sindical. Assim, é fundamental a utilização do conceito de “Gênero” como categoria de análise que permitirá compreender as relações entre homens e mulheres (e entre elas) nas disputas internas por espaços de decisão e na própria construção destas enquanto sujeitos políticos.

GT – GÊNERO E VIOÊNCIA

MULHERES QUE ABORTARAM EM DECORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Bárbara Angélica Gómez Pérez
Michelle Araújo Moreira
EEUFBA

Estudo descritivo e exploratório, com abordagem quali-quantitativa, fundamentado na Teoria das Representações Sociais. A pesquisa desenvolvida em 2006, teve como objeto as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado e objetivo analisar as representações sociais de mulheres sobre o aborto provocado. Os sujeitos foram constituídos por 147 mulheres que provocaram aborto e teve com locus uma maternidade pública, Salvador-BA. Utilizou-se multimétodos: entrevista e Teste de Associação Livre de Palavras. Foram considerados os aspectos éticos da Resolução 196/96 do CNS. Os dados foram processados através do Excel, do software EVOC 2000 e da análise temática. Os sujeitos caracterizam-se, predominantemente, por jovens, negras, de baixa escolaridade, dependentes economicamente do marido/companheiro; e que justificam a prática do aborto pela: situação econômica, violência doméstica, idade jovem e pelo fato de atrapalhar planos para o futuro. O estudo mostrou também uma associação entre a vivência de violência doméstica e o aborto provocado, inclusive histórias de violência na gestação atual. O adoecimento físico e psicológico também foi encontrado, mostrando que a experiência do aborto está associada ao estresse pós-traumático. Os elementos do núcleo central que qualificam o ato do aborto como crime e pecado motivam a prática do ato através da coragem. Conclui-se que o abortamento é vivido de forma sofrida e solitária, pois é a mulher que “coloca o dedo no gatilho”. O estudo aponta também para a necessidade de projetos de intervenções, no sentido de articulação entre a formação acadêmica, os serviços de saúde e as políticas públicas para o atendimento às mulheres em situação de abortamento e violência doméstica, observando as questões de gênero.

INTERSECÇÕES ENTRE O PODER JUDICIÁRIO E O MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO

Elizabeth Bittencourt
UFBA

A importância da conexão do Movimento Feminista e o Poder Judiciário reside nos resultados efetivos que poderá advir. A atenção específica da luta das Mulheres poderá trazer o Poder Judiciário para mais perto da população, ao tempo em que o movimento de libertação feminista ganha impulso incomensurável, em suas conquistas. A Lei Maria da Penha fez abrir um diálogo entre Movimentos de Mulheres e o Poder Judiciário, até então inexistente. Como efeito secundário essa Lei abriu espaço para o tema específico da luta emancipatória das mulheres brasileiras, para se manifestarem com força e atualidade. Propõe-se abertura sistemática de apropriação de conhecimento jurídico de interesse para as Mulheres fazerem valer os Direitos de Cidadania brasileira

a partir de temas como: Lei Maria da Penha, Guarda Compartilhada dos Filhos, Direito de Família, e Direitos Humanos Universais. Essa intersecção se justifica diante da compreensão de que o Judiciário é o penúltimo Poder a ser DEMOCRATIZADO, no Brasil. Isso porque a Justiça, em nosso meio, tem passado uma imagem de ineficiência; que poderá ser modificada, a partir de propostas como esta, de capacitação das Mulheres em conhecimentos jurídicos de interesse atual para toda a sociedade, iniciando por elas. Propõe-se oferecer exposições, debates e documentação, através de todos os meios de divulgação, sobre os temas jurídicos atuais, de interesse imediato da população, com chamada especial para as Mulheres brasileiras.

ROMPENDO O SILÊNCIO: O RECONHECIMENTO DA VIOLÊNCIA CONJUGAL PELAS MULHERES E SUAS EXPECTATIVAS FRENTE A DENÚNCIA

Gleide Regina de Sousa Almeida
Tânia Christiane Ferreira Bispo
UNEB

O reconhecimento da violência conjugal entre as mulheres é um problema inserido nas estruturas familiares, pois muitas mulheres não admitem que são incididas pela violência do seu companheiro ou ex-companheiro. Quando estas mulheres necessitam mudar a estrutura desequilibrada da família, a denúncia torna-se uma estratégia de mudança no comportamento do agressor, embora muitos desses registros não têm o desfecho da denúncia por completo. O presente trabalho objetiva analisar como as mulheres reconhecem a situação de violência conjugal no seu relacionamento e suas expectativas com o ato da denúncia. Realizou-se um estudo qualitativo, no ano de 2006, com mulheres em situação de violência conjugal e que procuraram a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher com a finalidade de denunciar. Foi observado que as mulheres reconhecem que estão vivenciando a violência conjugal quando: os companheiros mantêm relacionamentos amorosos extraconjugais, sofrem agressão física com ameaça de morte, o companheiro agressor a expõe na sociedade de maneira depreciativa e os atos violentos atingem a integridade física e psicológica. As expectativas das mulheres ao denunciar o agressor são: romper a relação, prevenir os episódios violentos, mudar o comportamento do agressor e formalizar a denúncia na delegacia. A denúncia ocorre quando a mulher decide não conviver com a situação de dominação pelo medo, de opressão pela desigualdade e resolve tornar público um assunto de domínio antes privado, onde o ambiente violento é a própria moradia e os agressores são as pessoas as quais, as mulheres, mantêm um relacionamento afetivo.

OS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE APOIO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: EXPERIÊNCIAS NO CARIRI

Joselina da Silva
Nicácia Lina do Carmo
Marta Benjamim da Silva
UFC

Este texto é parte integrante de uma pesquisa em andamento que se propõe a constituir um mapeamento das instituições jurídicas e institucionais que atuam no apoio às mulheres vítimas de violência, em três cidades da região do Cariri. Neste trabalho - com o apoio da FUNCAP, na bolsa BPI- estaremos apresentando análises iniciais a partir dos dados coletados na Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM), do Crato, no Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, de Juazeiro do Norte e do Conselho da Mulher de Barbalha (Ceará). O universo do estudo tem como delimitação observar as ações e atribuições dos diversos aparatos oficiais de apoio às mulheres vitimadas por violências. Nosso campo de observação se estrutura a partir da análise dos dados disponibilizados pelos setores públicos. Para a realização deste trabalho investigativo, tem nos guiado perguntas iniciais tais como: Quando foram criados estes aparatos? O que deflagrou seu surgimento? Que ações vêm desenvolvendo? Qual a estatística de casos atendidos? Qual o perfil de violências mais recorrentes, na região? Qual o perfil das vitimadas? Esta pesquisa vem sendo realizada no âmbito do N'BLAC (Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais), da Universidade Federal do Ceará, campus avançado do Cariri.

LEI MARIA DA PENHA E O CONCEITO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E INTRAFAMILIAR

Maria Eduarda Ramos
Mara Coelho de Souza Lago
UFSC

A Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, nomeou juridicamente violências específicas contra mulheres: violência doméstica e intrafamiliar (violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral). Ao nomeá-las foram feitas conceituações, definindo o que é cada termo. Neste trabalho pretendo fazer uma reflexão sobre esses conceitos e sobre quais discursos são criados a partir da lei sobre essas práticas. Para o primeiro objetivo citado acima, farei relação entre a perspectiva legal e as teorias feministas sobre violência contra mulheres. E para o segundo tópico citado, farei uma discussão com as falas de algumas mulheres que sofreram violência sobre a lei.

LEI MARIA DA PENHA – UMA BREVE REFLEXÃO

Mirian Possamai Barbosa
PPGNEIM/UFBA

O atual processo de globalização neoliberal ao mesmo tempo em que intensifica as desigualdades e as exclusões sociais, busca fixar limites à ampliação da cidadania. Ao lado disso, as revoluções tecnológicas e informacionais reorganizam as relações sociais e favorecem a constituição de novos sujeitos de direito. Uma das consequências dessas transformações é a resignificação do conceito e do papel do Estado Nacional enquanto agência reguladora da vida em sociedade. Assim, distintos movimentos e organizações têm refletido e elaborado um outro projeto político com inclusão de diferentes sujeitos, desde uma perspectiva de classe, raça/etnia, geração, religião, orientação sexual e gênero, entre estes está o movimento feminista. Nesta linha, encontra-se a proposta do presente artigo, que é buscar refletir sobre o impacto social da Lei Maria da Penha - Lei de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher que entrou em vigência em 22 de setembro de 2006.

AS BASES CONSTITUCIONAIS DA LEI MARIA DA PENHA

Salete Maria da Silva
PPGNEIM- UFBA

A Constituição Federal vigente, promulgada em 5 de outubro de 1988, significou, no plano jurídico nacional, um grande marco legislativo no tocante aos direitos da mulher e à ampliação de sua cidadania. No Brasil, o ano de 2008 será marcado por discussões e comemorações dos vinte anos desta Lei Maior. Neste mesmo ano comemoram-se os dois anos de promulgação da Lei 11.340 de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Por se tratarem de duas leis em cuja elaboração houve ampla participação das mulheres, e por ser esta última fruto do processo constitucional que já previa a necessidade de enfrentamento da violência no âmbito das relações familiares, mais precisamente em seu artigo 226, parágrafo 8º, apresentamos, por meio desta pesquisa, reflexões acerca das bases constitucionais da Lei Maria da Penha a fim de fazer face as discussões e argumentos tendentes a afastar a sua implementação e aplicabilidade sob o pretexto de inconstitucionalidade.

A GÊNESE ANTROPOLÓGICO-JURÍDICA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO PANORAMA BRASILEIRO: UM ESTUDO À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Valnêda Cássia Santos Carneiro
FACULDADE 2 DE JULHO

A mulher, no contexto da sociedade latino-americana, ainda é portadora de diversos traços que marcam sua fragilidade factual perante os homens, tanto sob o aspecto físico, quanto sob a ótica familiar e econômica. Por outro lado, os países do continente americano têm apresentado significativos avanços no combate desta condição, através de políticas públicas de cunho legal e administrativo, que reconhecem a realidade vivida pela mulher e demonstram o compromisso institucional de modificá-la. Neste contexto, o Brasil apresentou avanços neste quadro, tendo como mais recente a promulgação da lei Maria da Penha, mas sem serem desprezados outros marcos, mais remotos, como a promulgação da Constituição Federal de 1988 e do Código Civil de 2002. O objetivo deste artigo é apresentar para a comunidade científica o retrato destes avanços e o seu impacto em resultados sensíveis na realidade jurídico-social no Brasil. Para tanto, foi realizado um levantamento histórico da condição feminina desde os primórdios da colonização até o presente momento. Verificou-se, em síntese, que a superação da desigualdade feminina encontra-se mais localizada no prisma cultural que propriamente jurídico - embora este seja da mais alta relevância - possível de ser alcançada pela difusão da consciência sobre os direitos humanos e da mulher neste contexto.